No Sete Ponto Sete: do futebol ao acordo ortográfico

Diário de Lisboa

Ano 66 N.º 22 093 Terça-feira, 24 de Junho de 1986 Preço 40$00

D. Branca: depósitos eram de 17,5 milhões de contos

Pág. 8

PS, PCP e MDP contra a confiança

CAVACO: SÓ O PRD O PODE SALVAR

O PRD é a última esperança do Governo de Cavaco. Mas é previsível que mesmo a abstenção dos renovadores irá fazer «suar» as hostes governamentais. Quanto aos outros partidos da oposição já se sabe que o PCP e o MDP estão decididos: confiança a Cavaco, nunca. Das bandas do PS a posição final sairá da reunião da Comissão Permanente que hoje se realiza. De qualquer forma também se espera que a rejeição da moção de confiança venha a ser aprovada. Entretanto, sabe-se que a oposição parlamentar vai responder esta noite, a seguir ao Telejornal, à comunicação ontem feita ao país pelo primeiro-ministro. A decisão foi tomada esta manhã pela conferência de líderes parlamentares e prevê que representantes do PS, do PRD, do PCP, do CDS e do MDP falem perante as câmaras da RTP antes da telenovela, a exemplo do que fez Cavaco Silva.

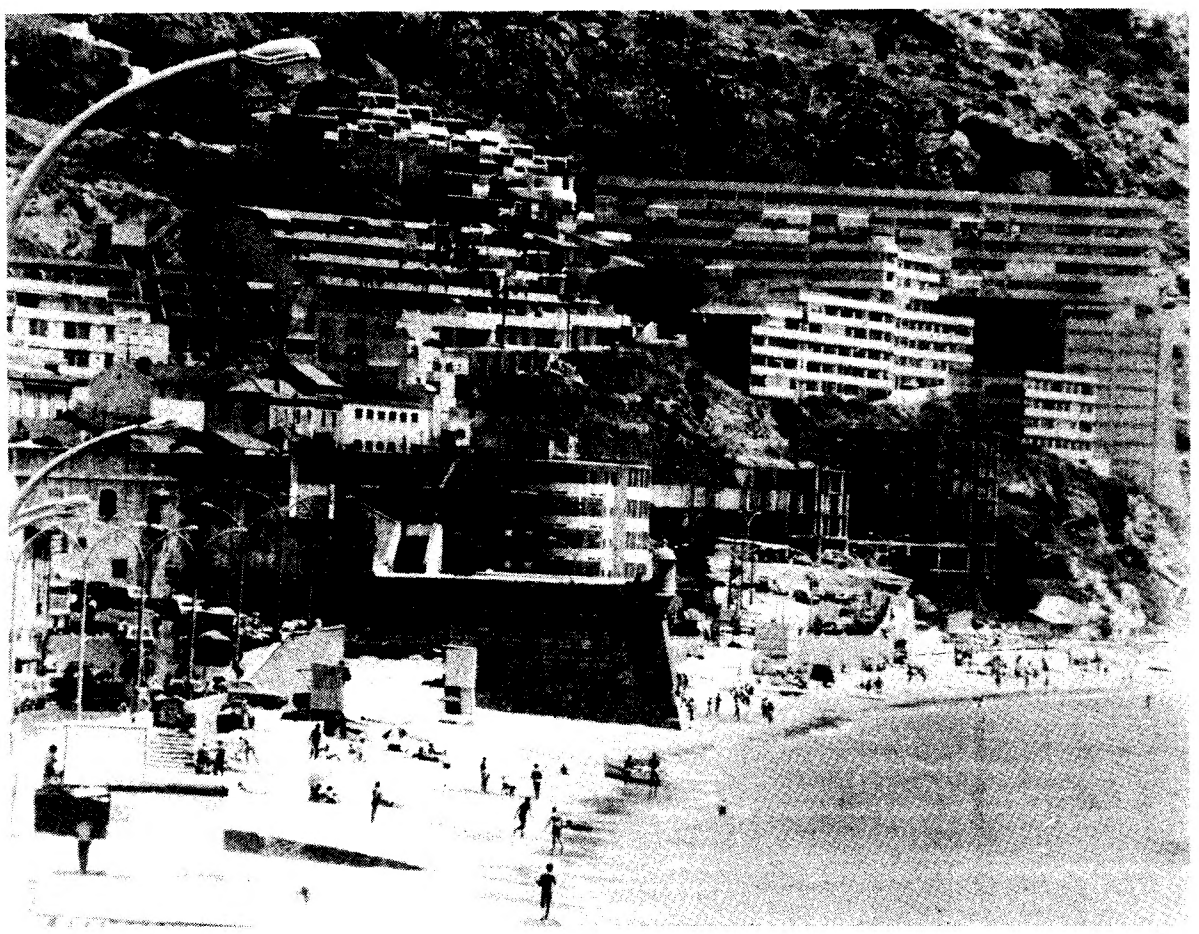
Págs. 2 e 3

SESIMBRA

Voltam os santos abre o veraneio... e os problemas

Sesimbra está a recuperar a tradição dos «santos populares» na convicção de que as tradições das suas gentes não morreram. É uma iniciativa que antecede a lufa-lufa do veraneio e o avivamento dos problemas, do saneamento básico ao trânsito, que se eternizam.

Págs. 10 e 11

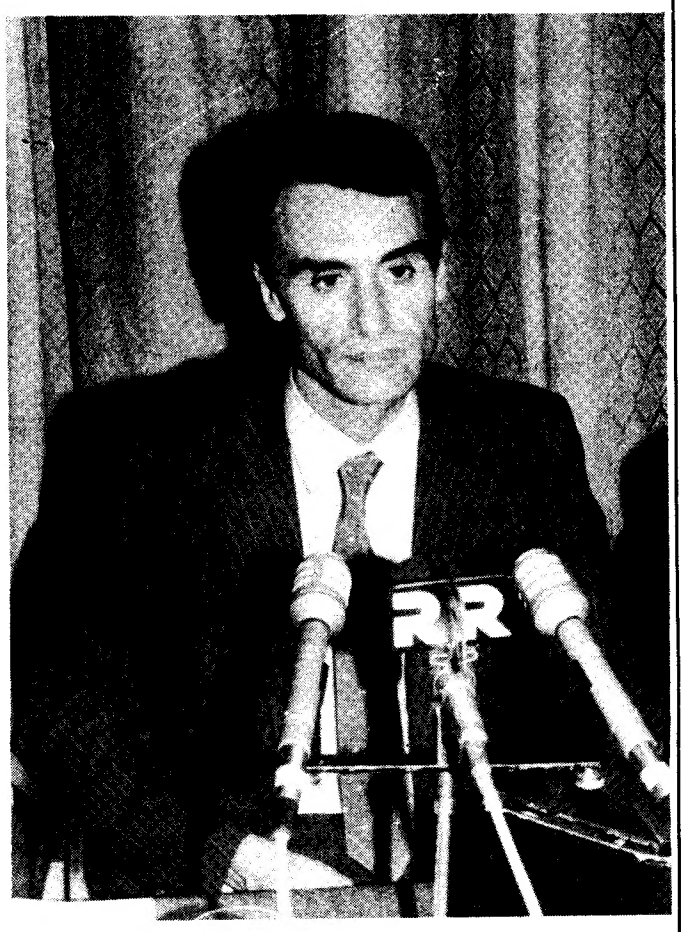


«DL» ACOMPANHA O MUNDIAL DO MÉXICO COM O APOIO DA LAGOSTA REAL

A menos que o Parlamento rejeite a sua política

Cavaco Silva não quer demitir-se

O Primeiro-Ministro, Aníbal Cavaco Silva, afirmou ontem à noite que o Governo não se demitirá das suas funções. Através de um comunicado dirigido aos portugueses e transmitido pela Televisão, o chefe do Executivo disse que não podia deixar de perguntar à oposição se ele próprio pode ou não executar o mandato que lhe foi confiado.



A comunicação de Cavaco Silva foi feita algumas horas depois de o seu Governo apresentar na Assembleia da República um voto de confiança ao Parlamento, o qual será de resto debatido nas sessões parlamentares de amanhã e depois. O Primeiro-Ministro foi assim explicar à TV as razões pelas quais o Executivo solicitou tal voto, apresentado logo após a Assembleia da República ter chumbado o pedido de autorização legislativa sobre o pacote laboral.

Aníbal Cavaco Silva afirmou, no seu discurso, que «seria muito grave para o País e para os portugueses» se os deputados assumissem a responsabilidade de chumbar o Governo. «Vamos perguntar à Assembleia da República se o Governo pode ou não executar o seu programa — o programa que a própria Assembleia da República viabilizou», disse, para logo acrescentar: «Vamos perguntar à Assembleia da República se o Governo pode ou não exercer com plenitude os seus poderes jurídico-constitucionais».

Cavaco Silva considerou depois que a resposta, caso seja negativa, significa, nos próprios termos da Constituição, a demissão do Governo. «Se não nos deixarem continuar, fica claro que a responsabilidade não será nossa», acrescentou.

Cavaco quer «mudanças profundas»

O chefe do Governo explicou no seu discurso de mais de 1300 palavras que o Executivo que lidera pretende para Portugal «mudanças profundas», as quais, no seu entendimento, «passam por alterações das leis em vigor». Segundo Cavaco Silva, estas alterações são necessárias para que possam «acabar os desperdícios em dinheiro». Citou entretanto dois exemplos que apelidou de «elucidativos».

De acordo com as suas palavras, «até hoje, as empresas públicas proprietárias de Televisão, da Rádio e dos jornais do Estado custaram aos portugueses 18 milhões de contos». O segundo exemplo apresentado por Aníbal Cavaco Silva diz respeito ao da alteração da legislação laboral. «No anterior governo — afirmou — os dois partidos que o integravam — o Partido Socialista e o Partido Social-Democrata — chegaram a completo acordo sobre o texto dessa legislação». E continuou: «Como é sabido, um desses partidos é hoje Governo e outro oposição. O Governo pediu autorização à Assembleia para legislar; mas, para não criar dificuldades a ninguém, enviou logo, com o pedido de autorização, o texto integral do futuro decreto-lei, que era igual ao que tinha sido acordado há um ano». «Mas nem assim a proposta passou», disse.

O Primeiro-Ministro afirmou que o seu Governo não tem «procurado conflitos com ninguém». «Temos demonstrado pelo senhor Presidente da República o respeito que lhe é devido; temos procurado desenvolver com a Assembleia da República uma correcta relação institucional», acrescentou o governante.

Governo respeita estatuto da oposição

Aníbal Cavaco Silva salientou que «nenhum Governo como o seu deu tanta atenção às oposições; nenhum Governo respeitou como este o estatuto da oposição». E acrescentou: «Queremos continuar e Portugal quer que continuemos».

A determinado passo da sua comunicação, o chefe do Executivo afirmou que se tem notado cada vez mais «o propósito de alguns partidos da oposição recusarem toda e qualquer proposta do Governo». E acrescentou: «Pusemos o País a caminhar para a frente». Aníbal Cavaco Silva considerou que a Assembleia da República «tem invadido áreas da competência do Governo, mudando mesmo os diplomas que este produz para lhes retirar o alcance e diminuir a eficácia». «Perante isto — continuou — o Governo tem procurado superar os obstáculos que lhe têm sido criados para que, apesar de tudo, se consiga alcançar o progresso e melhorar as condições de vida dos portugueses». Acentuou finalmente que o Executivo tem manifestado «uma vontade e disponibilidade constantes para o diálogo».

PRD: Cavaco ilude os portugueses

A comissão directiva do PRD acusou Aníbal Cavaco Silva de estar a «iludir os portugueses, pretendendo pretextos para fugir às dificuldades e ignorar responsabilidades». Através de um comunicado em que analisa e critica a comunicação do chefe do Executivo, a comissão directiva dos renovadores democráticos, que esteve reunida até ao princípio da madrugada, sublinha que o Primeiro-Ministro «confirmou a ideia de que os portugueses vão começando a formar do Governo: desculpas, queixas, acusações sem fundamento». Desta forma, lê-se ainda no documento, «o Governo procura valorizar acções de promoção, ocultando o desemprego crescente, a economia estagnada, a falta de acção eficaz no relacionamento com a CEE».

Para o PRD, o Primeiro-Ministro «confunde a falta de autorização legislativa para um conjunto de leis laborais com a sua falta de vontade em apresentar e submeter à discussão essas mesmas leis» e «omite, voluntariamente, que a Assembleia viabilizou o Governo minoritário, acelera os prazos para discutir as suas iniciativas e aprovou mais de 90 por cento das suas propostas já discutidas».

Diz-se no comunicado que o PRD vai solicitar à RTP que lhe seja concedido o direito de resposta à comunicação do Primeiro-Ministro e acrescenta que «o ideal do Governo não pode, nem deve ser, o de governar sem oposição nem Parlamento, nem o de iludir os portugueses pretendendo pretextos para fugir às dificuldades e ignorar as responsabilidades».

UDP: Cavaco e a demagogia

O secretariado da comissão nacional da UDP considerou também que o discurso de Cavaco Silva «não passou de demagogia eleitoral». Este órgão partidário está todavia reunido esta manhã, em Lisboa, para analisar as consequências da apresentação pelo Governo da moção de confiança. Num comunicado distribuído ontem, a UDP acusa o Executivo de querer «agora transformar-se numa comissão eleitoral permanente, procurando fazer da Assembleia da República a sua caixa de ressonância». E tudo isto depois de ter sido «a comissão pré-eleitoral do derrotado Freitas do Amaral».

Legislação laboral

Dos contratos a prazo às propostas de Cavaco

Por motivos diferentes, todos os partidos políticos com representação parlamentar estão de acordo na necessidade de alterar a legislação de trabalho em Portugal.

PS, PSD e CDS fizeram já tentativas de alteração dessas leis sem que tenham obtido sucesso e, mesmo «a maior maioria de sempre» que foi o Governo do bloco central chefiado por Mário Soares teve na proposta de alteração das leis laborais um dos motivos para o rompimento da coligação e consequente queda do Governo.

A última grande alteração introduzida nas leis do trabalho data de Outubro de 1976, foi feita pelo primeiro Governo constitucional (PS) e chama-se contratos de trabalho a prazo.

Com quase 10 anos e criados para «ultrapassar a rigidez das leis laborais», sobretudo ao nível dos despedimentos, os contratos a prazo tornaram-se numa realidade quotidiana dos portugueses. Mas as leis são as mesmas e os contratados a prazo são já 14 por cento do total dos trabalhadores com emprego em Portugal.

Isto é, 14 de cada 100 trabalhadores portugueses estão contratados a prazo a avaliar pelos dados estatísticos oficiais disponíveis porque a CGTP garante que «um em cada cinco trabalhadores» está nessa situação.

Ao nível legal tudo se mantém como antes da criação dos contratos a prazo, uma vez que a lei continua a conter o mesmo tipo de impedimentos, sobretudo ao nível dos despedimentos.

CGTP e UGT

Ao defender a autorização legislativa para o Governo poder alterar as leis do trabalho, o ministro Mira Amaral defendeu que a legislação actualmente em vigor é «pretensamente protectora dos trabalhadores uma vez que não impediu que tivessem visto degradar-se profundamente os seus salários reais e poder de compra e incentiva ao trabalho clandestino e à economia paralela».

O ministro considera que a lei que o Governo pretende implementar aproxima-se das que vigoram nos países da CEE e sublinha que «não é pelo facto de impedir, por via legislativa, os despedimentos, que se combate o desemprego ou se garante o emprego a quem o tem».

José Luís Judas, da CGTP, sublinhou, por sua vez, que ao apresentar este pacote legislativo o Governo pretende «alcançar um objectivo político e alterar a correlação de forças que actualmente existe nas empresas».

O dirigente da CGTP afirma que, embora assente em três pontos fundamentais — contratos a prazo, trabalho temporário e despedimentos — a proposta governamental «dá um grande poder discricionário aos empresários e não dá contrapartidas aos trabalhadores».

João Proença, da UGT, considerou que a proposta governamental inclui alguns aspectos «gravosos» como o despedimento colectivo que pode levar a despedimento de trabalhadores, por exemplo em consequência da inovação tecnológica.

Segundo voto de confiança pedido por Governo minoritário

A Assembleia da República Portuguesa foi confrontada ontem, pela segunda vez, nos seus 10 anos de existência, com a solicitação da aprovação de um voto de confiança por um Governo minoritário.

Da primeira vez, a confiança foi recusada e o Governo, chefiado por Mário Soares, caiu. Este foi, aliás, o único voto de confiança num Governo rejeitado pelo Parlamento.

A primeira moção de confiança a ser discutida, votada e a única a ser rejeitada pelo Parlamento, foi apresentada por Mário Soares, em Dezembro de 1977, enquanto Primeiro-Ministro do primeiro Governo constitucional, da exclusiva responsabilidade do PS.

Depois do primeiro Governo, apresentaram moções de confiança ao Parlamento, o sexto Governo, chefiado por Sá Carneiro, em 18 de Janeiro e em 21 de Novembro de 1980, e o sétimo, dirigido por Pinto Balsemão, em Janeiro e Setembro de 1981.

Mário Soares apresentou mais duas moções de confiança ao Parlamento, como chefe do nono Governo, em Junho de 1983 e 1984.

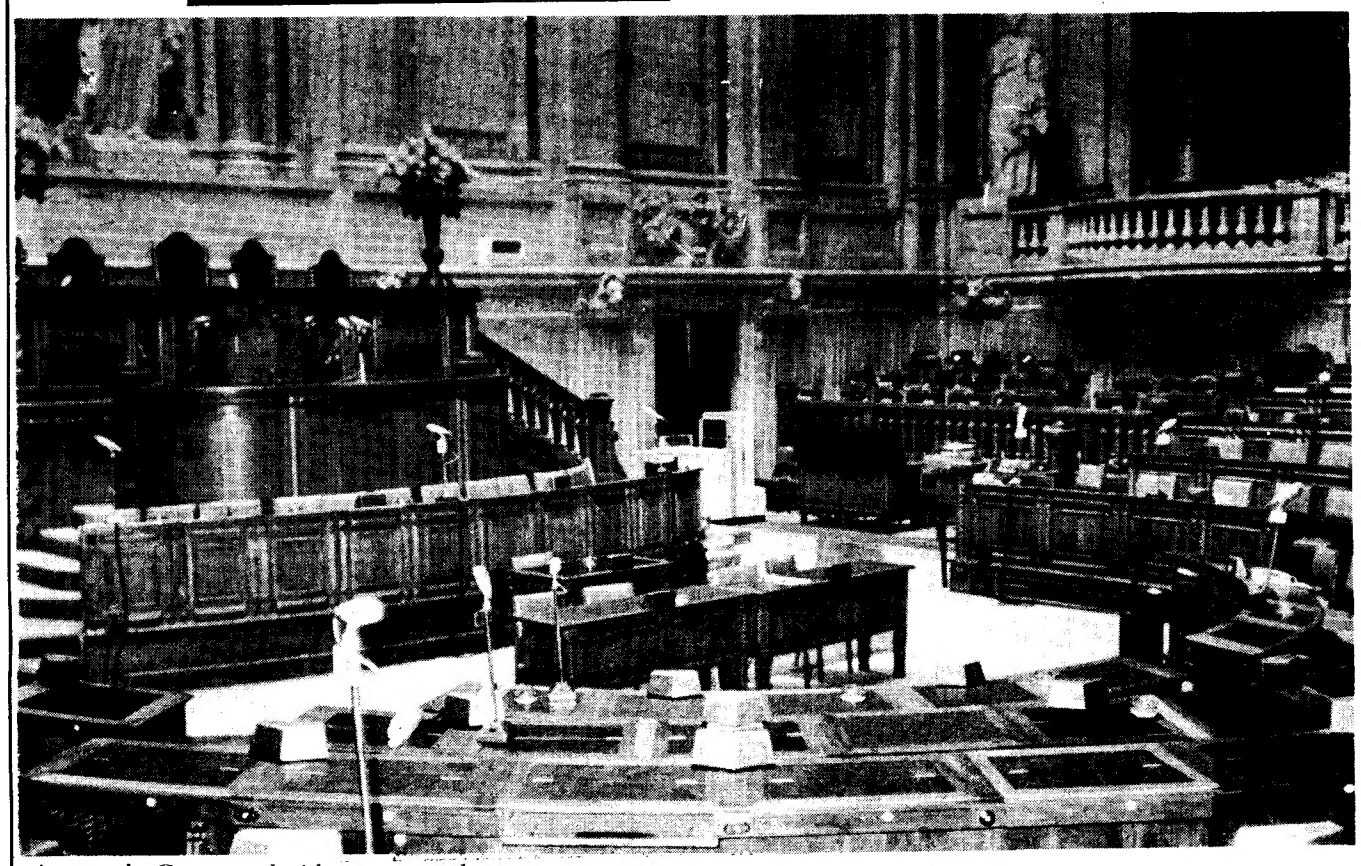
Nos casos de Sá Carneiro e Pinto Balsemão, os executivos que dirigiam, da Aliança Democrática, contavam à partida com a maioria absoluta de deputados no Parlamento.

Mário Soares enquanto Primeiro-Ministro do Governo do «bloco central» também contava à partida com a maioria absoluta dos deputados.

Moção de confiança

Pontapé de saída na maioria absoluta

Aurea Sampaio



A sorte do Governo decide-se nesta sala

Eram cerca de 16 horas quando ontem o Governo, através do secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares entregou na Assembleia da República uma moção de confiança. «Está a Assembleia da República na disposição de permitir o cumprimento do Programa do Governo, viabilizado pela Assembleia em 20 de Novembro de 1985, de modo a que o Governo possa exercer plenamente o mandato que lhe foi conferido»? É da resposta positiva ou negativa a esta questãp que depende a continuação do Executivo liderado por Cavaco Silva.

A decisão surge na sequência dos sucessivos embates que se têm verificado entre o Governo e o Parlamento cuja Oposição tem conseguido impedir a aprovação de legislação considerada fundamental pelo Governo. Foi assim com as alterações ao Orçamento de Estado, com as medidas sobre os salários em atraso e a alienação de bens dos 'media' estatizados.

Mas, segundo confidenciou ao «DL» uma fonte governamental, a gota que fez transbordar o copo foi o recente pedido de ratificação feito pelo PS e pelo PCP à Lei Orgânica do Ministério do Plano. «Como é possível governar, se mesmo em matéria da exclusiva competência do Governo, a Oposição interfere desta maneira?», interrogava aquele membro do Governo.

Depois de conhecida a intenção do Governo, reuniu-se de imediato a conferência de líderes que agendou a discussão da moção para amanhã e depois.

Repto

Mas se a resposta do Governo às «manobras» da Oposição já era de certa forma esperada depois da recusa dos PS, PRD, PCP, MDP e «Verdes» à autorização legislativa sobre leis de trabalho — Fernando Nogueira, diria mesmo no termo daquele debate que «o Governo a que pertenço tem a consciência de ter cumprido o seu dever e não tem medo de ser julgado. Pode mesmo vir a exigi-lo» — a moção de confiança constitui um autêntico repto ao PRD, partido que terá uma posição determinante na manutenção ou queda do Gabinete de Cavaco.

Isto porque, é certo que o PCP e o MDP votarão contra a moção de confiança e não será natural que os socialistas votem agora favoravelmente o «cumprimenro de um programa» para o qual propuseram uma moção de rejeição aquando da sua apresentação.

Por isso é absolutamente determinante a posição do PRD. E assim foi entendido pelos renovadores. Mas se não é previsível que estes venham a provocar a queda do Governo, o certo é que também não vai ser fácil a Cavaco segurá-los. Tanto mais que, como já referiu Hermínio Martinho, os deputados do seu partido têm mãos livres para votarem segundo a sua própria consciência.

De qualquer forma, o PRD fez de imediato uma advertência ao Executivo. Pelo punho de Magalhães Mota (sempre ele!), cinco minutos depois de ser conhecido o conteúdo do texto governamental, o PRD apresentava um requerimento que, em resumo dizia: a apreciação do voto proposto pelo Governo «implica o conhecimento atempado», por parte da Assembleia do «cumprimento assegurado pelo próprio Governo em relação ao seu programa». Daí ser considerado «indispensável», que, antes do início do debate, o Governo informe o Parlamento do grau de execução do seu Programa na área de cada Ministério e Secretaria de Estado, além de reclamar informações no sector da economia e acerca dos índices e valores obtidos em relação aos que constam do Programa, nomeadamente em matéria de exportações e investimento. Pretende ainda o PRD informações sobre o cumprimento dado pelo Executivo às legislações complementares da Lei de Defesa Nacional e do 'Tratado de Adesão à CEE.

Magalhães Mota mostrava-se evidentemente satisfeito com o imqpcte provocado pelo «seu» requerimento nas hostes do partido afecto ao Governo. Confessou que tinha tirado a ideia de uma situação idêntica há anos ocorrida no **Bundestag** alemão, e afirmou que o seu partido estava preparado para o embate. É que o PRD tem tudo estudado tintim por tintim. E já tirou as suas conclusões. A taxa de cobertura das exportações é inferior à anunciada, o desemprego está a aumentar, o investimento mantém-se na estaca zero... Tudo com números, provado, não vai ser fácil a Cavaco desmentir certas evidências.

De realçar que a Comissão Directiva do PRD se vai reunir hoje. A análise da situação política, o estudo das diversas hipóteses que se levantam face à atitude do Governo e as consequências de uma opção pela positiva ou pela negativa dominarão os trabalhos daquele órgão de cúpula dos renovadores.

Reacções

Entretanto, outras reacções foram sendo conhecidas. Jorge Lacão, da direcção do grupo parlamentar do Partido Socialista, dizia à Anop ser muito provável que o seu partido venha a negar a confiança ao Governo. Executivo que, na sua óptica, «se tem comportado com uma impressionante arrogância política relativamente à Assembleia».

Para os comunistas, o Governo pretende conseguir «um novo folêgo» numa situação que «não é uma prova de força, mas de fraqueza, porque surge quando se generalizam as críticas, surge quando o rei vai nú». Disse-o Carlos Brito.

Quanto aos centristas, cuja Comissão Permanente se reuniu ontem, as coisas não parecem estar a funcionar bem. Há quem pugne pelo apoio inequívoco ao Governo e quem se queira distanciar da sua actuação. Ninguém parece entender-se neste partido, e Narrana Coissoró falaria mesmo em «divergências» no seio daquele órgão partidário. A reunião acabou sem que os dirigentes centristas tenham chegado a uma conclusão, mas há quem se interrogue também se tudo isto não fará parte de uma qualquer jogada de Adriano Moreira. Que pretenderá ele receber de Cavaco em troca dos votos da sua bancada? Finalmente, António Capucho, desvendou aos microfones da Antena Um, as intenções do seu partido: «se a moção de confiança não passar, o PSD defende que devem ser realizadas novas eleições». É que «nenhum partido e a opinião pública» podem ignorar «que o PSD está à beira da maioria absoluta».

Se é isto que os sociais-democratas verdadeiramente querem correm um grande risco. É que apesar de Cavaco ter provavelmente atingido o ponto máximo da sua popularidade, o Presidente da República não se chama Freitas do Amaral.

CDS, PSD e PCP vão a Belém

Situação política debatida com PR

O Presidente da República vai receber representantes de três partidos parlamentares — o CDS, o PSD e o PCP. Hoje é o CDS que vai a Belém discutir a situação política com Mário Soares.

Amanhã será a vez do PSD, este para apresentação de cumprimentos da nova Comissão Política escolhida no Congresso do mês passado. O PCP, por sua vez, vai quinta-feira avistar-se com Soares para lhe dar a conhecer as conclusões adoptadas na última reunião do seu Comité Central.

Estas últimas reuniões já estavam agendadas em Belém antes da apresentação da moção de confiança do Governo. Por isso, e para além da temática oficialmente indicada como motivo dos encontros, a situação política actual decorrente da iniciativa de Cavaco Silva não deixará, certamente, de ser tratada.

Soares terá a última palavra

Soares avisado por telefonema de Cavaco Silva

Cavaco Silva informou previamente o Presidente da República, Mário Soares, de que o Governo ia apresentar uma moção de confiança ao Parlamento.

O primeiro-ministro — disse uma fonte citada pela agência ANOP — informou o Presidente da República em telefonema, após a reunião de urgência do Conselho de Ministros, entre as 13 e as 14.30 horas de ontem.

Antes do Conselho de Ministros, o primeiro-ministro já tivera um contacto pessoal com o Presidente da República.

A Presdência da República confirmou que Mário Soares recebera, cerca das 12.30, o primeiro-ministro, que havia solicitado uma audiência.

Outro informador oficial — este citado pela NP — disse que a reunião de urgência do Governo se destinou a tomar uma «posição firme» perante os «entraves» à governação por parte da Assembleia da República, onde o Governo tem um apoio minoritário.

«Não se trata especificamente da recusa de autorização legislativa na área laboral, mas do conjunto da actuação dos partidos da oposição, que não deixam o Governo governar», acrescentou a mesma fonte.

PRD exige à RTP direito de resposta

O Partido Renovador Democrático (PRD) anunciou esta madrugada que vai solicitar à RTP que lhe seja concedido direito de resposta à comunicação que o Primeiro-Ministro fez a noite passada.

Em comunicado da Comissão Directiva Nacional, o PRD disse que a Comunicação de Cavaco Silva «confirmou a ideia que os portugueses vão começando a formar do Governo: desculpas, queixas e acusações sem fundamento tentam valorizar acções de promoção, ocultando o desemprego crescente, a economia estagnada, a falta de acção eficaz no relacionamento com a CEE».

Segundo o comunicado, o PRD lamenta este estilo de governação. Pensa que a estabilidade desejada não pode existir nas palavras e ser negada no quotidiano da acção... O ideal do Governo não pode, nem deve, ser o de governar sem oposição nem parlamento».

Espera ainda o PRD que «o Governo responda até ao início do debate da moção de confiança ao requerimento apresentado pelo seu grupo parlamentar, em ordem a que se saiba com clareza o que é que o Executivo presidido pelo professor Cavaco Silva já cumpriu ou não cumpriu do seu programa».

Interpelação em S.Bento

PCP quer saber tudo sobre empresas públicas

A sessão parlamentar de ontem acabou por ser dominada pela agitação que nos bastidores provocou a entrega da moção de confiança do Executivo liderado por Cavaco Silva .

Para muitos deputados da Oposição, a interpelação do PCP «sobre política geral centrada predominantemente nas orientações e actuações governamentais na área do sector público da economia» não passava de um «aperitivo para as sessões de quarta e quinta-feira — dias em que se irá discutir a moção de confiança. Talvez por isto, o debate tornou-se desinteressante e frouxo, apenas o partido interpelante se continuou a mostrar mobilizado para a sessão.

De qualquer forma, três posições foram defendidas durante o primeiro dia desta interpelação promovida pelo PCP: de um lado, o Governo através do ministro da Indústria e Comércio, a considerar que a formação do sector público «não obedeceu a qualquer racionalidade económica, antes resultou da nacionalização dos sectores produtivos da economia, efectuada por um processo anárquico e selvagem, com objectivos claramente políticos de criação de um modelo comunista de economia estatizada».

Daí que o Governo considere quase «impossível» racionalizar um sector «que teve esta origem».

O ministro falou dos prejuízos das empresas públicas, em 1984 — 69,9 milhões de contos — enquanto que os lucros têm um saldo de 6,4 milhões de contos no mesmo ano.

Santos Martins referiu ainda os prejuízos apresentados apenas pelas 18 empresas tuteladas pelo seu Ministério — 52 milhões de contos.

E é da análise da empresa considerada como «unidade económica coerente» que o ministro parte, recusando-se a admitir que inverter esta situação passe por «livros brancos, planos, programas e estratégias de aplicação generalizada ao sector público». Daí a apreciação que o Governo faz empresa a empresa, identificando a respectiva situação para depois apontar as soluções diferenciadas para cada uma delas.

Boas condições malbaratadas

Por outro lado, o PCP procura demonstrar que o Governo «não só governa mal», como prossegue uma «inconstitucional ofensiva» contra este sector com a agravente de «atacar os direitos sociais» dos trabalhadores e fazer aumentar o desemprego.

Octávio Teixeira chamou a atenção para as condições favoráveis de que o Governo dispõe, não só a nível externo (quebra dos preços do petróleo e dos cereais, depreciação do dólar), como a nível interno (saldo positivo da balança de transacções correntes e desaceleração da inflação), «condições que estão a ser criminosamente malbaratadas».

Isto porque, em seu entender, os excedentes das contas externas em vez de serem canalizados para o pagamento da dívida externa, «estão a ser improdutivamente encafuados no colchão»; a diminuição da inflação não está a ser aproveitada para o lançamento de medidas que façam aumentar a produção e a produtividade por forma a consolidar aquela tendência; e «o investimento produtivo marca passo» quer no sector público, quer no sector privado.

O deputado comunista apontou ainda a «tentativa de abertura do capital social das empresas públicas aos interesses privados» e chamou a atenção para a emissão dos «títulos de participação» como instrumentos desta política de «desnacionalização».

Octávio Teixeira mencionou a «especulação» bolsista que se está a verificar: nos dois primeiros meses deste ano a cotação média de acções da Bolsa de Valores de Lisboa aumentou 35 por cento face a Dezembro de 1985 «sem que para tal haja justificação económica».

Finalmente, aquele economista do PCP manifestou a completa oposição do seu grupo parlamentar a diversas medidas que o Governo tem tomado em relação a certas empresas, bem como quanto à fixação dos valores das indemnizações a dar aos «ex-monopolistas» que qualificou de «verdadeiro escândalo financeiro».

Maniqueísmo

Entre estas duas posições desenha-se a do PRD, apresentada por Ivo Pinho. Sem deixar de tecer críticas ao Governo, este deputado recusou-se, no entanto, a cair no «maniqueísmo que tem sido estabelecido entre o sector público e o sector privado, radicando em factores estritamente ideológicos».

Para o Partido Comunista, Ivo Pinho diria: «não defendemos o sector público produtivo com base em **slogans** estafados e vazios de conteúdo prático».

Em direcção ao Governo advertiria: «Também não podemos tolerar que a existência e a estabilidade de funcionamento do sector público produtivo sejam sistematicamente postos em causa com base em argumentos que, traduzindo uma visão de exacerbado liberalismo, escamoteiam, por imperativos ideológicos, a realidade que existe e as potencialidades que uma gestão equilibrada das complementaridades técnicas, tecnológicas e produtivas do binómio sector público/sector privado encerra».

Renovadores que afirmaram não ir utilizar «a oportunidade aberta pela presente interpelação para afrontar o Governo», mas que não deixaram de lançar algumas alfinetadas. «O Governo afirmou nas Grandes Opções do Plano que iria promover a racionalização económica e a melhoria da eficácia das empresas públicas, através de adequados programas de investimento e desinvestimento». Ora, prossegue o deputado do PRD,

O mesmo se passou em relação à intenção do Executivo de devolver às empresas públicas, a mais ampla autonomia de gestão. («Neste domínio também nada parece ter mudado»); ao anunciado saneamento financeiro das EP's em situação mais crítica; e à organização do sector.

Juventude Socialista de Braga com Constâncio

Os representantes dos núcleos de Guimarães e Fafe da Juventude Socialista, reunidos em Fafe para organizar a federação de Braga e preparar o respectivo congresso, aprovaram por unanimidade um voto de congratulação pela «enorme vaga de esperança e renovação que percorre a família socialista», nesta fase de preparação do Congresso Nacional do PS.

A Juventude Socialista de Guimarães e de Fafe «manifesta o seu empenhamento total no esforço de renovação e definição do espaço socialista e vê que esse esforço terá de ser feito em simultâneo com uma profunda transformação do aparelho, dos métodos de análise e de exercício do poder político e do comportamento político dos seus dirigentes».

Finalmente, a JS de Fafe e Guimarães manifesta, em comunicado conjunto, o seu «apoio e empenhamento» na liderança de Vítor Constâncio e da equipa de políticos por ele liderada e que — sustenta — conseguirá «reunir a família socialista e fazer do PS o aglutinador e líder da alternativa nacional ao liberalismo económico da direita e à injustiça social por ele produzida».

No Pico

Os socialistas da ilha do Pico anunciaram a eleição de Simas Santos para coordenador do secretariado local do PS.

Simas Santos foi presidente da Comissão Regional do PS-Açores até ao último Congresso do partido no arquipélago.

O novo secretariado dos socialistas do Pico integra também Ivo Soares, Manuel Carvão, João Avilca, Rui Ávila, Manuel Serpa, Elvino Silva, Guido Telles e Reginaldo Garcia.

Delegação integra PSD,PS,PCP e CDS

Parlamentares açorianos chegam amanhã a Lisboa com proposta de novo Estatuto

Parlamentares dos Açores, liderados pelo presidente da Assembleia Regional chegam amanhã a Lisboa para apresentar ao presidente da Assembleia da República a proposta de alteração do estatuto político-administrativo da região, indicou fonte parlamentar na cidade da Horta (Faial).

A delegação, liderada por Reis Leite, tem como objectivo sensibilizar a Assembleia da República para a urgência da aprovação no Parlamento Nacional das alterações estatutárias saídas dos debates na Assembleia Regional.

O texto final das alterações aprovadas pelo Parlamento açoriano foi considerado globalmente positivo pelos quatro partidos com assento na Assembleia, PCP, PS, PSD e CDS.

Para os socialistas, maior partido da oposição, a proposta «é uma vitória política com sementes para o futuro» e significa que se abdicou de «uma unanimidade fácil em busca de um consenso difícil».

Segundo os sociais-democratas, no poder, o articulado das alterações aprovadas na Assembleia Regional evidenciam que o PSD não «recusa a sua condição de maior responsável do processo autonómico».

Para os comunistas a proposta «indica algumas aproximações que permitem supor que na Assembleia da República o texto possa ser votado de forma rápida».

Os democratas-cristãos entendem, por seu turno, que o documento consubstancia «aproximações e consensos significativos», não obstante a sua discussão ter partido de «posições bem diferenciadas».

A proposta introduz, igualmente, alterações no domínio das eleições para a Assembleia Regional, aumentando o número de deputados como forma de melhor contemplar as ilhas com número superior de eleitores.

A revisão do estatuto político-administrativo dos Açores, Lei de Base do Sistema Autonómico Regional, segue-se à alteração, em 1982, da Constituição de 1976 que lhe serviu de suporte.

A deputação do Parlamento dos Açores é constituída por Jorge Castanheira Cruz do PSD, Dionísio Sousa do PS, Alvarinho Pinheiro do CDS e Deco Mota do PCP.

"Atentado contra a segurança do Estado"

Dois soviéticos têm três dias para sair

O Ministério dos Negócios Estrangeiros anunciou ontem a expulsão de Portugal de dois funcionários soviéticos por «inadmissível intromissão nos assuntos internos portugueses, atentatória da segurança do Estado.»

Os expulsos são Vladimir Galkine e Guennadi Chiniev e têm três dias para deixarem Portugal, juntamente com as suas famílias.

Ambos foram declarados, nos termos da Convenção de Genebra, «pessoas não aceitáveis», estatuto reservado a funcionários sem estatuto diplomático. Eles trabalham oficialmente para Departamento Comercial do Estado soviético, que tem representação própria com vinte funcionários em Lisboa, institucionalmente autónoma da Embaixada da URSS.

A Embaixada soviética recusou qualquer comentário às notícias, mas foi o próprio embaixador Vdovin que foi formalmente chamado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros para ser notificado da decisão.

Estas foram as terceiras expulsões decididas pelas autoridades portuguesas depois do restabelecimento das relações diplomáticas após o 25 de Abril. O primeiro-ministro Sá Carneiro mandou de regresso à URSS quatro diplomatas, em 1980, por «interferirem nos assuntos internos portugueses».

Em 1982 foram expulsos sete funcionários por «espionagem, recolha de informações secretas, tentativa de compra de segredos militares e tentativa de influenciar cidadãos», isto de acordo com um estudo produzido pela Embaixada americana em Lisboa, a qual reconheceu a Portugal o título de país que mais soviéticos expulsou nesse ano.

Primeira de três sessões foi ontem

"Tribunal da Língua Portuguesa": maioria pró-acordo ortográfico

A primeira sessão do «Tribunal da Língua Portuguesa», que se estreou sob o signo da discussão do acordo ortográfico recentemente subscrito, começou com uma maioria favorável às alterações propostas, tendo sido registada apenas uma claramente contra entre os cinco intervenientes.

Criado há cinco anos, o Tribunal só ontem teve a sua estreia, após um adiamento de uma ideia tida há meses, de o inaugurar com a discussão do problema da dobragem dos filmes em Portugal. Mas o acordo ortográfico acabou por triunfar.

A única voz completamente discordante com o acordo ortográfico já firmado mas ainda não ratificado, no nosso caso pela Assembleia da República, foi a de Isabel Rebelo Gonçalves, que alegou entre outras coisas que «sou contra, fundamentalmente porque o texto acordado é de péssima qualidade».

A mesma interveniente acrescentou que o acordo é «um amontoado de normas no geral copiadas do texto de 1945 e, na maior parte, sem o mínimo cuidado» e que vai «causar prejuizos de ordem económica em Portugal e nos paises africanos que o subscreveram».

As bases mais controversas, do ponto de vista de de Isabel Rebelo Gonçalves, são as relativas às consoantes mudas, acentuação gráfica e o uso do hífen. Pela sua parte aceita a supressão de algumas consoantes mas, relativamente aos acentos, entende que a sua eliminação é gravíssima, entre poutras razões porque «não se teve em conta as riqueza das homógrafas em português, nem os problemas de leitura nas «palavras cultas da linguagem técnica e científica». O maior disparate, disse, foi a supressão do hífen. «O português não é o alemão para escrevermos contralmirante, primeiroministro, etc.», argumentou.

De acordo

«De acordo com, o acordo» se revelariam, entre outros, Edite Estrela, que disse ser seu entendimento que ele se tornava desejável e proveitoso, para «que haja só uma ortografia».

A questão dos acentos, uma das bases mais polémicas do acordo não criará, na opinião de Edite Estrela, problemas de maior, porquanto «na maior parte dos casos, o contexto será suficiente para esclarecer». E acrescentou:«Tudo passa pelo conhecimento que o utente tem da língua».

Do seu ponto de vista, deveriam ser feitas alterações pontais no acordo e critica a Academia das Ciências, a interlocutora portuguesa no texto assinado no Rio de Janeiro, por falta de resposta às necessidades nesta área sensível, designadamente na não produção de instrumentos de trabalho.

Mais «sim»

Mais dois dos convidados para este primeiro audiência se manifestaram em termos gerais, de acordo com o acordo: Peixoto de Andrade e e Guilherme de Matos.

O primeiro pensa que se poderia ter ido mais além e recorda que ele próprio propôs, há anos, alterações ortográficas em alguns casos mais profundas do que as constantes do presente acordo, como a supressão das consoantes mudas e do **h** no início das palavras, a abolição dos acentos e a substituição do **z** final por **s**.

Peixoto da Fonseca qualificaria de «cretinice» querer «usar acentos, observando que o acordo não é para mudar a fala». «A escrita, linguisticamente, é coisa sem importância». Os seus reparos ao acordo são aos aos moldes em que foi feito e ao «apressamento da sua elaboração».

Nas sessões já programadas estarão, se aceitarem os convites que lhes foram dirigaidos pela Sociedade de Língua Portuguesa, Fernando Cristóvão, Piteira Santos, Oscar Lopes, Baptista Bastos, Lindley Cintra, José Saramago, Aldónio Gomes e Mário Castrim.

Alfabetização na Amadora lesada por medidas do MEC

A Câmara Municipal da Amadora e as Juntas de Freguesia do Concelho protestaram junto dos órgãos de Poder pela redução em metade dos destacamentos de professores adstritos ao programa de educação básica de adultos.

Tal medida «põe em causa a continuidade do processo de alfabetização bem como os direitos à escolaridade mínima obrigatória reconhecidos pela UNESCO, consignados na Constituição Portuguesa pela Lei 3/79» — considera o vereador do pelouro da Educação, Teixeira Pereira.

As autarquias da Amadora sublinham que, com a referida lei «é lesado seriamente o desenvolvimento socioeconómico do município, ao manter analfabeta elevado número da população activa, o que contraria as necessidades do País face à integração na CEE».

Perante a decisão da Direcção-Geral de Educação de Adultos, «contraria as necessidades do País manifestadas atempadamente por este Município e não consideradas» as autarquias do Concelho da Amadora solicitaram do Ministério da Educação e do presidente da Assembleia da República a «inversão deste processo».

Ingresso no Ensino Superior

Os candidatos ao ingresso no Ensino Superior no ano lectivo de 86/87 que adquiriram as condições de candidatura até ao ano lectivo de 84/85 e não se inscreveram para melhoria de nota ou mudança de habilitação no presente ano lectivo, devem apresentar as suas candidaturas por ordem alfabética dos nomes próprios.

No período de 25 de Junho a 11 de Julho, e exclusivamente na Delegação Distrital do Gabinete Coordenador do Ingresso no Ensino Superior, apresentar-se-ão os candidatos pela seguinte ordem alfabética: dia 25, de A, a Ana D., 26, Ana E. a António Carlos R.; 27, António Carlos S. a Carlos Manuel R.; dia 28, Carlos Manuel S. a Domingos I.; 30, Domingos J. a Gabriel A.; 1, Gabriela B. a João C.; dia 2, João D. a José F.; dia 3, José G. a Luísa C.; dia 4, Luisa D. a Maria da Graça L.; dia 5, Maria da Graça M. a Maria Fernanda C.; 7, Maria Fernanda D. a Maria Manuela G; 8, Maria Manuela H. a Palmira M.; dia 9, Palmira N. a Raul M.; dia 10, Raul N. a Susana D.; dia 11, de Susana E. até ao fim.

As partículas «da», «de», «d'», «do» e «e» são consideradas como nomes para efeitos de ordenação alfabética.

Os candidatos que ainda não estejam de posse dos necessários certificados de habilitações, nos dias em que estão escalonados, poderão apresentar-se à candidatura logo que tenham aqueles certificados mas sempre antes da data do encerramento.

Nas restantes delegações distritais não há escalonamento.

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa promove amanhã, na Biblioteca Nacional, duas reuniões para debater problemas dos professores provisórios e efectivos-provisórios.

Na reunião das 10 horas serão analisados os problemas daquele primeiro grupo de professores debatendo-se às 14 e 30 a situação dos professores colocados como efectivos-provisórios e a sua profissionalização.

Causando um prejuízo avaliado em 100 mil contos

Carne importada da África do Sul queimada no matadouro da CML

Duzentas toneladas de carne de bovino estão a ser queimadas no Matadouro de Lisboa, nos Olivais, depois de terem sido dadas como impróprias para o consumo humano.

A carne foi importada da República da África do Sul em 1979 e desde então tem estado armazenada em câmaras frigoríficas de uma empresa do sector, no Prior Velho, em Sacavém. Grande parte da carne chegou a ser enviada para Beja, onde deveria ter sido introduzida nos circuitos comerciais mas acabou por ser devolvida a Lisboa.

A Junta Nacional dos Produtos Pecuários, entidade que importou o produto, resolveu armazená-la de novo, não a tendo comercializado. O armazenamento já custou ao erário público mais de 25 mil contos, ou seja cerca de 300 contos por mês. A preços actuais, a carne seria vendida a um preço que rondaria os 400 escudos por quilo, ou seja uns 400 contos por tonelada. O Estado português perdeu mais de 80 mil contos, armazenagem incluída. Nem a Junta Nacional dos Produtos Pecuários, nem a Direcção-Geral das Actividades Económicas, que também tinha conhecimento do facto, haviam tomado, até há cerca de um mês, segundo refere a NP, qualquer iniciativa para dar o destino adequado ao produto.

Alertado há semanas para o facto, o Governo mandou analisar a carne e tomou a iniciativa de a fazer «queimar» (desidratar) e farinar no Matadouro Municipal de Lisboa. Mas o equipamento que ali funciona para reduzir a farinha os desperdícios da matança diária, só tem capacidade de resposta para quatro toneladas diárias, para além do serviço para que foi implementado. Tal facto obriga a que apenas possam ser transportados para os Oilivais, diariamente, quatro mil quilos de carne (entre 80 e 100 quartos de bovino), o que vem acontecendo desde há um mês, contando-se que a operação esteja concluída dentro de 40 dias.

Só depois de obtida a farinha se saberá, por análise química, se o produto final poderá ser ministrado na alimentação animal.

É o principal problema segundo a Caritas

Há cem mil alcoólicos no distrito da Guarda

Cerca de 100 mil pessoas sofrem, em maior ou menor grau, de alcoolismo no distrito da Guarda — revelou Carlos Brito, presidente do Centro de Recuperação de Alcoólicos do distrito. O alcoolismo constitui, na área da Beira Interior e diocese egitaniense, o principal problema social, de acordo com um estudo efectuado pela Caritas Diocesana da Guarda.

Factores de ordem social e cultural, contribuem, desde o nascimento do indivíduo, para o aumento deste fenómeno,a que não é alheio, na Beira Interior (distrito da Guarda e Castelo Branco), o factor emigração aliado à interioridade.

Conjuntamente com o alcoolismo, são considerados «grandes problemas sociais» no interior do País as áreas de analfabetismo, terceira idade, casais separados, droga e orfandade.

É sobretudo o factor cultural que mais tem contribuído para o manter e, por vezes, aumentar o alcoolismo na região.

Desde criança que a pessoa, sobretudo nos meios rurais, é imbuída do pensamento de que o alcool aquece e «até ajuda a digestão, faz crescer, alimenta».

Verifica-se este facto nomeadamente nas zonas mais deprimidas, de difícil contacto com os meios urbanos mais desenvolvidos, mesmo que estes sejam vilas e cidades de província.

Sendo a agricultura a principal actividade económica regional, os habitantes das referidas zonas ocupam-se grande parte do dia na lavoura, entregando os filhos a familiares mais idosos.

É ainda vulgar, nestes casos, que, para acalmar o choro das crianças, a chupeta, quando bebés, seja embebida em açucar misturado com qualquer bebida alcoólica, por vezes aguardente.

Desde criança

Desde criança, o indivíduo habitua-se assim ao álcool, facto que Carlos Brito afirma ser um «flagelo tradicional que urge combater».

A falta de esclarecimento neste domínio e sobretudo o analfabetismo são elementos considerados para que situações destas sejam ainda observáveis no interior.

Afastados de grandes centros urbanos, por falta de rápidas vias de acesso, a ausência de instrumentos culturais que possibilitem o aproveitamento «positivo» dos tempos livres, os jovens do interior das Beiras refugiam-se nos bares, cafés, salões de jogos e estabelecimentos similares, fazendo destes locais pontos de encontro e convívio.

Flagelada pela emigração, a população da Beira Interior é essencialmente constituída por idosos nas aldeias, enquanto que a juventude se deslocou para os centros urbanos, para continuação dos estudos ou procura do primeiro emprego.

São, regra geral, entregues ao cuidado de familiares, ou amigos, ou a lares e internatos, longe do convívio familiar dos pais, qu se encontram cerca de 11 meses nos países de trabalho.

O filho de emigrante é, regra geral, pessoa que possui um nível económico superior, resultado das remessas que lhe são enviadas pelos pais, com vista a suprir eventuais carências materiais e sociais.

A ausência de motivação leva a que sejam gastas quer em jogos quer no álcool.

O responsável pelo Centro de Recuperação de Alcoólicos da Guarda considera, a este propósito, que deveria haver, a nível das escolas, esclarecimento e mesmo, uma disciplina dedicada à aloologia.

Um inquérito e estudo efectuado por aquele centro, junto dos jovens da região da Guarda, revela que estes bebem para «conviver com os amigos, porque gostam, porque adquiriram hábitos de beber desde muito cedo, pelo disfrutar de uma sensação agradável».

Ao nível sindical, Carlos Brito preconizou a existência de sessões de esclarecimento sobre os efeitos nocivos do álcool.

Adultos são piores

Os hábitos adquiridos na juventude sobre a ingestão de bebidas alcoólicas, agravam-se quando o indivíduo atinge o estado adulto, prejudicando o trabalho e a sua rentibilidade.

Talvez por pressão social, o vinho ou cerveja (bebidas mais consumidas no interior) entram regularmente e em quantidade, no círculo dos alimentos do trabalhador, regra geral, por conta de outrem.

Caracterizada pela existência de um clima rígido no Inverno, que se prolonga durante meses, a Beira interior criou também, a nível dos estratos populacionais menos esclarecidos, a ideia de que o álcool alimenta, dá força para a jornada de trabalho.

É nesta circunstância que as crianças, que têm por vezes de fazer caminhadas a pé para se dirigirem aos estabelecimentos escolares, se alimentam das conhecidas «sopas de cavalo cansado» ou «sopas de vinho».

O Centro de Recuperação de Alcoólicos da Guarda é, no interior das Beiras, o único organismo dedicado ao esclarecimento e combate ao alcoolismo.

Em acções concertadas com organismos oficias, particulares e sindicais, realizou já mais de 200 recuperações em cerca de dois anos.

O Centro foi criado em 7 de Dezembro de 1983, por iniciativa do actual presidente, Carlos Brito, um aloólico recuperado.

Está registado como instituição particular de solidariedade social, pretendendo combater o alcoolismo sem combater contudo o consumo moderado de bebidas alcoólicas.

O escalão etário dos 36 aos 50 anos, é o que regista maior número de recuperações já efectuadas, seguindo-se o grupo etário dos 21 aos 35 anos e o escalão dos 51 aos 65 anos de idade.

O estudo efectuado revela ainda que a construção civil é a actividade profissional que regista maior número de práticas de alcoolismo, seguida da actividade agrícola, funcionalismo público (englobando nesta área os bancários e agentes da Polícia de Segurança Pública), metalúrgicos e reformados.

Afirmado em livro polémico cem anos depois de Egas Moniz

A maioria das mulheres portuguesas nunca atingiu satisfação sexual

Carlos Charneca/NP

Cerca de oitenta por cento das mulheres portuguesas nunca atingiram satisfação completa no relacionamento sexual, segundo revela o médico Camilo Cardoso no livro que agora publicou sob o título «Psicologia Afectiva na Educação Sexual», saído quase um século depois do Prémio Nobel Egaz Moniz, outro professor catedrático, ter dado à estampa a obra «A Vida Sexual».

O dr. Camilo Cardoso atribui a responsabilidade deste insucesso «à grande ignorância do homem, mas também da mulher», acrescentando que na «maioria das vezes o homem não se apercebe dessa situação». O autor salienta igualmente como prova do seu trabalho, de cariz psicológico, a impossibilidade actual de uma educação sexual escolar, já decretada pelo Ministério da Educação, sem que pais e professores comecem por ser «educados» para saberem esclarecer e auxiliar os educandos. Defendendo, para que tal se torne possível, uma educação sexual familiar que, «para ser correcta, deve ser individual e para cada filho, já que todos são, por sensibilidade, inteligência e personalidades, diferentes».

Quanto à educação sexual escolar, Camilo Cardoso «só a admite» se os professores se despirem de anteriores preconceitos, se conseguirem mostrar-se como foram outrora e como procediam na sua puberdade e adolescência».

Segundo o autor «uma educação sexual escolar, necessariamente colectiva, implica uma correcta educação dos pais, para que estes possam, individualmente e em família, esclarecer as dúvidas que os alunos, que são também seus filhos, possam ter adquirido aquando desta educação colectiva nas escolas».

Camilo Cardoso disse-nos, entretanto, que a sua obra é um trabalho de 23 anos e reúne experiências realizadas num colégio onde durante 17 anos deparou com «bastantes problemas». «Trata-se, disse, de um livro para todas as idades, onde descrevo factos passados com a maioria da minha clientela, sendo um livro sobretudo didáctico onde não é utilizado qualquer termo pornográfico e é evitada a utilização de expressões técnicas».

«Pretendo principalmente que todos me compreendam. O assunto que abordo será polémico, como o serão todos os que se refiram à problemática sexual», referiu Camilo Cardoso, para quem o seu livro é sobretudo uma forma de informar, esclarecer, dar a conhecer uma dinâmica das relações sexuais no animal que Deus criou e que se chama Homem.

Vagas em classes especiais do MEC

Termina no próximo dia 28 o concurso para preenchimento de lugares de professores, vagos em classes especiais da rede pública do Ministério da Educação. O aviso de abertura do concurso foi publicado na II Série do Diário da República do passado dia 18.

A colocação nestes lugares efectua-se em regime de destacamento por um ano, renovável.

Professores provisórios

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa promove amanhã, na Biblioteca Nacional, duas reuniões para debater problemas dos professores provisórios e efectivos-provisórios.

Na reunião das 10 horas serão analisados os problemas daquele primeiro grupo de professores, debatendo-se às 14 e 30 a situação dos professores colocados como efectivos-provisórios e a sua profissionalização.

INAUGURAÇÃO DA SEDE — *DOMINGO, 29 – 10 H* — RUA IVENS, 36-3.º LISBOA
COMISSÃO INSTALADORA DA CONFEDERAÇÃO DAS PME'S
ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO — RESTAURANTE QUINTA S. VICENTE
EST. DE TELHEIRAS, 144 — *DOMINGO, 29 – 13 H* — MARCAÇÕES TEL. 32 14 34

O barco que foi notícia em Outubro

"Achille Lauro" está em Lisboa

Atracou ontem ao principio da tarde à ponta da muralha da Rocha de Conde de Óbidos, onde permaneceu até ao fim da tarde de hoje, o «Achille Lauro», um dos mais luxuosos transatlânticos do Mundo, que saltou para as primeiras páginas dos jornais quando, em 7 de Outubro passado, foi sequestrado por um comando de quatro palestinianos, membros da Frente Popular de Libertação.

Transportando 400 passageiros de diversas nacionalidades, o paquete italiano tem programadas doze viagens de cruzeiro para este ano, sempre com escala no porto de Lisboa. O transatlântico, que tem capacidade para 920 passageiros, está a efectuar um cruzeiro de doze dias com saída de Génova e escalas programadas em Barcelona, Málaga, Cadiz, Lisboa, Tanger, Palma de Maiorca, e Palma de Minorca antes de voltar ao porto italiano de origem.

Este trajecto pela zona ibérica surge como alternativa depois da corrente turistica norte-americana ter diminuido na Europa, e a alteração foi decidida há cerca de dois meses pelo armador genovês proprietário do paquete, que de inicio tinha programado cruzeiros que incluiam vários portos da Grécia, Israel e Egipto.

Com as suas 24 mil toneladas brutas, 196 pés de comprimento e 25 de largura, alcançando uma velocidade máxima de 22 nós, o «Achille Lauro» é um dos maiores navios de cruzeiro do Mundo, e está equipado com estruturas sofisticadas. O navio dispõe de dois ascensores, três bares, duas piscinas, salão de baile, discoteca, salão de jogos, sala de fumo, dois restaurantes, dois salões, livaria, instituto de beleza, cabeleireiro, ginásio, cine-teatro de dois pisos, biblioteca, capela, sala de televisão, sala de música, parque infantil e zona de recreio.

A moeda que circula a bordo é a lira italiana, mas um serviço de câmbios permite a troca de notas e cheques de viagem para uso internacional.

Os acontecimentos de 7 de Outubro

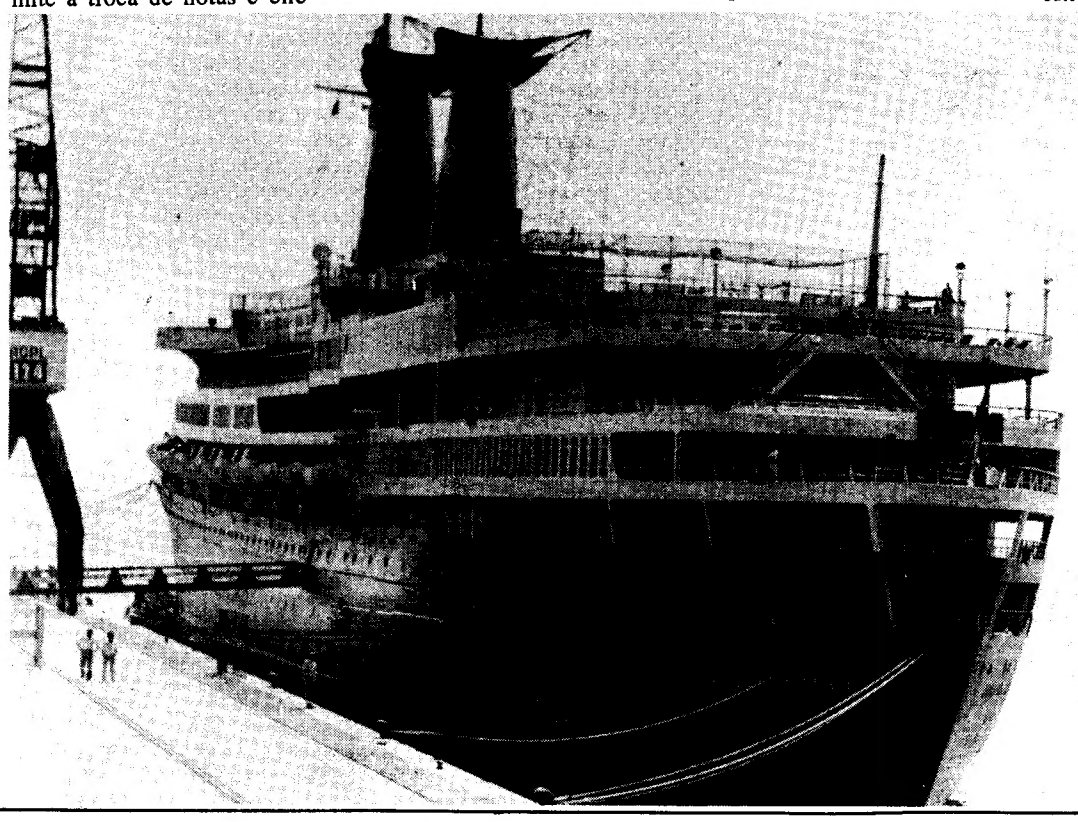
Recorda-se que o sequestro do barco, a 7 de Outubro de 1975 entre Alexandria e Port Said, de que resultou a morte de um cidadão norte-americano de origem judia, Leon Kinghoffer, origionou uma série de acontecimentos em cadeia.

Exigindo a libertação de palestinianos aprisionados em Israel, Itália e noutros países, os sequestradores ameaçavam fazer explodir o navio e matar os passageiros de nacionalidade norte-americana e britânica. A 8 de Outubro, o «Achille Lauro» parte para a Síria seguido por navios da marinha de guerra italianos, mas as autoridades de Damasco recusam a entrada do navio, que vai atracar no dia seguinte no porto egípcio de Port Said onde os sequestradores exigem negociar com embaixadores ocidentais.

Após um moroso processo de negociação com representantes egípcios e da Organização de Libertação da Palestina (OLP), que declinou qualquer responsabilidade na acção, o comando rende-se, depois de obter um salvo-conduto para saír do Egipto.

Quando os quatro homens seguiam num avião das linhas aéreas do Cairo para Tunis, o aparelho foi interceptado em pleno voo por caças norte-americanos que o obrigaram a descer na Sicilia, onde os palestinianos ficaram sob prisão, o que motivou uma série de protestos diplomáticos e acusações de pirataria aérea dirigidas à administração Reagan.

Os julgamentos relacionados com o sequestro do «Achille Lauro» prosseguem ainda em Génova, depois de cinco homens terem sido condenados, em Novembro passado nesta cidade italiana a penas de prisão por posse de armas e explosivos relacionados com o desvio do luxuoso navio.



Horários mais curtos para 10.º e 11.º anos

Os cursos complementares vão ter uma carga horária mais reduzida a partir do próximo ano lectivo - anunciou a secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário, Marília Raimundo.

A secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário anunciou esta medida, bem como um conjunto de outras, no início de uma visita de três dias ao Distrito de Coimbra.

Marília Raimundo anunciou também a criação de novos cursos nocturnos para estudantes trabalhadores e a adequação dos currículos e planos de estudos destes cursos à especificação da condição do estudante — trabalhador.

No capítulo da educação básica e da alfabetização, Marília Raimundo salientou que estão a ser realizados vários estudos com o objectivo de estruturar esta área no sentido da educação permanente.

A secretária de Estado anunciou ainda que as provas de exame do ensino secundário vão ser avaliadas por um júri nacional e que foi criado um outro júri com a missão de analisar os recursos apresentados pelos alunos.

Os estudantes podem assim recorrer das notas que lhes forem atribuídas mesmo que elas sejam positivas mas consideradas injustas por estes.

Marília Raimundo disse ainda que o Governo vai estabelecer alguns incentivos ao ensino particular e cooperativo.

Paulo Quintela sócio honorário do SPRC

O Sindicato dos Professores da Região Centro decidiu atribuir ao professor Paulo Quintela o título de sócio honorário do Sindicato, tendo em conta «os serviços prestados pelo insigne professor e cidadão exemplar em prol do ensino e da democracia portuguesa».

A decisão foi tomada na última reunião plenária deste ano lectivo, em que foram abordados problemas do ensino e relativos à preparação da actividade sindical para 1987.

A redução da profissionalização para um ano, a discussão e negociação de um estatuto da carreira docente do ensino não superior, a revisão da legislação de concursos dos ensinos pré-escolar e primário são apontados pelo SPRC como questões de vital importância para os professores.

Também a organização do Primeiro Congresso dos Professores da Região Centro, a realizar no primeiro trimestre de 1987, vai mobilizar os esforços do sindicato.

Novo equipamento dá mais água a Coimbra

A adjudicação de equipamento electromecânico para a estação elevatória de água da Boavista, em Coimbra (cuja concretização orça em 60 000 contos) foi ontem homologada em sessão camarária.

Segundo Álvaro Seco, vereador do pelouro respectivo, «o reforço das captações nesta estação elevatória vai benericiar 80 por cento do concelho de Coimbra e juntamente com outros obras em curso, resolve o problema do abastecimento de água nos próximos 17 anos».

«Se este empreendimento não fosse concretizado, dentro em pouco não haveria água em Coimbra», salientou antes de acrescentar que «os trabalhos deverão estar concluídos num prazo de sensivelmente, 10 meses».

Trata-se de um projecto internacional, que irá beneficiar igualmente os concelhos da Mealhada e Penacova e — adiantou — grande parte do seu financiamento (cerca de 24 por cento é suportado pelo banco alemão-federal «KFW».

Aquele vereador sublinhou a importância dos projectos intermunicipais no sector de abastecimento de água, «nomeadamente em zonas de fronteiras entre concelhos, cuja reduzida rentabilidade do serviço prestado não permite a uma só autarquia suportar o seu custo».

Criticou a decisão do Governo em «ter acabado com os projectos intermunicipais», salientando a necessidade de serem encontradas alternativas à iniciativa conjunta dos municípes para resolver este tipo de carências.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O Dr. José Maria Rodrigues da Silva, Juiz de Direito do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa

FAZ SABER que pela 2.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito, na Av.ª Almirante Reis, n.º 49 - 4.º andar e, na acção emergente do contrato individual de trabalho com processo comum-sumário registada sob o n.º 20/83 que a Autora MARIA DE LOURDES DA CONCEIÇÃO MARTINS TOMÁS, residente em Bairro da Construtora, Rua B, n.º 2, em Vila Franca de Xira move contra a Ré – «ENDIMA» – Empresa Distribuidora de Máquinas, SARL, com última sede conhecida em Av.ª Duque d'Ávila, n.º 102, em Lisboa e actualmente em parte incerta, e neles correm éditos de TRINTA DIAS, citando a Ré, para, no prazo de OITO DIAS, findo o dos éditos, ou a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, contestar, querendo, aquela acção, sob pena de não o fazendo ser condenada no pedido, e para no mesmo prazo, querendo, contestar o pedido de assistência judiciária formulado pela Autora e concedido provisoriamente.

Os duplicados da petição inicial encontram-se arquivados neste Tribunal e respectiva Secção, à disposição da citanda.

Para constar se lavrou o presente e outro de igual teor a fim de serem publicados nos jornais de maior tiragem, conforme a Lei determina.

Lisboa, 12 de Junho de 1986

O JUIZ DE DIREITO,

a) José Maria Rodrigues da Silva

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) José da Silva Gaspar

DL - 24/6/86 – 2.ª Pub.

SEVILHA ARACENA BADAJOZ

EXCURSÃO EM AUTO-PULLMAN DE LUXO COM AR CONDICIONADO

GUIA ESPECIALIZADO

3 DIAS

PARTIDAS: 27/6 • 11 E 25/7
1 E 15/8 • 5 E 19/9
3 E 30/10

Alojamento em SEVILHA
NO HOTEL AMÉRICA 1ª ★★★★
SITUADO NO CENTRO DA CIDADE, MESMO EM FRENTE AO CORTE INGLÊS

Preços:
TRANSPORTE, VISITAS, JANTARES, ALOJAMENTO E PEQ. ALMOÇOS
11 900$00

TRANSPORTE, VISITAS E PENSÃO COMPLETA
14 900$00

Reservas e informações
AVIC
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
TEL. 52 11 16 - 52 11 17 - 57 29 70
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS
GROSSISTA 473/85

Despacho de pronúncia regista 1725 clientes

Depositantes confiaram a D.Branca mais de 17,5 milhões de contos

Os recibos passados por D. Branca a «depositantes» e apreendidos pela Polícia Judiciária (PJ) totalizam 17 505 486 634 escudos e 50 centavos, indica o despacho de pronúncia da «banqueira do povo». Os 1725 «clientes» que se constituíram como queixosos alegam prejuízos superiores a um milhão de contos, entre depósitos não devolvidos, juros não pagos e cheques sem provisão.

Segundo o despacho, este último valor, precisamente 1 036 491 210 escudos, «é apenas uma parte do montante apurado nas investigações como sendo o total das quantias recebidas pela organização».

Foi em data indeterminada de 1974, refere o documento, que D. Branca, actuando sozinha, começou a receber de várias pessoas quantias em dinheiro, sobre as quais pagava um juro mensal de oito por cento e obrigando-se a devolvê-las por inteiro logo que solicitadas.

Ao mesmo tempo, fazia circular esse dinheiro em sentido inverso, emprestando-o por sua vez a outras pessoas, com a mesma obrigação para estas de pronta devolução por inteiro e exigindo-lhes de juro mensal não os oito por cento que pagava aos primeiros, mas 12 a 15 por cento que às segundas cobrava.

«Esta actividade — reza a acusação — era de âmbito reduzido, envolvendo pequeno número de pessoas de quem recebia e a quem cedia dinheiro, por si apenas conduzida e rodeada de certa confidencialidade e secretismo».

Ampliação

Em 1983, Maria Branca dos Santos decide ampliar essa actividade, «consciente da iminente impossibilidade de restituição do numerário prometido, bem como os respectivos juros, a não ser que avultados 'depósitos' surgissem», para citar o despacho.

Tratava-se para a ré, diz este, de «procurar fraudulentamente o aumento quantitativo dos 'depósitos' para satisfazer as retribuições mensais a título de juro e simultaneamente fazer seu o dinheiro assim recebido, em quantias muito superiores a mensalidades que tinha de pagar, não o devolvendo».

Entretanto, no mesmo ano de 1983, é detido pela PJ de Braga o ora réu Manuel Carlos Manso, suspeito de receptador em roubos e furtos de objectos em metais preciosos e outros valores, na área de Guimarães.

Foram-lhe então apreendidos cerca de 60 milhões de escudos em numerário e dezenas de cheques assinados por D. Branca ou por terceiros a favor desta — o que em parte veio a ser-lhe devolvido por acórdão do Tribunal de Relação de Lisboa, como noticiou a tempo a Comunicação Social, embora o presente despacho seja omisso quanto a este ponto.

Manuel Manso já em parte era colaborador de uma D. Branca antes solitária, e com ele os também agora réus Amândio de Matos, Mário Rui Ferreira, António José de Sousa, Maria Gervásia, Maria Eulália, Ermelinda Gonçalves e Maria Eugénia Santos.

«A ampliação da actividade (de D. Branca, nesse ano de 1983) tinha por objectivo único — adianta o documento — satisfazer alguns compromissos, manter a sua credibilidade e obter pela fraude mis quantias, que pretendia fazer suas, com os citados co-arguidos».

Rede nacional

Para o efeito e «sob a égide e superior direcção de D. Branca» (como se afirma na acusação), constitui-se uma rede de «dirigentes, 'colaboradores', 'angariadores' e pessoal de segurança e apoio jurídico», «espalhados por todo o país», rede «dirigida à prática de crimes de delito comum, em particular crimes de burla e de cheques sem cobertura».

A fase seguinte foi, segundo o despacho de prenúncia, a de «divulgar, através sobretudo através dos 'mass media', o conhecimento a nível nacional da D. Branca, através dos hipotéticos negócios rendosos desta, ao pagar pontualmente 10 por cento sobre o numerário que quisessem entregar-lhe como 'empréstimo'».

«Nesta sequência, refere o documento, surge a oportunidade de uma entrevista a D. Branca pelo semanário 'Tal e Qual', lançando-se assim para a 'celebridade' um personagem até aí apenas conhecido de grupos restritos de pessoas», com as óbvias vantagens da publicitação da actividade da «banqueira do povo», isto em Março de 1983.

Na mesma linha, «em 3 de Fevereiro de 1984 é publicada uma entrevista com D. Branca — afirma-se no despacho — elaborada intencionalmente para concretização do projecto criminoso traçado por forma a gerar a convicção pública da seriedade e grandeza da organização e da «banqueira do povo».

Assinar de cruz

As respostas à referida entrevista no «Tal e Qual» foram «dadas pelo arguido Marcos Dias Fernandes, como dirigente da organização, que por sua vez solicitou ao doutor Gabriel Salta que lhe desse uma redacção coerente e chamativa», como consta dos autos de busca ao primeiro, sempre segundo o documento, tendo D. Branca apenas assinado «de cruz» essas respostas previamente elaboradas por Marcos Fernandes.

Na mesma estratégia de manipulação dos «mass media» se insere, segundo a acusação, o depoimento de Francisco Garcia perante as câmaras da RTP, em que terá «tentado com as suas palavras e a sua profissão recuperar a confiança do cidadão e levá-lo a novos 'depósitos', não o conseguindo nessa altura apenas devido à prisão de alguns dos arguidos».

Assim e nessa fase, que viria a ser final, «entre 13 e 17 de Junho de 1984 — indica o despacho — os arguidos conseguem 'depósitos' no montante de 1 430 034 838 escudos e, em Agosto e Setembro do mesmo ano, a quantia de 315 574 milhares de escudos».

Após a afluência em massa dos depositantes aos doze «escritórios» da organização em Lisboa, foram estes encerrados em Agosto e Setembro, primeiro por alegada suspensão para férias, depois, de vez, com as prisões dos 69 suspeitos.

Restam, agora, esses 69 réus, a julgar a partir de Outubro, eventualmente no «Tribunal de Alta Segurança de Monsanto», do que o juiz Adélio, do Terceiro Juízo Criminal de Lisboa, discorda por não ver para tal razões de segurança bastantes, ao que disseram fontes judiciais interessadas.

"Carteira" de reivindicações da Comissão Sindical da PSP

A Comissão Pró-Associação Sindical da PSP reivindicou ontem melhores condições de trabalho e melhores vencimentos para os agentes da corporação. Em comunicado, a estrutura dirigida pelo 1.º Comissário Joaquim Santinhos pretende também a concessão de um subsídio de renda de casa, um subsídio de risco semelhante ao que é aplicado nas Polícias europeias, bem como a institucionalização da figura da segunda actividade ou do jubilado que corresponda aos beneficiários da reserva.

A referida comissão exige igualmente a atribuição de uma folga semanal para os polícias de giro e subchefes de ronda e ainda de uma folga de 48 horas após o cumprimento de serviços de 24 horas seguidas. Reivindicando, por outro lado, o acesso de pleno direito dos agentes com 5 anos de serviço efectivo à categoria de agentes de primeira classe, sem dependência de qualquer escala de prioridades ou da existência de vagas.

Ainda há sete feridos em estado grave

Desastre de Vila da Feira: mortos já são doze

Subiu para doze o número de vítimas mortais do trágico desastre do «expresso» Braga-Lisboa que se despistou domingo à tarde na auto-estrada entre Grijó e Vila da Feira, em Riomeão, freguesia deste último concelho. O autocarro da empresa Abílio Moreira embateu no talude da auto-estrada, desgovernado, ficando com parte da frente parcialmente destruída. Inúmeros passageiros foram cuspidos, dez dos quais faleceram no próprio dia do sinistro.

Estão ainda por apurar as causas do acidente, se bem que inicialmente se tivesse levantado a hipótese de haver óleo derramado na estrada que, com a chuva, estivesse na sua origem. Elementos da Brigada de Trânsito da GNR afirmaram já que no local do desastre, ou pelo menos onde o condutor perdeu o controlo do autocarro, não havia qualquer ponto de óleo esparso. Responsáveis da empresa enjeitaram a hipótese de eventual avaria mecânica ou por cansaço do motorista que, ainda segundo os mesmos informadores, havia largado a condução no dia anterior (21 horas antes de nova viagem para Lisboa) e era um profissional cioso e regrado.

Fica de pé, assim, a única hipótese plausível, por ora: a de que a chuva torrencial que caiu nos arredores do Porto e principalmente na área do acidente, terá dificultado o trânsito entre Grijó e Vila da Feira e que a velocidade a que o autocarro circulava, entre os 70 e os 75 km/hora — de acordo com o testemunho de um dos passageiros que saíram ilesos do acidente, Joaquim Pereira Oliveira —, era a indicada face à situação. Terá, pois, ocorrido um daqueles fenómenos raros, mas que por vezes acontecem na proporção de uma vez em dez mil), traduzido na súbita constituição de um lençol de água em determinado sítio, por deficiência invisível do asfalto ou de construção do piso, que «rouba» a aderência de qualquer veículo. A chuva intensa que na altura caía, por outro lado, teria «varrido» qualquer mancha de óleo entretanto concentrada.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

PARA desenvolver o interesse não há como uma competição. O ritual da nossa sociedade é o ritual do desafio.

Quem recusa o duelo, morre no anominato, ou seja, morre duas vezes.

Isto que aí fica não passa de literatura um pouco desinteressante, pois não transporta consigo nenhuma polémica — nenhuma competição.

A competição é tanto mais eficaz quanto menos pulverizada. Por exemplo: a telenovela **Corpo a Corpo** *passou a ter mais impacto com o aparecimento da* **Vereda Tropical**. *Se houvesse mais telenovelas a competição diluía-se, desaparecia o efeito.*

É por isso que, quando vier a telenovela portuguesa, não haverá em cena qualquer telenovela brasileira para não haver competição, o que seria chocante para ela. Este **ela**, *note-se bem, refere-se à telenovela brasileira.*

O futebol dá-nos o exemplo indispensável: o que seria do Benfica, se não fosse o Sporting? O que seria do Sporting, se não fosse o Benfica? O Porto, ao intrometer-se, vem estabelecer um conflito que, para respeitar o rpincípio do duelo, leva à eliminação do Benfica ou do Sporting...

Em Portugal, a história levou quatrocentos anos a compreender isto, com a germinação de Fernando Pessoa. Agora, Camões não está só e o duelo torna tudo mais interessante...

Em política, o fenómeno está na forja. Acabo de saber pelo telejornal que, por uma sondagem a 500 pessoas, se conclui que os dois partidos que vão crescer são o PSD e o PS. Saraiva Júnior até diz que ora agora governa um, ora agora governa outro! É certo que não haverá bem duelo, mas elo de duo...

Agora vejam: o toureio estava a morrer, as bilheteiras asfixiavam. Então a TV fabrica o duelo entre o Moura e o Salvador, a esperança renasce. Então o Caetano? Pois. O mal do Caetano foi não ter criado uma competiçãozinha. Tivesse-o feito e se calhar hoje o toureio era outro.
Há quem aprenda a lição. Não é, saraivinha?

Devido a "pressões e ameaças das chefias"

Greve dos guardas prisionais não chegou a Évora e Montijo

A greve de três dias dos guardas prisionais, ontem iniciada, teve uma aderência superior a 90 por cento, segundo referiu uma fonte sindical, apenas não tendo abrangido em todo o País as cadeias de Évora e do Montijo «devido a fortes pressões e ameaças das chefias».

A informação sindical assinala que todos os guardas «de folga ou de descanso» se encontram «dentro dos estabelecimentos prisionais a reforçar a segurança». À entrada nas cadeias é porém negada a assistência jurídica e os guardas prisionais não proporcionarão a transferência de presos entre cadeias, as suas saídas para o exterior e as suas comparências a tribunais. Por essa razão, não se efectuará no tribunal de Monsanto a continuação do julgamento das «FP-25 de Abril» e outros julgamentos com réus presos.

Os guardas prisionais reivindicam um aumento de vencimento igual ao registado para os restantes trabalhadores da Função Pública (de cerca de 15 por cento) e a atribuição de subsídios de emolumento e de risco.

De acordo com a mesma fonte, os guardas prisionais não viram os seus vencimentos aumentados como os dos restantes trabalhadores da Função Pública, desde Janeiro de 1986. Da mesma forma, os restantes trabalhadores da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais auferem um aumento de cerca de 10 por cento nos seus vencimentos, sob a forma de subsídios de risco e de emolumento, o que, segundo a mesma fonte, não acontece com os guardas prisionais.

Diminuição do horário de trabalho, melhores condições para o realizar e a exigência de que seja cumprido o decreto-lei que dá direito à utilização gratuita dos transportes públicos são as outras reivindicações exigidas pelos guardas prisionais. «Estamos abertos a qualquer forma de diálogo, no sentido de desbloquear a situação, mas até agora não houve qualquer diligência nesse sentido por parte das autoridades competentes» — disse o porta-voz do Sindicato Nacional do Corpo de Guarda Prisional.

Em causa a Região de Turismo do Centro

APU de Coimbra denuncia "gestão corrupta"

Os vereadores da APU na Câmara Municipal de Coimbra acusaram ontem a Região de Turismo do Centro de «gestão corrupta», numa altura em qe cessa funções como seu presidente, o socialista Carlos Beja.

A gestão de Carlos Beja, que foi nomeado responsável do turismo em Macau, é acusada pelos autarcas comunistas de gastos de verbas sem cumprimento de formalidades legais e de ter recrutado funcionários «por serem familiares dos autarcas».

Em documento ontem apresentado na reunião do executivo municipal, Santos Cardoso e José Viana afirmam que «foram usados métodos de escolha pelo critério de os recrutados serem familiares dos autarcas» e sublinharam que «não foram cumpridas as normas legais em vigor que prevêm o provimento de funcionários mediante concurso público».

Consideram que «a eventual má situação financeira» da Região de Turismo do Centro resulta dos gastos dos dinheiros não terem obedecido «ao cumprimento das formalidades legais conducentes à optimização da relação custos-benefícios».

A Câmara de Coimbra, de presidência PSD decidiu apresentar como seu candidato à presidência da Região de Turismo do Centro para o próximo triénio, o actual responsável dos serviços culturais concelhios, Rodrigues Costa, dirigente do PRD.

Rodrigues Costa recebeu os votos favoráveis de seis vereadores, tendo derrotado a proposta adiantada pelos representantes do Partido Socialista, que apresentaram o nome de Manuel Machado, actual vereador daquele partido.

A Comissão Regional de Turismo, composta por representantes das autarquias de toda a Região Centro e elementos da administração central, vai eleger o presidente da Região de Turismo do Centro no dia 30.

Manuel Machado disse à Anop que não põe em causa a capacidade técnica de Rodrigues Costa para o desempenho daquele cargo, mas defende que «políticamente, é uma má escolha, sem qualquer hipótese de êxito».

Sobre as acusações dos autarcas comunistas, considerou «excessiva» a afirmação de actividade corrupta e adiantou que o PS irá tomar uma posição sobre o documento ontem divulgado que apelidou de «manobra de propaganda».

No decorrer da reunião da Câmara de Coimbra, o vereador José Viana, da APU, disse que a Região de Turismo do Centro «tem dívidas para com os trabalhadores e há mesmo uma trabalhadora a quem deve mais de 100 contos».

Perante as acusações dirigidas à gestão financeira daquela região de turismo, o executivo deliberou solicitar a apresentação das respectivas contas, para esclarecer a situação.

Licenciamento vai ter novas regras

Câmara de Lisboa analisa parques privativos

Na sua reunião de ontem a Câmara Municipal de Lisboa analisou a proposta do vereador do pelouro do Trânsito, Magalhães Pacheco, sobre licenciamento de parques privativos. De acordo com a proposta do vereador social-democrata, a atribuição de parques de estacionamento privativos, como primeira medida para a tarifação do estacionamento na cidade, fica sujeita a licenciamento camarário e condicionada ao pagamento de uma taxa uniforme a que acresce uma tarifa de aluguer anual, consoante a zona em que o parque estiver implantado. Para o efeito, Lisboa é dividida em três áreas, tendo como critérios definidores as principais vias da cidade no fluxo do tráfego, a utilização do edificado e a procura do estacionamento normal.

A decisão final da Câmara em relação a esta proposta só será tomada na próxima reunião do executivo que abordará ainda a criação de uma empresa municipal de estacionamento.

Na reunião de ontem, foi decidido por unanimidade aceitar do Estado a doação da Estrada Militar, a via que estabelecia a separação do Concelho mas que foi sendo gradualmente integrada na rede de tráfego urbano, medida que, segunmdo a Câmara, possibilitará a sua integração plena na rede viária da cidade e o estabelecimento de estudos de ordenamento para o tráfego local.

Igualmente por unanimidade, a edilidade deliberou atribuir a uma rua da cidade o nome do sindicalista da UGT António Janeiro, e aprovou um voto de pesar pela morte do ex-secretário de Estado das Indústrias Alimentares, Carlos Filipe.

Casal morre em ribanceira

O despiste de um automóvel por uma encosta montanhosa em Machico, na Madeira, provocou a morte de um jovem casal (Rui Fernandes, de 25 anos, e Catarina Nunes, de 24). Um informador dos bombeiros disse que o carro acidentado apareceu numa ribanceira situada cerca de cem metros afastado do nível da estrada. De acordo com a mesma fonte, pelas marcas deixadas no local, o veículo descia o caminho do Pico do Facho, um miradouro turístico, e saiu da estrada a 500 metros do túnel que dá acesso ao Caniçal.

Ganhadora do "loto" acabou por romper anonimato

Estava num funeral quando lhe saíram os 124 mil contos

A «anónima» de Braga, que vai receber os 124 631 contos correspondentes ao 1.º prémio do Totoloto de sábado, decidiu identificar-se, prometendo desde já cumprir a promessa que fizera, «se ganhasse uma boa quantia», de oferecer uma imagem de Nossa Senhora de Fátima ao Hospital de São Marcos, naquela cidade.

Rosa Ferreira Sequeira, de 35 anos, casada, com t.-s filhos, a feliz contemplada confessou que «todas as semanas pedia a Nossa Senhora do Sameiro» qu lhe saísse «um prémio grande». «Mas nunca imaginei que ganhasse tanto dinheiro e desde sábado que até a comida me custa a engolir», referiu.

Rosa Sequeira encontrava-se num funeral no momento do sorteio realizado nos estúdios da RTP e foi o seu marido o primeiro a conhecer o resultado do Totoloto. «Esteve a ver o futebol e quando reparei que tinha os seis números sorteados deitei-me no chão, bem junto ao candeeiro, para ver se era mesmo verdade», disse o marido, José Miranda, de 35 anos.

Respondendo a um pergunta sobre como vai aplicar o dinheiro, Rosa Sequeira afirmou que vai, desde já, comprar um terreno e construir uma casa para os filhos. «Quanto ao resto — concluiu— ainda não sei. Mas uma coisa é certa. Nunca mais jogarei no Totoloto, porque acho que as outras pessoas também devem ter a sua oportunidade».

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 35/86

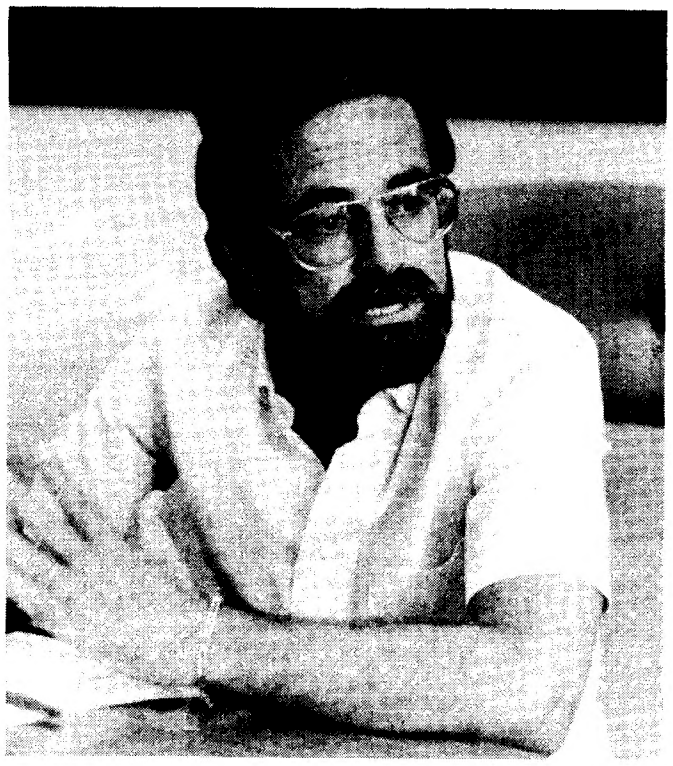
VIATURAS ABANDONADAS

Faz-se saber que os veículos abaixo indicados e que se encontram no parque da 1.ª Repartição – Armazém e Imprensa Municipal, sito na Quinta da Vila Formosa ao Figo Maduro, serão vendidas em hasta pública conforme o preceituado no Edital n.º 24/82, Decretos-Lei n.ºs 57/76 e 131/82, se os seus proprietários os não levantarem no prazo de noventa dias a contar da data do presente Edital.

Os interessados ficarão responsáveis pelo pagamento dos encargos legais estabelecidos.

NOME DOS PROPRIETÁRIOS	LOCAIS DONDE FORAM RETIRADOS OS VEÍCULOS	MATRÍCULAS
Herd. Fernandes Carqueija P. Vicente	Largo da Escola Municipal	CL-79-48
Agostinho Nunes dos Santos	Av.ª Sidónio Pais	EA-86-28
António Pires Miguens	Av.ª Luís Bivar	LA-21-67
Transp. a Central da Rua do Cavaleiro de Oliveira	Rua Coronel Ferreira do Amaral	FA-21-89
Fernando Rosa da Silva	Calçada da Cruz de Pedra	GB-73-86
Maria Isabel F. Saraiva Santinho	Av.ª da Liberdade	CS-13-99
Fernando Augusto Gomes Marques	Praça Luís de Camões	DI-73-58
Teixeira & Coutinho, Ld.ª	Rua Gonçalves Crespo	FG-26-92
Estado Português - Ser. de Apoio e Desenvolvimento Agrário - Lisboa	Av.ª Eduardo Galhardo	GD-91-26
Fernando José Santos P. Faria	Av.ª Visconde de Valmor	EL-64-55
Carlos Alberto Cavadas da Silva	Rua do Guarda-Mór	HI-78-57
Herd. de Américo Celestino Mota dos Santos	Av.ª Ressano Garcia	EG-65-73
Atlas Automat. Portuguesa, Fábrica de Equip. Desp. e de Campismo Ld.ª	Rua Tenente Espanca	FB-99-17
Manuel Luís Cerdeira Teixeira	Rua da Indústria	IA-26-97
Liscol-Soc. de Const. e Isolamento Ld.ª	Rua Pinheiro Chagas	IV-48-17
Herd. de Henrique J. da C. Vitureiro	Rua Ciriaco de Cardoso	GL-58-34
Joaquim Marques Fernandes	Rua Estácio da Veiga	IC-39-72
Maria Júlia Nunes Calha Nunes	Calçada do Tojal	DE-48-50
Amândio Damião Pereira	L.º Frente à Escola Sec. de Benfica	CE-58-19
Luís Guilherme L. da Silva Ferreira	Av.ª do Colégio Militar	MS-89-06
Herd. Fernando Severino França	Calçada do Galvão	HZ-10-33
Joaquim Daniel Pinheiro da Conceição	Largo das Olarias	BA-68-61
Auto Taxis Sempre Livre, Ld.ª	Rua do Val de Santo António	LC-28-67
Also Fernandes Carneiro	Rua do Ferragial	PP-22-31
José António dos Santos Esteves	Rua António Saúde	EC-78-67
Marques, Pires & Valente, Ld.ª	Rua Professor Mira Fernandes	BZ-36-03
Paulo Jorge Ferreira de S. Carmo	Rua da República da Bolívia	LB-23-45
Maria Clara de S. Paulo Roldão	Rua Rodrigo da Fonseca	BT-76-84
Bernardo Manuel Ochoa	Rua do Olival	FE-79-76
Herd. Manuel Martins Nobre	Rua Neves Ferreira	HC-83-51
Luís António Mendes Rebelo	Rua do Rio Minho	AT-90-98
Ignorado	Logradouro da R. de S. Bento	Ignorado

Paços do Concelho de Lisboa, em 1986/6/6
P'lo Presidente da Câmara Municipal
Pedro Feist



Ezequiel Lino fez o ponto da situação do concelho para o «DL»

Lagoa para o mar: abertura para breve

A Secretaria de Estado das Vias e Comunicações deverá facultar a curto prazo os meios necessários à Direcção-Geral de Portos de modo a que seja urgentemente desassoreada a ligação da lagoa ao mar. Há cerca de 22 meses que o «canal» está fechado, razão por que a população manifestou, há dias, a sua revolta pela situação.

Foi durante uma visita do presidente da Câmara à Lagoa de Albufeira, para a apresentação da 1.ª fase do plano parcial que está a ser accionado para a recuperação daquela privilegiada zona do concelho, de que nesta edição falamos com o devido relevo. No final, a população chamou a atenção da vereação para o facto, que é tanto mais grave quanto é certo que dele foi dado conhecimento a diversos órgãos do Poder, desde a Assembleia da República ao Governo.

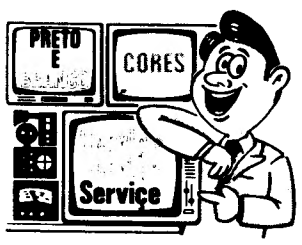
Por não estar ligada ao mar, as águas da Lagoa de Albufeira estão sujas, constituem um foco venenoso, com elevado grau de poluição que se constata pelo mau aspecto das suas margens e pelos cheiros que dela exalam. Há crianças, segundo a Câmara, que apresentam sinais de erupção na pele por ali terem tomado banho. Grande parte das 127 espécies de peixes e mariscos que ali existem, sobretudo bivalves (que asseguram a subsistência de 14 famílias que por ano vendem cerca 50 mil contos de marisco), correm o risco de morrer.

Ou melhor: corriam. Ao que parece, a Direcção-Geral de Portos reagiu já, e favoravelmente — como era de esperar — ao apelo da Câmara Municipal e ao telex que esta fez chegar à Comunicação Social, dando conta de tão estranha situação e de tanta incúria. Também por telex, a Secretaria de Estado das Vias e Comunicações deu conhecimento à autarquia sesimbrense que a DGP será apetrechada a curto prazo com os meios financeiros à abertura da lagoa para o mar...

Reparações

Somos técnicos especializados não corra riscos em TV, videos, rádios e Hi-Fi

PHILIPS - RADIOLA e outras marcas nos concelhos de Almada, Sesimbra e Seixal



Concessionário service
RAFAEL NEVES
Assistência domiciliária
Venda de componentes

R. Dr. Emidio Guilherme Garcia Mendes, 31-Lj.
☎ 221 0467 - AMORA

Um dos seus costumes mais típicos

Câmara de Sesimbra recupera festejos dos Santos Populares

Júlio Rodrigues

Fotos de Rui Pacheco

Sesimbra vive desde ontem à noite o S. João. Depois do S. João virá o S. Pedro. A vila e o concelho festejam os Santos Populares. À Câmara Municipal cabe o mérito e empenho de manter uma tradição a que as gentes da terra se mantiveram fiéis ao longo de muitas décadas e que murchou com a guerra colonial. Com os filhos em Angola, na Guiné e em Moçambique, esta gente alegre e de trabalho deixou-se de festas e festejos. A edilidade acorreu há quatro anos para evitar a sua extinção, porque os festejos agonizavam.

A campanha de sensibilização dinamizada pela Câmara Municipal está à vista, pois produziu os seus frutos: em 1983, recuperando uma prática que entrara em decadência, os sesimbrenses ornamentaram três ruas; o número subiu para cinco no ano seguinte; em 1985 foram oito. E em 1986? Desde há dias que quem desemboca em Sesimbra (porque é fácil, mas nem sempre rápido, chegar ao «coração» da vila) pode ver dez ruas, todas aconchegadinhas, tentacularmente agarradas, com as mais variadas ornamentações. E hoje a vila vive o seu grande dia, o seu S. João...

O Grupo Turumbamba, integrado por cinquenta elementos e que desde 1984 tem a seu cargo a organização de uma marcha, fê-lo outra vez este ano com assinalável sucesso: música e cantigas próprias desta quadra e dos santos populares encheram o ar e ambiente de Sesimbra, que hospitaleiramente tem recebido grande número de forasteiros e espera por mais até ao último dia do mês. Os festejos populares nesta terra prolongam-se até 30 com variações diárias. Em suma: a campanha de recuperação destas Festas é um facto, segundo a Câmara Municipal. Um facto facilmente constatável: nos Serviços de Turismo inscreveram-se muitas pessoas interessadas na ornamentação de dez ruas, como atrás se refere, das quais apenas cinco artérias sob a responsabilidade de «Escolas de Samba» que neste período se agitam. De acordo com a CM, «isso permite-nos concluir que, por parte dos moradores de algumas artérias das mais pitorescas da nossa vila, a tradição se vai recuperando.»

Para que conste, aqui ficam os nomes das ruas (de modo a que para o ano esse número suba) que estão ornamentadas e que para tal receberam da Câmara, em conjunto, subsídios no valor global de 440 mil escudos: Guerra Junqueiro, Vasco da Gama, Antero de Quental, Afonso de Albuquerque e Gonçalo Velho, Beco do Quinquilheiro, Largos dos Industriais e Luís de Camões e Escadaria do Largo do Calvário.

Os factores que determinaram a atribuição dos subsídios por parte da CM assentaram basicamente em 160 escudos por metro quadrado (para ruas, largos e becos) e em 900$00 por cada jovem que integra a marcha. Além disso, cedeu muito material, muito dele irrecuperável, e viaturas para a apanha de alecrim.

Não há espaço para tantos carros

Com o S. João começa o Verão, diz-se em Sesimbra. E o Verão traz problemas a esta pequena vila virada para o mar: pela pesca e pela longa faixa do seu areal. O seu número de almas sobe num ápice, quando o calor não tem comtemplações e o sol quer sorrir aos seus comerciantes: passa de 23 para 60 mil. Já este mês os sesimbrenses o sentiram. Mas de tão acostumados estarem a visitas súbitas, não estranharam, a não ser nos preços. Os que mais sentiram na pele os reflexos de sua excelência, mesmo sem se queimarem, mesmo sem se desidratarem, foram os forasteiros motorizados. É que não é fácil estacionar em Sesimbra.

Como é que será este ano? O repórter questionou o presidente da Câmara nos Paços do Concelho. Ezequiel Lino admite que este Verão será melhor que no anterior, se bem que espere ainda mais veraneantes, mais visitantes. A sua fé assenta nisto: as pessoas não podem trazer os automóveis para a praia. «A Câmara tem vindo a fazer um grande esforço para resolver o problema, mas há muito que é sabido que só com a participação de todos é que se tornará possível atenuar os inconvenientes que daí resultam», disse-nos.

Os parques de estacionamento são insuficientes. A CM não dispõe de terrenos no «coração» da vila para os construir. Ao preço que está o metro quadrado, não há particulares que queiram investir neste tipo de negócio que só dura dois/três meses. Ora, para Ezequiel Lino, o que à Câmara compete é aconselhar. E a sua recomendação é esta: «deixem os carros na periferia».

Chegar a Sesimbra ou partir da vila também já é mais simples, cómodo e fácil, por muito grande que seja o número de automóveis que se alinhem nas suas ruas (e parques de estacionamento descobertos): há uma estrada municipal que os automobilistas idos de Lisboa (por exemplo) poderão tomar, em Santana, transposto o cruzamento que dá para Setúbal, à esquerda. Não tem nada que enganar: um pouco antes da estrada que conduz ao Cabo Espichel, ainda para quem vai de Lisboa, surge à esquerda uma estrada, a subir, que indica Sesimbra e termina nas proximidades de Argéis. Quem nela entrar e por ela seguir desembocará a Sul da vila na área a que muitos chamam de falésia, podendo chegar à praia sem passar o «Espadarte». O regresso pode ser feito, obviamente, em sentido contrário, pela mesma Estrada Municipal (que tem número: 565) e liga Santana às proximidades de Argéis. A pavimentação betuminosa custará 14 mil e 500 contos.

Esgotos já não correm para a praia

A Câmara fez um esforço extraordinário nos últimos meses, como no-lo disse o seu presidente, para garantir bens essenciais a uma população que no Verão passa de 23 para 60 mil ou mais pessoas apesar de receber do Orçamento do Estado verbas correspondentes ao seu número fixo de habitantes. Foi a estrada municipal atrás referida (cujo alcatroamento que falta será adjudicado e tornará este troço um dos mais procurados da zona), foram os novos sanitários no Largo 5 de Outubro, beneficiando quer os naturais quer os forasteiros.

Mas não só isso: é que no final de Abril último terminaram as obras da primeira fase das centrais de elevação de esgotos da Fortaleza e de Palames, na vila, permitindo que já este época balnear não haja mais esgotos a desaguar nas praias. Para isso as centrais estão a funcionar desde 23 de Maio durante as 24 horas do dia. Mesmo que aos fins-de-semana, este Verão, aos veraneantes instalados na vila se juntem os que se fazem transportar em cinco ou seis mil automóveis, os esgotos resistirão, as centrais reagirão favoravelmente, a saúde ficará preservada, a poluição não se sentirá. A esses, a CM apenas pede que estacionem os automóveis no parque da Nascente da vila e que não invadam a marginal, porque no seu reduzido parque não haverá lugar para mais de duas centenas de carros.

Foi entretanto reforçado significativamente, já a pensar nas férias de muitos de nós, o sector de higiene e limpeza. Aos 53 trabalhadores que garantem o seu funcionamento, por parte da CM, juntaram-se outros dezassete. Os setenta, juntinhos, limparam as praias da vila a tempo e horas, mesmo antes da abertura formal da época balnear, em 1 do corrente. E há mais contentores metálicos e recipientes plásticos em toda a vila...

Quinta do Conde: cidade para 50 mil pessoas...

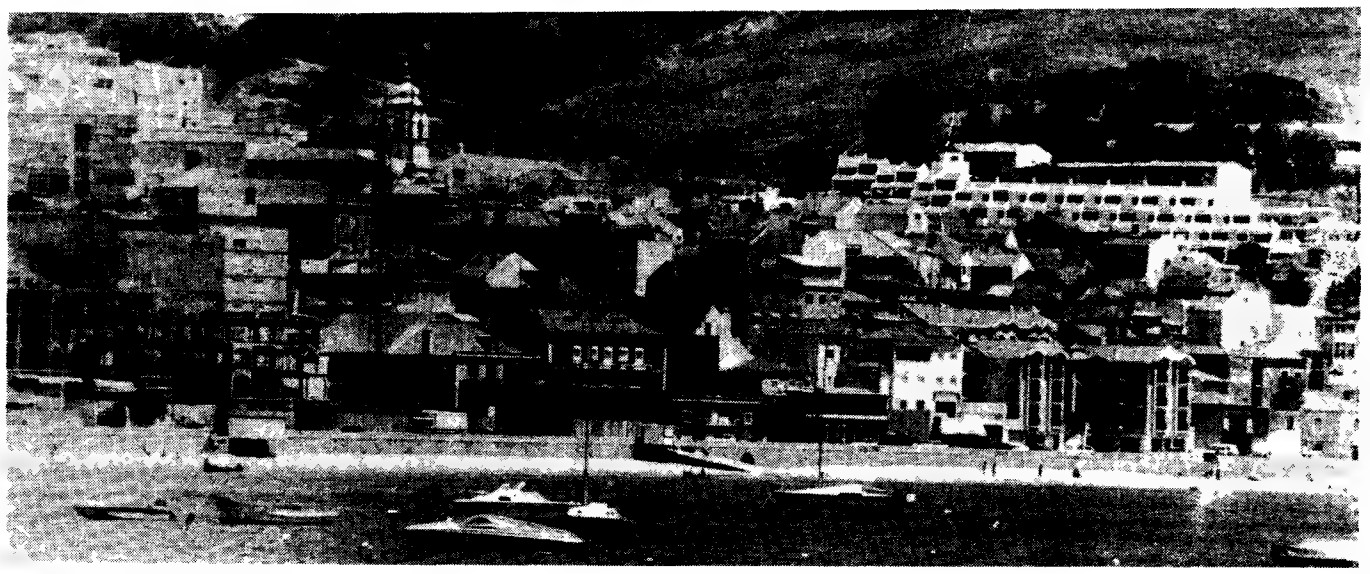
O problema do saneamento básico da bacia de Sesimbra — é assim mesmo que se diz, ou pelo menos assim que o diz o presidente da Câmara Municipal — é uma obra no valor de 600 mil contos. «Candidatamo-nos às verbas do FEDER que, apesar de só financiar metado do seu custo, seriam uma boa achega. É claro que nõ temos os outros 300 mil, mas sempre se arranjariam em algum lado. De qualquer modo, o problema está resolvido a médio prazo, porque os esgotos não correm para a praia. Mas, a longo prazo, se não se fizer o saneamento básico da bacia de Sesimbra, será a rotura. Não se pode correr esse risco», acrescentou Ezequiel Lino.

É este o quadro relativo ao saneamento básico na vila e, quanto às casas que faltam — uma carência nacional —, aquele autarca avança com um número pequeno: apenas quatrocentas. Sesimbra é uma espécie de anfiteatro onde há, segundo ele, casas vagas, cujas portas se abrem apenas no Verão, ou quando faz sol, muito sol e os seus donos não resistem a um banho retemperador.

Faltam 400 fogos, número que não variou nos dois últimos anos, havendo agora 62 em construção, por parte da CM em ligação com o INH (Instituto Nacional de Habitação) e a um juro que inicialmente era de 23% e naturalmente baixou. No entanto, Ezequiel Lino vinca: «Há fogos em Sesimbra para resolver os problemas habitacionais da vila. Mas são casas fechadas, de segunda habitação», diz.

Enquanto isso, e com mais problemas que Santana, Cotovia, Maçã e Alfarim, a Quinta do Conde cresce, cresce e «ameça» ser, dentro de poucos anos, uma cidade com cerca de 50 mil. O seu crescimento está a ser controlado e aponta nesse sentido, para o ano 2005. É gerida por uma mini-Câmara (serviços que a autarquia-mãe descentralizou e para os quais destacou trinta funcionários e técnicos), dispõe de água, electricidade e arruamentos, escolas primárias e a curto prazo terá uma Escola Preparatória, neste momento em construção.

Não foi fácil pôr cobro à desordem urbanística da Quinta do Conde. «Se não tivessemos coragem política, não se podia viver neste concelho, porque na sua zona rural isto seria um cogumelo de construção clandestina, isto é, os clandestinos viveriam agarrados uns aos outros», contou-nos o presidente, optimista quanto ao avanço das obras do porto de abrigo, cuja primeira fase (no valor de um milhão de contos) será concluída em 1987 e da qual já se destaca o molhe.



Futura alternativa ao Estádio Nacional

Lagoa de Albufeira nunca será uma segunda Fonte da Telha

A Lagoa de Albufeira nunca será uma segunda Fonte da Telha. Quem assim fala há muito que está apostado em salvá-la, em afastar dela os especuladores clandestinos — que já perderam as ideias de transformar todos aqueles avos em casario desalinhado e ofensivo —, em dotar a área das condições que ela merece. Quem assim fala tem nome e rosto: o presidente da Câmara Municipal de Sesimbra, Ezequiel Lino, e o arquitecto dos Serviços Municipais, Ramalhete. No processo está também empenhado, como aqui se desenvolverá, o antigo director-geral dos Desportos, professor Noronha Feio.

Há um Plano Parcial de Urbanização da Área Degradada e a Recuperar da Lagoa de Albufeira voltado para o lazer e o desporto. Assim dito, pouco se perceberá do alcance do documento. Ezequiel Lino vai mais longe: «Queremos transformar a zona numa alternativa, quanto a lazer e desporto, ao Estádio Nacional». E isso é possível, adianta o autarca sesimbrense, assente nas possibilidades da Lagoa de Albufeira e confiante na procura da zona, por parte não apenas dos seus naturais e residentes, mas por grande parte dos lisboetas e dos moradores da periferia da capital. Enfim: acreditando em todos aqueles que inscreveram Sesimbra no seu roteiro nacional e no seu calendário anual.

A Lagoa de Albufeira não será apenas isso, uma zona de lazer e desporto, como consta do plano parcial de urbanização, na parte que toca ao trabalho de Noronha Feio, uma vez que há lá casas, construção, movimento. Mas quem construiu, aproveitou o tempo (e dinheiro) se não feriu a estética da área. «Que se desiludam os especuladores, porque não permitiremos o abastardamento da zona», acrescenta o presidente do Município.

Há muitos meses que a urbanização e recuperação desta área degradada está em marcha. A Câmara elaborou nesse sentido um plano, estancando a construção clandestina, que ditou a sua «lei» entre 1974 e 1976, prolongando-se até 1984. É claro que as construções mais «agressivas» cederam a vez ao camartelo em condições digamos que «negociadas» entre o Município e os proprietários.

A primeira fase do Plano Parcial de Urbanização da Área Degradada e a Recuperar da Lagoa de Albufeira está concluída e incidiu sobre a análise da problemática da lagoa, em particular da sua parte clandestina, a qual não se circunscreve, ao contrário do que normalmente as pessoas julgam, apenas à zona molhada.

O futuro da Lagoa de Albufeira será o que a Câmara Municipal e as pessoas que lá têm casas, que lá habitam, quiserem. A edilidade aposta no seu futuro e, em conjugação com a Direcção-Geral dos Desportos e a Direcção-Geral de Turismo espera desenvolvê-la, tornando-a uma zona mista aprazível e aliciante. A ideia de avançar com uma alternativa, no campo desportivo, ao Estádio Nacional é segura. E o ambiente?

O elogio franco de Carlos Pimenta

A seu tempo, os barcos a motor não entrarão nas águas da Lagoa de Albufeira, porque o seu roncar e a poluição desajustarão do quadro paradisíaco que se imagina para tal espaço. Por isso, o presidente Ezequiel Lino, que sublinhou com força, e por mais de uma vez, o apoio e abertura do secretário de Estado do Ambiente, adiantou ao "DL" que com Carlos Pimenta é possível sonhar com um Portugal melhor na área que ele domina. «Somos de forças distintas, estamos em campos ideológicos que não se cruzam, mas impõe dizer-se que quanto à defesa dos valores ambientais e de um melhor nível de vida nesta área, percorremos o mesmo itinerário».

Só assim será possível avançar para a alternativa que Sesimbra propõe ao Estádio Nacional: quando, acima de interesses de grupos, se colocam as necessidades regionais e nacionais. Daí que se conceba, como o Plano de Recuperação mostra, que a construção de um Centro Regional de Lazer e Desportos é não apenas exequível, mas necessário e urgente. «Considerando a homogeneização de complexos desportivos a nível territorial, segundo uma perspectiva de especialização do lazer e das actividades desportivas, o Plano de Intervenção da Lagoa de Albufeira contém a possibilidade de realização de um Centro Regional de Lazer e Desporto servindo os distritos de Lisboa e Setúbal e a sua terciarização», realça Noronha Feio no seu estudo.

O Plano Parcial em apreço existe. Destacamos a sua componente relativa ao lazer e desporto, de autoria de Noronha Feio, mas impõe dizer-se que a equipa técnica que o elaborou foi chefiada pelo arq.º Hestnes Ferreira e designada pela Secretaria de Estado do Ambiente, Câmara Municipal de Sesimbra e as entidades acima referidas. A 1.ª fase foi concluída, nas condições já descritas, em finais do ano passado e está já aprovada. O sonho começa a tornar-se realidade!

S.João um pouco por todo o País

Populares interromperam espectáculo na Estrela

De Alcácer a Vila do Porto feriado em 39 concelhos

Um espectáculo que a RTP estava a transmitir para todo o País a partir da Estrela foi ontem à noite subitamente interrompido por inúmeros populares que se queixaram de ter sido enganados pela Televisão portuguesa. A cena, contada como no-lo foi, ter-se-á passado assim: pessoas que não se conformaram por não ter acesso àquele jardim lisboeta para a «festa de São João» que a Televisão transmitia, forçaram a entrada no recinto, destruíram cenários e furtaram ou partiram adereços — afirmou o assistente de realização, Matos Cristóvão.

Elementos que entraram à força no Jardim da Estrela interferiram na parte técnica e as câmaras ficaram inoperacionais, pelo que a transmissão pela TV teve de ser interrompida perto das 23 horas — acrescentou aquela fonte, como milhares de portugueses viram.

«O espectáculo era uma tentativa de reproduzir um arraial de São João e, por isso, as entradas eram por convites, pois as pessoas seriam uma espécie de figurantes. Daí a razão de não ter entrado mais gente» — explicou Matos Cristóvão.

Populares disseram à Anop que «a Televisão os enganou: anunciaram um espectáculo público e, depois, só deixaram entrar pessoas por convite».

Matos Cristóvão admitiu que «talvez tivesse havido uma leitura diferente das pessoas por ter sido anunciado um arraial popular. Houve um equívoco entre os termos público e popular».

Almada, Braga, Faro Figueira, Horta, Tavira

O nascimento de S. João Baptista Dia de S. João — é assinalado hoje em 39 concelhos do continente e das regiões autónomas, que fazem feriado municipal.

Almada, Angra do Heroísmo, Braga, Faro, Figueira da Foz, Guimarães, Horta, Portimão, Porto, Porto Santo, Tavira, Vila do Conde e Vila Nova de Gaia são alguns dos concelhos que gozam do feriado.

E a seguinte a lista completa dos 39 concelhos com feriado municipal hoje, dia de S. João: Alcácer do Sal, Alcochete, Almada, Almodôvar, Angra do Heroísmo, Armamar, Arronches, Braga, Calheta, Castelo de Paiva, Castro Marim, Cinfães, Faro, Figueira da Foz, Figueiró dos Vinhos, Guimarães e Horta.

Os outros 22: Lages das Flores, Lourinhã, Lousã, Mértola, Miranda do Douro, Moimenta da Beira, Moura, Nelas, Portimão, Porto, Porto Santo, S. João da Pesqueira, Santa Cruz da Graciosa, Santa Cruz das Flores, Sertã, Tabuaço, Tavira, Valongo, Vila do Conde, Vila Franca do Campo, Vila Nova de Gaia e Vila do Porto.

A nível internacional, o dia de S. João é feriado nacional.

A população de Figueira viveu com particular alegria e empenho os festejos sanjoaninos de ontem: centenas de pessoas assistiram, com efeito, às marchas populares integradas nas festas da cidade.

Campo de Santana

Raul Solnado, Vitorino d'Almeida, Eunice Muñoz, Carlos Paredes, «A Barraca», «A Comuna» e «Maizum» são alguns dos artistas e grupos que participaram esta noite num arraial no Campo de Santana, em Lisboa, para comemorar o São João.

Promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos, o arraial inclui, ainda, artistas como Linda Silva, Morais e Castro, o «Teatro Experimental de Cascais» e o «Teatro Animação de Setúbal», que pretende ser uma chamada de atenção para o artista português, os seus problemas e o seu público».

A festa realiza-se na Calçada do Moinho de Vento, em colaboração com a junta de freguesia de São José e conta com um espectáculo a apresentar por «A Barraca».

A iniciativa prosseguirá no mesmo local até dia 29, estando prevista na véspera de São Pedro uma grande noite de fado.

PROGRAME AS SUAS FÉRIAS NA:

COSTA AZUL

REGIÃO DE TURISMO DE SETÚBAL

TERRA DE FRUTOS E DE MAR...

INFORMAÇÕES: Rua do Corpo Santo Telef. 24284-29507 Apartado n.º 73 2901 - Setúbal Codex

Gonzalez: vitória folgada mas com séria advertência

Eduardo Rebelo
enviado especial

O novo Governo espanhol deverá estar formado na próxima semana e, antes do fim de mês, deverá ter o seu programa aprovado pelas Cortes Gerais, que deverão reunir nos próximos dias já com a sua nova composição.

Tudo aponta para que o próximo executivo não sofra grandes alterações em relação ao actual, dando-se como certo — o próprio Felipe Gonzalez o deixou entender—que continuará a ser composto por 17 Ministérios, á frente dos quais poderão continuar muitos dos actuais titulares.

A maior dúvida reside na permanência do nº 2 do PSOE e até agora vice-presidente do Governo, Alfonso Guerra, que, depois de uma campanha eleitoral em que suscitou muitas críticas pela forma polémica, e por vezes violenta, como se comportou, manifestou agora intenção de não integrar o executivo. Gonzalez já adiantou que, embora não ponha em causa em permanência de Guerra, cumprirá a sua vontade.

Apesar da baixa de 4.3 por cento registada pelo PSOE, Gonzalez parte para o seu novo mandato numa confortável situação.

Com efeito, poucos líderes europeus se poderão gabar de, depois do desgaste de quatro anos de governação marcados pela crise económica, voltarem a obter a confiança do eleitorado, em termos de maioria absoluta.

É certo que houve punição e a perda de 18 lugares no Congresso funciona como advertência para que Gonzalez corrija alguns pontos da sua política. A subida espectacular de Adolfo Suarez — que fez toda a campanha apresentando-se como a única alternativa válida aos socialistas — é outro sinal a atender, sobretudo porque a mensagem do antigo primeiro-ministro foi escutada por parte do eleitorado do PSOE.

Como dizia, em editorial, o influente diário «El País», «a verdade é que o povo quer Gonzalez ao lema, mas tanto ele como o seu Governo devem alterar os seus caminhos».

Na primeira mensagem depois de conhecidos os resultados de domingo, Gonzalez não se referiu a qualquer inflexão na política dos socialistas, mas frisou que, este renovar da confiança no seu partido, lhe permitiria agora terminar o que nestes últimos quatro anos apenas foi iniciado.

Entre os aspectos mais adversos da situação em Espanha, conta-se o desemprego que aflige 21 por cento da população, com preocupante incidência sobre a juventude — 50 por cento.

Crise na direita

Nestas eleições, a direita fracassou mais uma vez, ficando muito longe de constituir alternativa ao PSOE.

Igualmente punida — embora em percentagem mais baixo do que os socialistas, 0.4 por cento e apenas um lugar a menos no Congresso — a Coligação Popular entra em crise, tal como se anunciou durante a campanha.

Ontem mesmo, Oscar Alzaga, presidente de uma das formações que integra a coligação, o Partido Democrata Popular, demitiu-se, depois de considerar os resultados eleitorais como «insatisfatórios».

Em causa encontra-se a liderança de Fraga Iribarne, cujo extremismo não resistiu ao reaparecimento do antigo líder da UCD, Suarez, e ao seu discurso de centro.

Boa parte da direita pode agora sentir-se tentada à reaproximação com Adolfo Suarez, que, depois de elevar o CDS à posição de terceira força nacional, se afirma com alternativa muito mais viável a Gonzalez do que a Coligação Popular.

Suarez terá agora quatro anos para dar ao Centro espanhol um «rosto europeu», chamando a si boa parte do eleitorado perdido pela UCD em 1982 e assumindo-se como única alternativa aos socialistas.

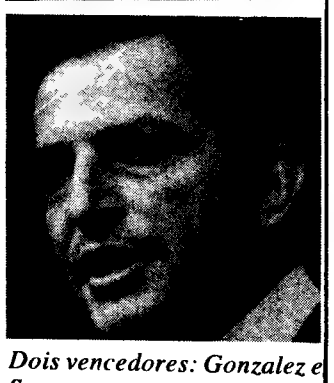
A bipartidarização da sociedade espanhola, que a Coligação Popular não conseguiu, poderá, assim, tornar-se uma realidade com o «duque» que, depois de provocar a estrondosa derrota do PRD, é já o único representante do Centro espanhol.

PC de Iglesias: a esperança

O facto da Mesa de Unidade Popular, de Santiago Carrillo, não ter obtido qualquer lugar nas Cortes (há aqui que fazer uma ressalva à nossa informação de ontem, elaborada a partir dos dados conhecidos ao principio da manhã e que posteriormente seriam corrigidos), reforça a posição de Gerardo Iglesias no seio do movimento comunista espanhol, já que enfraqueceu a posição do que o contestam pela esquerda.

Mas a subida registada pela Esquerda Unida — a que o PCE deu forma — não correspondem a uma verdadeira dinâmica de recuperação, dado que os resultados ficaram muito aquém do que deixaria prever a mobilização conseguida em Março, durante a campanha do «referendo NATO».

A grande meta que Iglesias se propunha — formar um grupo parlamentar — não foi atingida, dado que a Esquerda Unida, embora duplicando os votos do PCE em 1982, ficou a baixo dos 5 por cento exigidos para tal fim.



Dois vencedores: Gonzalez e Suarez

O PCE, «cilindrado» há quatro anos pelo discurso de forte cunho esquerdista do PSOE, beneficiou, desta vez, da moderação imprimida por Gonzalez à campanha do seu partido, e do reforço verificado no movimento pacifista e ecologista, uma parcela do qual aderiu à Esquerda Unida.

Bascos e catalães

O nacionalismo catão e basco foi outro dos vencedores destas eleições, o que não deixará de ter reflexos no plano nacional.

Heei Batsuna, considerado o braço político da ETA Militar, passou de dois para cinco representantes noCongresso e para um no Senado, aumentando 70 mil votos.

En contrapartida, o Partido Nacionalista Basco, de tendência moderada, perde a maioria de que usufruia, perdendo um deputado e cedendo o primeiro lugar aos saocialistas.

Ainda no País Basco, o Euzkadiko Ezkerda, também da esquerda moderada, vai buscar ao PNB o deputado perdido, e passou de um para dois representantes no Congresso, tornando-se no principal beneficiário da crise interna no Partido Nacionalista.

Na Catalunha, a Convergência e União, que a nível regional tem maioria absoluta, aumentou em seis deputados, vendo assim premiada a sua política de forte pendor nacionalista, embora a sua ligação ao PRD a tenha impedido de destronar o Partido Socialista da Catalunha como força mais votada como opção nacional.

Este crescimento da forças nacionalistas, constituiu outro aviso ao PSOE e à política autonómica seguida por Gonzalez, copm destaque para o problema do terrorismo: esta «vitória» de Heri Batasuna surge como resposta directa às alegações de Gonzalez de que a ETA está crescentemente isolada, vendo diminuída a sua possibilidade de acção.

Violência imparável na África do Sul

Religiosos recusam-se negros refugiados nos

A Polícia sul-africana ordenou ontem a dois religiosos que desalojassem mais de cem negros, mulheres e crianças, de uma igreja e uma mesquita, onde procuraram refúgio após as suas casas terem sido destruídas em confrontos em Crossroads.
Geoff Quinlan, da Igreja Anglicana de Todos os Santos, em Plumstead, subúrbio da Cidade do Cabo, e Yusuf Abdul Lativ, coordenador de uma mesquita em Claremont, receberam notificações por haverem albergado negros em áreas destinadas a brancos. Ambos os religiosos disseram que não ordenariam às pessoas que saíssem.

Entretanto, em Joanesburgo, o correspondente norte-americano da revista «Newsweek», Rick Manning, tornou-se no segundo jornalista a ser expulso desde a imposição do estado de emergência a nível nacional, em 12 de Junho.

Num telegrama enviado a Manning, o ministro dos Assuntos Internos, Stoffel Botha, afirmou: «Considero ser do interesse público ordenar a sua retirada da República da África do Sul antes da meia-noite de quinta-feira, 26 de Junho de 1986».

Manning, de 35 anos, recusou-se a fazer qualquer comentário antes de a sede da «Newsweerk» manifestar hoje a sua opinião.

Por sua vez, o Conselho Nacional de Igrejas Americano (NCC) afirmou ontem haver confirmado a detenção de, pelo menos, mil negros na África do Sul e disse acreditar que cerca de dois mil mais se encontram igualmente sob detenção, desde que Pretória impôs o estado de emergência.

«Recebemos uma longa lista de nomes e confirmamos cerca de mil», disse um porta-voz.

«Temos indicações de que o número total é de cerca de três mil, mas não conseguimos confirmar isso», afirmou o porta-voz em entrevista telefónica a uma agência noticiosa.

O NCC engloba 31 representações protestantes e ortodoxas nos Estado Unidos e, à semelhança do Conselho Sul-Africano de Igrejas, é membro do Conselho Mundial de Igrejas.

O porta-voz do NCC indicou que os nomes que constam da lista haviam sido fornecidos por contactos na África do Sul.

Entretanto, Winnie Mandela, mulher do nacionalista Nelson Mandela, numa entrevista clandestina, disse que os brancos na África do Sul interpretam o actual estado de emergência como uma «declaração de guerra» que vencerão.

A entrevista foi emitida no programa «World in Action» da televisão independente, que disse haver desafiado a proibição sul-africana imposta aos jornalistas de entrar em cidades

O Peru não será militarizado

— diz o Presidente Garcia

O presidente peruano, Alan Garcia, afirmou que as Forças Armadas estão sob o seu controlo e que o país não se tornará militarizado.

Garcia tem estado a ser alvo de fortes críticas na sequência da intervenção do Exército para pôr fim a motins em três prisões peruanas, a qual causou pelo menos 150 mortos. Segundo estimativas não oficiais, este número poderá elevar-se a 300.

Aqui, as Forças Armadas obedecem ao poder civil eleito pelo povo — disse Garcia. Garanto isto com a força do povo e a minha própria vida.

A democracia que comete erros e excessos é uma democracia que sabe como puni-los para os evitar — acrescentou o presidente peruano, que ordenou um inquérito sobre possíveis excessos cometidos pelos soldados em Lurichango, uma das três prisões onde se verificaram os motins.

Ontem, supostos guerrilheiros do movimento Tupac Amaru fizeram uma incursão armada nos escritórios de quatro agências noticiosas em Lima, e obrigaram à transmissão de uma mensagem contra o governo pelo genocídio de centenas de presos nas cadeias.

Violento sismo abala Tóquio

Um violento e prolongado tremor de terra sacudiu hoje a cidade de Tóquio e a zona central do arquipélago do Japão.

Não há, de momento, notícia de vítimas ou de estragos importantes.

O sismo, de grau 6,9 na escala de Richter, ocorreu às três horas tmG e levou à suspensão da circulação de comboios rápidos na capital e ao encerramento temporário do aeroporto de Tóquio.

A eventualidade de o epicentro do sismo se ter situado no mar levou as autoridades a emitirem um aviso para as populações da costa japonesa do Pacífico para que se preparassem para a possibilidade de vir a verificar-se uma onda sísmica.

A última destas ondas a atingir o Japão, na sequência de um sismo de grau 7,7 na escala de Richter, em 26 de Maio de 1983, provocou 106 mortos.

Na Nova Guiné

Também esta madrugada, um forte sismo abalou a Nova Guiné, não havendo conhecimento imediato de vítimas nem danos.

O sismo na Nova Guiné, que atingiu 7,1 graus na escala de Richter, registou-se às três e onze tmG (04 e 11 de Lisboa) e centrou-se ao longo da costa Norte da Nova Guiné, cerca de 650 quilómetros a Noroeste de Port Moresby.

Vírus afecta entre cin

Vacina contr possível, mas

O segundo congresso internacional sobre a Síndroma da Imuno-Deficiência Adquirida (SIDA) abriu com um optimismo moderado sobre a possibilidade de produção de uma vacina contra a doença.

O director-geral da Organização Mundial de Saúde, Halphand Mahler estimou que cerca de 5 a 10 milhões de pessoas infectadas no mundo podem transmitir o vírus, que é ainda fatal caso se desenvolva inteiramente.

Durante a sessão de abertura da conferência, que conta com a participação de 2000 investigadores e cientistas, foi frisado que o vírus da SIDA, o LAV, já não está confinado aos «grupos tradicionais de risco», os homens homossexuais, os drogados e os hemofílicos.

«Pode acontecer a qualquer um que não esteja retirado da vida sexual», disse o presidente do Congresso, Jean-Claude

Brandt reeleito presidente

Willy Brandt foi reeleito presidente da Internacional Socialista por mais três anos, foi anunciado em Lima.

A reeleição de Brandt por 20 membros do Bureau político da

-se a expulsar nos templos

negras, tendo filmado Winnie Mandela, no domingo, na sua residência do Soweto.

O comentador sublinhou que a decisão de Winnie Mandela falar a fazia incorrer numa pena de dez anos de prisão.

Na entrevista, Winnie Mandela afirma que a última hipótese para uma transição pacífica do poder para a maioria negra na África do Sul era a aplicação de sanções económicas.

Falando com determinação, Winnie Mandela atacou a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, e o presidente norte-americano, Ronald Reagan, por se oporem à aplicação de duras medidas económicas contra Pretória.

Winnie Mandela disse que os negros ficaram em casa no dia 16 de Junho, data dos motins do Soweto, por saberem que o governo utilizaria os poderes que lhe são dados pelo estado de emergência, proibindo reuniões públicas, «como uma desculpa para matar inocentes indiscriminadamente, homens desarmados, mulheres e crianças».

Oliver Tambo em Londres

Entretanto, Oliver Tambo, dirigente do Congresso Nacional Africano (ANC), vai ser recebido esta semana pelo governo britânico, revelou o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O ANC, fundado em 1911, é o mais antigo movimento de libertação africano. Foi ilegalizado pelo governo de Pretória por visar o seu derrube pela violência.

Será a segunda vez que o governo britânico manterá contactos oficiais com o ANC. A primeira vez aconteceu há três meses em Harare, depois de uma reunião da Linha da Frente com altos funcionários da Comunidade Económica Europeia (CEE).

Ontem a primeira-ministra britânica reuniu-se com um grupo especial de ministros para discutir a hipótese de impor sanções limitadas à África do Sul.

tre cinco a 10 milhões

ontra a SIDA é mas não para já

Gluckman, que acrescentou que todos os investigadores concordam que a engenharia genética conseguirá chegar a uma vacina.

O professor Luc Montagnier, do Instituto Pasteur, cuja equipa descobriu o vírus LAV, disse que se saberá no fim deste ano se uma vacina poderá proteger os chimpanzés.

«No entanto, penso que ainda passará bastante tempo antes de poder ser utilizada no homem», sublinhou.

O presidente do congresso acrescentou que existe um «perigo genuíno embora mínimo» para os trabalhadores da saúde, e que um dos objectivos do congresso é fornecer «informação exacta e realista de modo a evitar a histeria e a irresponsabilidade indesculpável».

Para aquele investigador torna-se imperioso dar ênfase à prevenção, baseada na educação pública e na assistência a pessoas infectadas», que podem desempenhar um papel importante no combate à doença.

A propagação da SIDA, particularmente na África Central, descrita como uma «epidemia escondida», será o tema das duas sessões do congresso.

Gluckman disse que o vírus símio (dos macacos), que poderá ter sido o antepassado do HIV-1, foi certamente originado em África.

Esta opinião foi contestada por Joseph Kapita, do Zaire, um perito africano, que afirmou perante os congressistas que o vírus humano aparentava «ter sido introduzido em África por volta de 1975», surgindo os primeiros casos conhecidos em 1978 em simultâneo com as primeiras ocorrências nos Estados Unidos e na Europa.

Kapita revelou que a SIDA em África é tipicamente uma «doença de gente da cidade».

residente da IS

organização, foi unânime, revela um breve comunicado.

Brandt é presidente da I.S. desde 1976. A organização também reelegeu secretário-geral o finlandês Pentti Vaananen.

A conferência de quatro dias por partidos socialistas e sociais democráticos, a primeira de tais reuniões realizada na América Latina encerrou ontem.

BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

ESCLARECIMENTO

1 – Tem vindo, em numerosos artigos de diversos órgãos de Comunicação Social, a ser tratada, por forma menos exacta, a situação actualmente existente em Fábricas Mendes Godinho, SARL, e em Tagol – Companhia de Oleaginosas do Tejo, SARL, de que aquela é accionista em mais de 99%.

2 – Por força da fusão por incorporação no Banco, de todo o activo e passivo e demais direitos e obrigações da Casa Bancária Manuel Mendes Godinho & Filhos, entretanto nacionalizada pelo Decreto-Lei N.º 132/A/75, de 14 de Março, o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa passou a deter uma participação no capital social de Fábricas Mendes Godinho, SARL.

Tal fusão foi decretada, com efeitos a partir de 1 de Maio de 1976, pela Resolução do Conselho de Ministros de 9 de Abril de 1976, confirmada, para pôr fim às dúvidas suscitadas quanto à falta de formalização adequada das fusões de diversas instituições de crédito, pelo Decreto-Lei N.º 203/80, de 26 de Junho.

Não compete a este Banco pronunciar-se sobre os actos de nacionalização e de fusão decorrentes do referido diploma legal.

A fusão foi decretada em 1976 pelo VI Governo Provisório, cujo Ministro das Finanças era o Senhor Dr. Francisco Salgado Zenha, e confirmada em 1980 pelo VI Governo Constitucional.

3 – Quaisquer invocadas deficiências dos diplomas de nacionalização e fusão constituem simples pretextos para tentar pôr em causa a legitimidade da participação do sector público em Fábricas Mendes Godinho, SARL e Tagol – Companhia de Oleaginosas do Tejo, SARL.

É que, das 225 000 acções representativas do capital dessa sociedade de que o BESCL é actualmente titular, apenas 7 500 acções foram adquiridas por via da fusão.

As restantes 217 500 acções foram adquiridas, 67 500 por força do aumento de capital deliberado em 6 de Dezembro de 1976 e formalizado por escritura de 8 de Fevereiro de 1977, e 150 000 por força do aumento de capital deliberado, sem votos contrários, em 11 de Junho de 1980 e formalizado por escritura de 23 de Setembro de 1981, deliberações que não foram então ou até hoje impugnadas.

4 – E apenas a partir de 1983 houve quem pretendesse pôr em causa judicialmente a titularidade da participação do BESCL, ou, pelo menos, a sua eficácia.

Este interesse súbito não é alheio à gestão do BESCL e ao apoio financeiro do sistema bancário que haviam entretanto contribuído para transformar uma sociedade em franca degradação numa empresa em vias de estabilização, dispondo de uma participação maioritária na Tagol – Companhia de Oleaginosas do Tejo, SARL, entretanto substancialmente valorizada por força dos avultados investimentos nela realizados.

E assim, em Assembleia Geral Ordinária reunida no passado dia 10 de Maio, e que era simples seguimento da iniciada em 4 de Abril de 1986, que decorrera normalmente, o BESCL foi impedido de participar e de votar, tendo o grupo de accionistas minoritário, com a conivência da Mesa da Assembleia Geral, continuado a discutir e votar assuntos constantes e não constantes da ordem de trabalhos como se de uma regular Assembleia Geral se tratasse, em que avulta uma deliberação atribuindo um irrisório valor às acções nominativas da sociedade, no montante de Esc. 1 500$00, sendo o valor de licitação para o concurso de aquisição de Esc. 14 684$30, como resultou da avaliação feita, nos termos legais.

Ocupada ilegalmente a administração de Fábricas Mendes Godinho, SARL, logo no dia 15 de Maio foi convocada uma assembleia geral extraordinária da Tagol – Companhia de Oleaginosas do Tejo, SARL, para deliberar duplicar o capital social desta.

Nesta assembleia geral, realizada a 2 de Junho, de novo se afastou o legal representante de Fábricas Mendes Godinho, SARL, para permitir a intervenção de um representante oriundo da anómala eleição efectuada em 10 de Maio de 1986.

5 – E assim se criou a aparência de a accionista maioritária, Fábricas Mendes Godinho, SARL, ter aprovado o aumento de capital e ter renunciado a participar do mesmo, perdendo a maioria de 99% que possuía na Tagol, maioria que assim poderia ser adquirida por alguns dos restantes accionistas a preço muito inferior ao respectivo valor.

6 – Com o intuito de informar correctamente a opinião pública, não podemos deixar de esclarecer, ainda, outras situações.

A participação do Banco em Fábricas Mendes Godinho encontra-se registada e titulada nos termos da legislação aplicável.

E, por outro lado, os accionistas privados sempre se encontraram representados no Conselho de Administração, nomeadamente pelas pessoas dos Srs. João Novais e Eng.º Queirós e Melo, que, ao contrário do que alguns órgãos da Informação têm afirmado, não são «novos» administradores, mas antes transitaram de Conselhos anteriores, para os quais foram sido eleitos com os votos do accionista BESCL.

Note-se que nenhum tribunal ou autoridade pública recusou qualquer registo da propriedade do BESCL sobre as acções de Fábricas Mendes Godinho, SARL.

De resto, e até à data, não há qualquer acção judicial que tenha por objecto a definição da titularidade da participação social do BESCL em Fábricas Mendes Godinho, SARL.

No que se refere à acção interposta em 1983 contra o Estado e o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, para que fosse definida a extensão da nacionalização de Manuel Mendes Godinho & Filhos, o Tribunal de 1.ª Instância decidiu absolver os réus Estado e Banco.

7 – Estando, neste momento, o assunto afecto aos Tribunais, não pretende o BESCL alimentar sobre ele qualquer polémica nos órgãos de Comunicação Social.

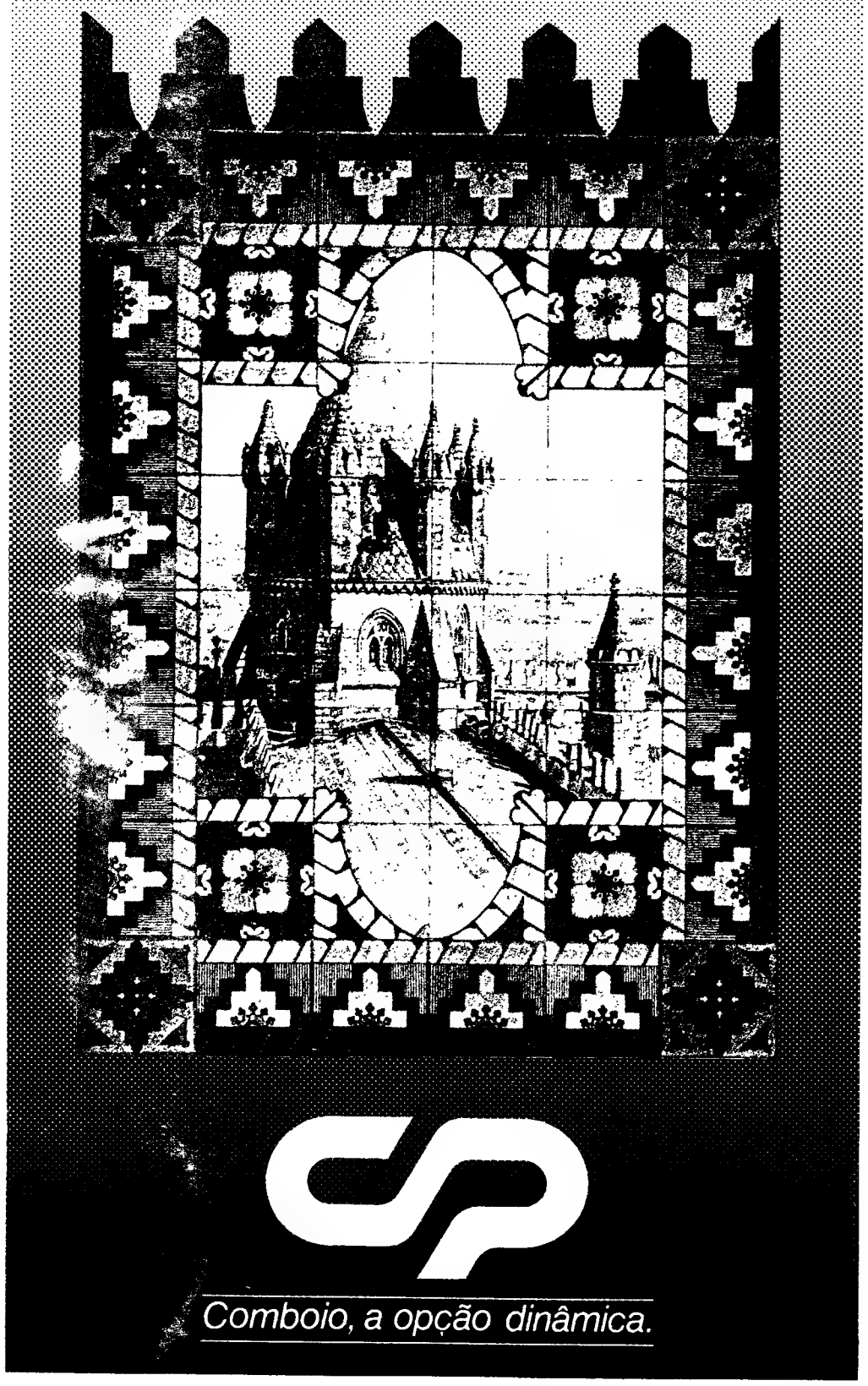
O Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa tem promovido, em devido tempo, todas as actuações judiciais tendentes a repor a legalidade, nomeadamente a impugnação das ilegais deliberações tomadas, com vista à defesa do interesse público que lhe está confiado.

VISITE ÉVORA

Feira de S. João, 20 a 30 de Junho

Aproveite a redução de 50% que a CP lhe oferece nos bilhetes de ida e volta

Consulte as Secções de Informações ou o seu Agente de Viagens



Comboio, a opção dinâmica.

Segundo o Presidente do INE

Habitação conta na inflação daqui por dois anos

Nicolau Santos

Serviço ANOP/DL

O novo índice de preços no consumidor, que incluirá as despesas com habitação, só estará pronto a ser utilizado, na melhor das hipóteses, em 1988, disse o presidente do Instituto Nacional de Estatística, Graça Costa.

Graça Costa acrescentou que, a partir dessa altura, o INE fornecerá aos principais utilizadores das estatísticas que elabora dois índices de preços no consumidor, um incluindo as despesas com habitação e outro calculado como até ao momento, que não contempla este índice na medição da inflação.

O índice de preços no consumidor (IPC) é um indicador extremamente importante para as autoridades e agentes económicos, revelando mensalmente a evolução da inflação. Ele não inclui, actualmente, as despesas com habitação, porque as rendas de habitação em Portugal têm estado congeladas desde há mais de três décadas em Lisboa e Porto e desde 1975 em todo o pa ís, pelo que a sua inclusão no cálculo da inflação mensal não se justificava.

Com a liberalização das rendas de habitação, que se inicia em Julho deste ano, torna-se necessário calcular o impacte desta medida na inflação que o governo prevê de 12 por cento no final do ano, 10 po cento em 1987 e 5 por cento em 1988.

O facto do novo índice de preços só entrar em funcionamento em 1988 significa que no ano em curso e no próximo os valores da taxa de inflação estarão na realidade abaixo da subida efectiva dos preços em Portugal, não existindo possibilidade de proceder ao seu cálculo.

Actualmente, o índice de preços contempla as despesas com alimentação e bebidas, vestuário e calçado, despesas da habitação e diversos.

Para além da carência em recursos humanos subsistem, segundo Graça Costa, diversos problemas metodológicos na elaboração de um indicador deste tipo.

Entre eles, contam-se saber como deverão ser tratados, relativamente à sua influência no índice, o caso das rendas subsidiadas, ou das casas próprias mas cujos proprietários pagam mensalidades elevadas devido aos empréstimos contraídos junto das instituições de crédito.

Neste último caso, alguns sociólogos e economistas estão em desacordo, pois enquanto os primeiros consideram estas mensalidades como um esforço real para o agregado familiar, com implicações no custo de vida, os segundos defendem tratar-se de um investimento em fase de amortização escalonada no tempo e que não deve ser considerada para a construção do índice.

«Vamos ter um diálogo técnico com os utilizadores no seio do Conselho Nacional Estatístico, por forma a que o produto final não seja altamente polémico», afirma o presidente do INE.

Assim, o Instituto vai proceder, em 1987, ao estudo e levantamento do parque habitacional português, por forma a saber «o que vai ou não influenciar o índice de preços no consumidor», pelo que «não teremos um novo índice antes de 1988».

Razões do atraso de dados estatísticos

Graça Costa revelou, também, que o INE pretende que os dados referentes à balança comercial portuguesa, que estão a ser divulgados com um atraso superior a 60 dias nos primeiros meses deste ano, passem a ser colocados à disposição dos utilizadores, num prazo máximo de 6 a 7 semanas relativamente ao período de referência.

Em 1979, o atraso na divulgação destas estatísticas era de 110 dias em relação ao período de referência, prazo que desceu para 41 dias em 1984, tendo aumentado para 48 dias no ano transacto.

No início deste ano, o atraso aumentou substancialmente, ultrapassando os 60 dias, como resultado, segundo o presidente do Instituto Nacional de Estatística, de alterações na legislação aduaneira, decorrentes da adesão de Portugal à CEE, e da necessidade do preenchimento de novos formulários pelos despachantes oficiais.

«Só nos três primeiros meses do ano, foram devolvidos 12 000 formulários que vinham mal preenchidos», afirma Graça Costa, acrescentando que «não há prazos para a divulgação das estatísticas que resistam a isto».

Graça Costa sustenta assim que a divulgação atempada desta informação não depende só do INE, defendendo que «os despachantes oficiais têm de ser responsabilizados pela qualidade de informação que fornecem ao Instituto».

«Irá sair seguramente, legislação, tentando responsabilizar os fornecedores de informação de base de que depende o nosso trabalho», refere o Presidente do Instituto Nacional de Estatística, acrescentando que tal se torna «indispensável, para que os dados relativos à balança comercial, que constituem um indicador extremamente importante, saiam nos prazos previstos e com qualidade».

Créditos à habitação beneficiam famílias de altos rendimentos

As famílias de médios e altos rendimentos beneficiam de quase 60 por cento do que o Estado gasta em habitação em Portugal, revela o livro «Portugal Contemporâneo — problemas e perspectivas», recentemente lançado no mercado.

«Os dispêndios directos e indirectos do Estado com habitação, em 1982 e 1983 rondaram os 36 milhões de contos, no entanto 56 a 60 por cento acaba por ser atribuído e utilizado por famílias de média/alta solvência», precisa o livro.

O livro, organizado e prefaciado pela economista Manuela Silva divulga uma série de dados e reflexões sobre vários problemas sectoriais da economia portuguesa. Revela que 55,9 por cento dos fogos são propriedade das famílias que os habitam ou seja: mais de metade dos agregados familiares (54,4 por cento) ocupam a sua própria casa.

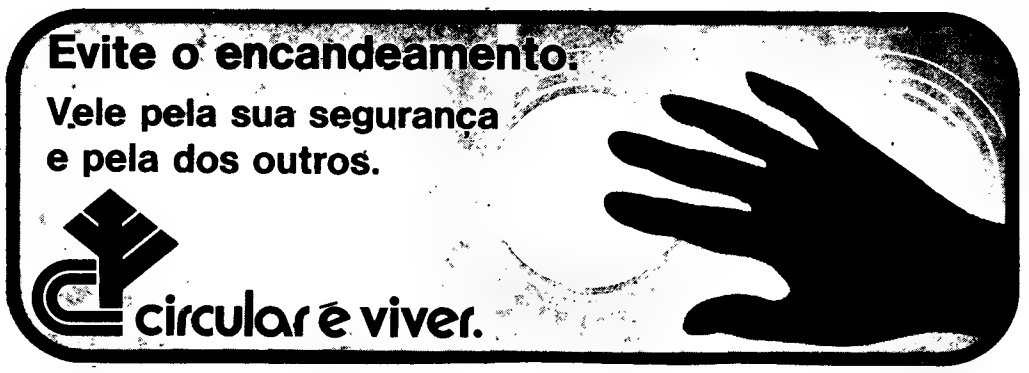
Reportando-se ao último censo à habitação efectuado pelo Instituto Nacional de Estatística, o estudo refere que a maioria das famílias com casa própria (85,9 por cento) não estava sujeita ao pagamento de quaisquer despesas.

Das habitações cujos proprietários, em 1981, eram onerados, a mais de 78 por cento correspondiam encargos mensais de 4000 escudos e apenas 28 por cento superiores a 6000 escudos.

Quanto ao mercado de arrendamento, o trabalho indica que entre 1970 e 1981 mais de 82 por cento das famílias portuguesas a viverem em casa arrendada despendem mensalmente menos de 10 por cento do seu rendimento com o pagamento da sua renda.

Neste período, a renda média do parque habitacional corresponde a uma habitação de três divisões e o seu valor orça um pouco mais que 500 escudos.

O parque habitacional arrendado situa-se sobretudo nos distritos de Lisboa (60 por cento), Porto (55 por cento) e Setúbal (50,6 por cento), concentrando-se nestas áreas 65 por cento do total de casas arrendadas do País, segundo dados estatísticos do último inquérito à habitação realizado pelo INE.



Diz o presidente da Associação de Inquilinos

Subsídio de renda é uma fraude

●*Dos 10 mil pedidos apresentados em Lisboa só 420 terão sido deferidos*

Dos cerca de 10 000 pedidos de subsídio de renda que se estimam tenham sido processados em Lisboa após a entrada em vigor da lei das rendas, só 420 teriam sido deferidos, disse o presidente da Associação de Inquilinos Lisbonense (AIL).

José Godinho acrescentou que em Coimbra estima-se em 920 o número de requerimentos no mesmo sentido, havendo indicações de que apenas quatro irão ser contemplados com o referido subsídio.

Para José Godinho, que prestou declarações à Anop, após uma reunião da AIL (segunda-feira à noite) com responsáveis autárquicos de cinco concelhos do distrito de Lisboa, o subsídio de renda «é uma fraude», cujo processo de implementação, além de afectar os inquilinos veio prejudicar as autarquias locais, que viram 20 por cento das receitas de contribuição predial e outros para ele reservadas.

José Godinho sublinhou que a falta de esclarecimento continua a ser o problema mais relevante que se depara diariamente aos funcionários da AIL, que desde a entrada em vigor da lei atenderam cerca de 9000 pessoas à média de 1000 por dia, solicitando inclusive a elaboração dos cálculos por escrito do valor das novas rendas.

Segundo o presidente da AIL, a lei das rendas, que «dos senhorios se trata», é uma «série de sucessivos enganos» cuja «contrapartida para os inquilinos é zero».

«Disseram que os pobrezinhos não iriam ser afectados», conseguiu-se convencê-los de que a lei «não tinha nada a ver com eles», o que veio a degenerar numa «desmobilização» em massa da maioria dos inquilinos em situação mais degradada, sublinhou.

José Godinho advertiu que o problema da transmissão de arrendamento, com que um número significativo de actuais inquilinos se verá confrontado, por não dispor de contratos em seu nome, degenerará a curto prazo numa «onda de despejos», referindo como mais flagrantes o caso de viúvas que por receio de serem alvo de uma acção desse tipo não procederam atempadamente à regularização dos contratos.

«Os senhorios estão a mandar propositadamente» as cartas com aviso de recepção que a lei contempla para aplicação da nova renda, «em nome dos mortos», salientou o presidente da AIL.

Na reunião foi aprovada por unanimidade uma moção de repúdio pela lei das rendas e exigida a sua imediata revogação, face à «insuficiente informação» que foi prestada às autarquias sobre a matéria, as «insuficiências», o seu carácter «desumano e desigual» e a «incapacidade» que a lei apresenta para a resolução do «problema central da habitação em Portugal».

Taxa social única adiada para Outubro

A taxa social única a pagar pelos trabalhadores e pelas entidades patronais beneficia de uma redução de 0,5 por cento em relação às contribuições actuais, sendo fixada em 11 e 24 por cento, segundo diploma publicado no «Diário da República» e que entra em vigor a 1 de Outubro.

Os valores dos subsídios de refeição e senhas de almoço, os abonos para falhas e as quantias pagas aos trabalhadores em cumprimento de acordos de cessação de contrato de trabalho deixam de ser considerados base de incidência contributiva, estabelece o mesmo diploma do Ministério do Trabalho, publicado em suplemento a 14 de Junho do «DR» e que entra em vigor a 1 de Outubro.

O diploma, que cria a taxa única, cuja base de incidência é a da segurança social, procede à unificação do mecanismo de cobrança. Liquidação e gestão das contribuições e a liquidação de quotizações para o Fundo de Desemprego e estabelece uma redução global nas contribuições devidas pela actividade da pesca artesanal e pelas atribuições pecuniárias qualificadas de pré-reforma.

Os contribuintes do regime geral de Segurança Social que exerçam actividades sem fim lucrativo poderão beneficiar de uma redução por trabalho que lhes seja prestado a partir de 1 de Outubro, de acordo com o disposto no diploma.

Acções da Sonae "voaram"

As acções do grupo SONAE no valor global de 1,25 milhões de contos, cuja subscrição pública se iniciou ontem e termina dia 27, foram «tomadas, praticamente na sua totalidade, quatro horas depois de terem sido lançadas» — disse um informador do banco líder da emissão.

«A emissão só não foi encerrada na terça-feira, porque queremos respeitar compromissos para a compra de lotes pequenos até 500 acções» — declarou um dos responsáveis por aquele que é considerado um dos maiores grupos económicos do país.

Um porta-voz do BPA, indicou que na região Norte as acções distribuídas pelos vários bancos emissores esgotaram «poucas horas depois de se ter dado início à operação».

Segundo este informador, deverão ter ficado menos de 100.000 acções por subscrever, sobretudo na zona Sul do país, «mas até final de terça-feira toda a emissão estará tomada».

O grupo SONAE descende directamente do antigo grupo empresarial do banqueiro Pinto de Magalhães. Teve, em 1985 um volume de negócios da ordem dos 20 milhões de contos e emprega cerca de 2600 pessoas.

O grupo nortenho dividiu esta emissão em três categorias: do milhão e duzentos e cinquenta mil contos que totaliza o valor das obrigações, 750 mil destinam-se ao público, 450 mil de preferência para os actuais accionistas e 50 mil para os trabalhadores do grupo.

Dureza no comércio com a Espanha

— *promete o secretário de Estado*

O secretário de Estado do Comércio Externo, Luís Caldeira da Silva, advertiu que, se a atitude espanhola continua a ser tão intransigente para um intercâmbio comercial mais equilibrado, Portugal saberá dar mostras de dureza à hora de tratar as suas relações com Espanha.

Em declarações publicadas ontem num suplemento especial dedicado a Portugal companheiro na CEE, do semanário «Lunes Economico», Caldeira da Silva reconhece que as relações comerciais entre os dois países não são boas.

O Secretário de Estado português acusa as autoridades espanholas de, durante estes quatro ou cinco meses, se dedicarem à criação de barreiras artificiais, inventando dificuldades ou pondo entraves administrativos que não fizeram outra coisa que «impedir as nossas exportações para Espanha».

Na opinião de Caldeira da Silva temos que praticar, de um lado e outro, e sem complexos, o que foi negociado no acordo de adesão à CEE

Caldeira da Silva defende as vantagens do mercado interior unitário e considera que o facto dos produtos portugueses serem mais económicos do que os espanhóis, ajudaria, em muitos casos, a baixar o índice de preços ao consumo espanhol.

Na mesma linha do secretário de Estado pronuncia-se o Presidente do Instituto do Comércio Externo Português, Raul Baptista Martins, segundo o qual a Espanha tem que comprar a Portugal se quer continuar a vender-lhe.

Portugueses constroem na China fábrica de seringas de plástico

A primeira unidade industrial com tecnologia portuguesa instalada na China — uma fábrica de seringas de plástico — será inaugurada no próximo sábado na zona económica especial de Zhuhai, adjacente a Macau.

Na inauguração da fábrica, que envolveu na fase inicial um investimento de quase três milhões de dólares (cerca de 450 mil contos), estarão presentes aproximadamente 600 convidados, entre os quais o novo governador de Macau, Pinto Machado, segundo despacho da NP.

A fábrica terá uma capacidade de produção anual de 30 milhões de seringas não recuperáveis, de vários tamanhos, com a maior parte da matéria-prima procedendo de Portugal e fornecida pela Petroquímica, destinando-se a abastecer os mercados da China, Macau e Hong-Kong.

Esta unidade industrial foi montada em tempo recorde — cerca de um ano — sendo a tecnologia fornecida pela empresa Indústria de Seringas Portuguesa, de Torres Vedras, com maquinaria italiana, de patente norte-americana.

Zhuhai é uma das quatro zonas económicas especiais criadas nos anos 1979 e 1980 pelas autoridades chinesas, com vista a atrair os investimentos e a tecnologia estrangeiros, representando áreas de experiência para um desenvolvimento económico mais aberto.

O empresário chinês Ng Fok, que já construíra a primeira grande unidade hoteleira em Zhuhai, foi o principal patrocinador financeiro deste projecto, através da empresa portuguesa Exportasia.

Esta indústria de seringas será concorrente das congéneres japonesas, as quais controlam parte significativa do mercado da região. Só na província de Cantão, onde se situa Zhuhai, a população é de 100 milhões de pessoas.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIVOS DO SUL

Nos termos do n.º 8, do Art.º 17, do Dec-Lei 215-B/75, de 30 de Abril, convoco uma Assembleia Geral Extraordinária, que deverá reunir descentralizadamente nos dias, horas e locais a seguir indicados:

- **Sala de convívio da Rodoviária Nacional – CEP-7 – Barreiro, dia 26-6-86, pelas 10 horas.**
- **Refeitório da Rodoviária Nacional – Laranjeiro, dia 27-6-86, pelas 9 horas e pelas 21 horas.**
- **Refeitório da Rodoviária Nacional CEP-8 – Azeitão, dia 27, pelas 9 horas.**
- **Sala de convívio da Rodoviária Nacional – Setúbal, dia 27-6-86, pelas 14 horas.**

ORDEM DE TRABALHOS

1 – Informações
2 – Eleição dos juízes sociais, nos termos do Dec-Lei n.º 156-78

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Manuel Gabriel Lopes Santos

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	40$80	46$80
ALEMANHA FED. (marco)	66$75	67$95
ÁUSTRIA (xelim)	9$45	9$65
BÉLGICA (franco)	3$110	3$310
BRASIL (cruzado)	4$00	6$50
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	107$70	110$20
(notas de 5 a 1000)	108$20	110$70
DINAMARCA (coroa)	18$00	18$40
ESPANHA (peseta)	1$017	1$137
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	149$20	152$70
(notas de 5 a 100)	149$70	153$20
FINLÂNDIA (marka)	28$95	29$55
FRANÇA (franco)	20$95	21$65
HOLANDA (florim)	59$30	60$40
IRLANDA (libra)	203$40	207$40
ITÁLIA (lira)	$089	$099
JAPÃO (iene)	$873	$908
NORUEGA (coroa)	19$70	20$20
REINO UNIDO (libra)	226$25	230$75
SUÉCIA (coroa)	20$80	21$30
SUÍÇA (franco)	81$45	82$95
VENEZUELA (bolívar)	6$20	7$20

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Instantâneos

Ceulemans: o estilo dum grande artista

Jean Tigana: o popularidade da vedeta

Joel Bats: a subida à poltrona dos «heróis»

Miguel Muñoz: o desalento dum homem vencido

O desabafo de Telé Santana

"O ambiente do futebol mete-me nojo"

O técnico Telé Santana confirmou a decisão de terminar a sua carreira numa entrevista publicada no jornal da tarde durante a qual chorou e afirmou que **«o ambiente no futebol mete-me nojo»**.

Na extensa entrevista, Santana, visivelmente desgostoso, lamentou a eliminação do Brasil no «mundial» de futebol no México e confirmou a sua intenção de **«fugir para bem longe dos adeptos do futebol e da Imprensa»**.

O técnico brasileiro queixou-se do tratamento que recebeu da Imprensa do seu país e dos próprios jogadores da selecção, quanto a ele injusto, até porque, em sua opinião, o Brasil foi eliminado pela França nos quartos-de-final por «má sorte».

«Sou um ex-técnico, estou com nojo do ambiente do futebol e já não quero mais nada. Vou fazer 55 anos a 26 de Julho e não sou homem para receber campanhas críticas passivamente», disse Santana ao jornalista Roberto Avallone, seu amigo pessoal.

Segundo Avallone, Santana chegou a chorar quando se referiu aos seus problemas de relacionamento com os jogadores, alguns dos quais, como Muller e Casagrande, chegaram a acusá-lo abertamente de autoritário. «Só um jogador veio ter comigo depois da derrota. Foi Alemão, que pediu desculpas por ter discutido comigo», acrescentou Santana.

O técnico também se referiu com amargura ao tratamento dado pela Imprensa brasileira, sobretudo a do Rio de Janeiro, de onde partiram as críticas mais severas aos seus métodos.

«A Imprensa do Rio de Janeiro esteve sempre contra mim neste mundial e de uma forma terrível e implacável», lamentou Santana.

De uma forma geral, depois da derrota do Brasil frente à França por 4-3 em grandes penalidades, após o empate de 1-1 no final do tempo regulamentar, a Imprensa brasileira atribuiu a eliminação ao azar, aliás como o próprio Telé Santana, para quem a eliminação «não doeu tanto» como a do mundial de Espanha em 1982, quando o Brasil perdeu com a Itália por 3-2, também nos quartos-de-final. «Esta não doeu tanto. Pior foi em Espanha, quando praticámos um óptimo futebol mas perdemos contra.a Itália no tempo regulamentar. Aqui perdemos por uma coisa estúpida, uma decisão por 'penalties'», afirmou.

Telé Santana foi o único técnico da história do futebol brasileiro que reassumiu o comando da selecção pela segunda vez consecutiva em mundiais, depois de ter perdido um torneio.

A selecção do Brasil chegou entretanto ao seu país, com uma geração dos melhores jogadores mundiais frustrados nas suas esperanças de alcançarem o mais ambicionado título de campeões mundiais.

Homens como Zico, Falcão, Sócrates e Júnior devem ter vestido pela última vez num mundial a camisola amarela da selecção do Brasil e deixam vagas muito difíceis de colmatar. «Infelizmente no Brasil, o que interessa acima de tudo é a conquista do título mundial. Ante esta filosofia, tudo o que fizemos no México nunca servirá de consolação», afirmou o médio Falcão.

Zico será talvez o jogador mais triste pelo «desaire» da selecção brasileira, apesar de ter sido incluído na equipa a espaços devido a uma lesão num joelho. Ele fez apenas curtas aparições como substituto, incluindo a partida dos quartos-de-final, que o Brasil perdeu frente à França e na qual ele desperdiçou uma grande penalidade, quando o resultado se encontrava num empate a uma bola.

«Zico recordará para sempre esta derrota como o principal responsável», disse um jornalista brasileiro.

O técnico Telé Santana considera, todavia, que a CBF devem desde já, contratar um novo técnico e pensar na reestruturação do futebol «canarinho». Santana considerou que novos jogadores devem começar a ser testados e especialmente rodados contra equipas europeias, para que em provas futuras, o Brasil possa contar com novos e bem preparados valores.

Para o técnico brasileiro, a qualidade dos futebolistas da actual geração «é excelente» e citou os nomes de Josimar, Júlio César, Elzo, Branco, Alemão, Silas, Muller, Careca, Casagrande, Edivaldo, Valdo e Mauro Galvão.

«É muito importante que estes jogadores continuem no Brasil, pois uma vez contratados por equipas estrangeiras eles perdem o contacto com o nosso futebol e sobretudo o nosso estilo de jogo», finalizou Santana.

Fórmula dos desempates

Opinião geral: o sistema é um absurdo

Vinte e sete grandes penalidades determinaram no Mundial do México o apuramento de três dos quatro semifinalistas da prova, mas as discordâncias quanto a esta fórmula de qualificação começaram já a surgir.

As 27 grandes penalidades passaram também a ser um recorde do campeonato por ser esta a primeira vez que a sua marcação estava prevista para, em caso de necessidade, como veio a acontecer, serem apuradas as equipas que passavam às meias-finais.

Em nenhum dos anteriores doze mundiais houve necessidade de recorrer, nos quartos-de-final, à marcação de grandes penalidades para determinar o vencedor de um jogo.

Neste mundial, só a Argentina conseguiu ultrapassar os quartos-de-final vencendo o seu adversário, a Inglaterra, nos 90 minutos de tempo regulamentar.

A França frente ao Brasil, a Alemanha Federal frente ao México e a Bélgica frente à Espanha tiveram ainda de jogar, para além do tempo regulamentar, 30 minutos de prolongamento e proceder à marcação de grandes penalidades.

A fórmula que prevê a marcação de grandes penalidades após os 120 minutos dos jogos de quartos-de-final eliminatórios, adoptada para o Mundial do México, foi já criticada por vários elementos do futebol internacional.

O vice-presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Nabi Abi Chedid, disse já que o organismo que representa vai propor à FIFA, uma alteração aos regulamentos do mundial relativamente aos jogos que terminem empatados, após prolongamento.

«É uma pena que tenhamos que sair deste mundial assim, não nos conformamos porque jogámos bem em todos os encontros», disse Chedid depois do afastamento do Brasil pela França, pela marcação de grandes penalidades.

O seleccionador da Espanha, outra das equipas afastadas por grandes penalidades, considera que **«não é justo decidir o afastamento de uma equipa pela marcação de grandes penalidades»**.

Enzo Bearzot, técnico que levou a Itália à conquista do título de campeã do Mundo de 1982, mostra-se também descontente com a actual fórmula de apuramento. **«Não é justo perder tudo depois de 90 minutos»**, afirma.

Apesar destas posições, não parece provável que a actual regulamentação venha a ser alterada. O dirigente da FIFA, Hermann Neuberger, considera que **«os quartos-de-final no México foram os mais excitantes de sempre, o que mostra a validade do sistema»**.

Neuberger disse também que a eliminação por grandes penalidades continuará a aplicar-se no próximo mundial que em 1990 se disputa em Itália.

México Digest

A XIII edição do Campeonato do Mundo de Futebol ficará para a história como o Mundial dos recordes, estando já batidas várias marcas alcançadas em edições anteriores.

• Relativamente a espectadores, o «México-86» ultrapassou o «Espanha-82», quando estão apenas realizados 48 jogos, prevendo-se que venha a ultrapassar os 2 milhões de espectadores.

• Após o último encontro dos quartos de final, o Mundial do México registou 1 886 469 espectadores, mais 30 000 que nos 52 jogos da edição anterior.

• Quanto a disciplina, o árbitro colombiano Jesus Diaz bateu o seu recorde de expulsões, ao mostrar por três vezes o cartão vermelho nos dois encontros que dirigiu.

• Até aos quartos de final o Mundial de Futebol regista oito exclusões de campo, enquanto o cartão amarelo foi usado 11 vezes para jogadores uruguaios, 10 vezes para jogadores mexicanos e 9 vezes para os iraquianos.

• O brasileiro Zico foi chamado a converter a única grande penalidade dos quartos de final do México-86, mas a defesa de Joel Bats manteve o empate.

• Os quartos de final do México-86 passarão igualmente à história por outro recorde: três dos quatro encontros foram decididos por grandes penalidades, facto inédito em edições em que a terceira fase foi disputada pelo sistema de eliminatórias.

• O guarda-redes espanhol Francisco Urruti, de 34 anos, completou o seu terceiro mundial como suplente. Chamado à selecção espanhola em 1978, Urruti apenas jogou cinco vezes pela equipa espanhola, apesar de ter estado presente nos mundiais da Argentina, Espanha e México.

• O recorde de golos alcançado em 1974, durante o Mundial da Alemanha, onde se registou uma média de 2,55 tentos por jogo, ainda não foi alcançado.

• Os 48 jogos já realizados renderam 117 golos, a que corresponde a média de 2,43

"O pique, o pique — o árbitro que o mastigue!"

O árbitro colombiano Jesus Diaz Palácios teve, domingo à noite, uma viagem acidentada, já que inúmeros adeptos mexicanos regressaram à capital no mesmo avião em que viajava o juiz que arbitrou o jogo México-RFA.

Os problemas começaram no aeroporto de Monterrey, onde um adepto mexicano acusou o árbitro colombiano de responsável pela eliminação da selecção anfitriã, gritando: **«Palhaço, palhaço. Quanto dinheiro te deram os alemães?»**

Já no avião, os adeptos mexicanos aproveitaram o voo de uma hora e cinco minutos para se manifestarem contra o árbitro.

«O pique, o pique, o árbitro que o mastigue», reclamaram alguns mexicanos.

Perante os protestos de muitos adeptos mexicanos, a tripulação levou Diaz Palácios para a cabina, de onde só saiu depois de desembarcados todos os passageiros.

Maradona nega o que todos viram

Diego Maradona teve mais uma noite para pensar e relembrar, mas mantém que não marcou com a mão o primeiro golo do jogo Inglaterra - Argentina, negando o que todo o mundo já viu através da Televisão.

O número 10 da equipa argentina afirmou segunda-feira que a princípio pensou que tinha sido o guarda-redes Peter Shilton a atirar a bola para dentro da própria baliza. **O golo não foi metido com a minha mão.** Saltei, a bola bateu-me e fiquei surpreendido quando foi golo. Pensei que o guarda-redes Shilton tinha marcado o golo. Não senti a bola bater na minha mão» — garante o futebolista.

Na jogada contestada, Steve Hodge atrasou de modo defeituoso para Shilton, que saltou à bola com Maradona. O argentino, conforme ficou provado pela Televisão, tocou a bola com a mão para o fundo da baliza inglesa sem que o árbitro, o tunisino Ali Bennaceur, visse a falta.

Assistência: 43 998 por jogo

Com quatro desafios por disputar, o Campeonato do Mundo de futebol do México estabeleceu já um recorde: o de assistência — afirmam os organizadores.

Numa altura em que faltam os jogos correspondentes às meias-finais, apuramento do terceiro lugar e final, **o Mundial do México teve 2.111.931 espectadores.**

Este número ultrapassa em 2208 o total de 2 109 723 espectadores aos 52 jogos do Mundial de Espanha. Em relação a 48 jogos do Mundial de há quatro anos o nível actual de espectadores é superior em 240 208.

A assistência média aos quatro desafios dos quartos-de-final foi de 66 570 espectadores — de acordo com estatísticas divulgadas pelo comité organizador.

Em relação ao conjunto do torneio a média é de 43 998 espectadores.

Berthold não joga amanhã

O alemão federal Thomas Berthold, expulso no encontro frente ao México, para os quartos-de-final, foi suspenso por um jogo e não poderá actuar no jogo da meia-final contra a França.

A Federação Internacional de Futebol determinou que o jogador (de 21 anos) fosse suspenso por um jogo antes de receber o cartão vermelho por ter agredido o mexicano Fernando Quirarte.

O inglês Ray Wilkins é o único jogador dos oito expulsos a ser suspenso por dois jogos por ter insultado e injuriado o árbitro.

Europa, 3-América, 1

Um "repescado" entre os quatro

As hipóteses de uma equipa europeia vencer, pela primeira vez, o campeonato do mundo na América Latina, são as melhores de sempre e, no México, paira a «ameaça» de quebra da tradição na história do mundial.

França, Alemanha Federal e Bélgica fazem parte do grupo dos quatro sobreviventes — estes decididos por penalidades — mas a Argentina é a última esperança da América Latina, depois de ter chegado à primeira fase com cinco equipas.

Dos jogos Argentina-Bélgica e França-Alemanha Federal, a selecção latino-americana parece ser, em princípio, a que tem a tarefa menos difícil.

A Argentina, que foi a única das quatro equipas a qualificar-se para as meias-finais sem recorrer a penalidades, conta com uma «arma» poderosa chamada Diego Maradona, mas não pode esquecer que a Bélgica foi uma das maiores surpresas do mundial, depois de ter sido «repescada» do seu grupo, em terceiro lugar, após a primeira fase.

•

A confiança da Bélgica encontra-se reforçada após as vitórias frente à União Soviética e à Espanha, e seria disparatado a Argentina pensar já que tem um pé na final.

O técnico belga Guy Thys preparou uma série de tácticas, autênticas obras de arte, que já conseguiram pôr a Bélgica na meia-final pela primeira vez na história. Contra os soviéticos, Thys utilizou poderosos contra-ataques, mas contra a Espanha funcionou fundamentalmente uma defesa de ferro.

A tarefa mais árdua de Thys coloca-se agora: como travar o talento de um futebolistas como Maradona, que conta, entre outras proezas, a marcação dos dois golos que destruíram as aspirações de qualificação da Inglaterra.

•

Quanto à França, prepara-se desta vez para se vingar da derrota que sofreu há quatro anos, em Espanha, também nas meias-finais, frente à Alemanha Federal.

A França aguardou muito tempo até conseguir ter a oportunidade de poder apagar da memória a má recordação que a persegue desde aquela noite em Sevilha, depois de ter disfrutado de uma vantagem, de 3-1, mas o resultado final cifrou-se em 3-3. A passagem à final foi, então, decidida por penalidades.

Com o afastamento dos campeões de 84, a Itália, e do Brasil, um dos principais favoritos ao título no México, a França tem este ano a melhor oportunidade de sempre para chegar à final, pelo que conta com o bem estruturado meio-campo que mostrou possuir. No entanto, a demonstração desinibida de futebol dos franceses, terá de ser refreada por Henri Michel, que teme o excesso de confiança dos seus jogadores, sendo um factor que em nada ajudaria.

•

Os alemães-federais, que parecem andar de mãos dadas com a sorte, este ano, mostram-se pouco preparados para vencer o mundial pela terceira vez. Mas, a RFA possui um número de vitórias e de golos que falam por si, aliados a um sector atacante com jogadores de calibre como Rummenigge, Klaus Allofs, Littbarski e Rudi Voeller. Deles, o técnico Beckenbauer espera que tirem proveito das falhas de concentração francesa, sendo presenças garantidas para a meia-final.

A França, por outro lado, tem ainda mais um adversário a vencer: o prolongado complexo de inferioridade de que se apossou, desde os primeiros jogos frente aos germânicos, e com o qual limitar-se-á decerto a repetir a noite fatídica de Sevilha.

Euforia natural

O milagre de Puebla "embriagou" a Bélgica

A qualificação da Bélgica para as meias-finais do Campeonato do Mundo de futebol provocou em todo o país cenas de euforia que se prolongaram até de manhã.

Nas ruas do centro de Bruxelas, como em todo o país, registaram-se manifestações de júbilo, pouco frequentes na Bélgica onde as querelas linguísticas afectam sistematicamente o espírito de unidade e de solidariedade nacional.

A vitória sobre a Espanha, depois de uma sessão de grandes penalidades «imprópria para cardíacos», galvanizou os belgas de tal modo que uma presença na final surge como o objectivo imediato, convicção que é traduzida pelos títulos de primeira página da Imprensa belga, que referem o «milagre de Puebla».

«Para chegar à final do Mundial, derrotar a Argentina, quarta-feira...», escreve em primeira página o «Le Soir», principal jornal belga. **Os diabos vermelhos estão em estado de graça,** refere ainda o «Le Soir», enquanto o «La Libre» se interroga: «até onde eles irão?».

Para o «La Libre» as recentes vitórias dos «diabos vermelhos» sobre «o touro espanhol e sobre o urso soviético» abrem as melhores perspectivas para a Bélgica, «apesar da Argentina de Maradona».

«E agora a Argentina», escreve em primeira página o jornal desportivo «La Derniere Heure Les Sports», passando em revista as principais fases do encontro dos quartos-de-final.

O jornal socialista flamengo «De Morgen» não foi excepção e apresentou na primeira página um conquistador espanhol do século XVI, exclamando: «caramba diabos vermelhos».

Como fiscal de linha

Carlos Valente estará no Bélgica-Argentina

O português Carlos Valente foi um dos árbitros designados pela FIFA para fiscal de linha do encontro das meias-finais entre a Argentina e a Bélgica se disputa amanhã.

O mexicano Antoni Marquez e o italiano Luigi Agnolin foram os árbitros nomeados para dirigirem os encontros das meias-finais.

Marquez dirigirá a partida Argentina-Bélgica, no Estádio Azteca, na Cidade do México e terá como fiscais de linha, para além de Carlos Valente, o juiz da Guatemala Romulo Mendez.

O italiano Agnolin arbitra a outra meia-final entre a França e a Alemanha Federal, que se realiza Em Guadalajara e será auxiliado por Zoran Petrovic (Jugoslávia) e Lajos Nemeth, (Hungria).

O SERVIÇO E A QUALIDADE FAZEM A DIFERENÇA...

Lagosta Real
VIVEIROS PRÓPRIOS MARISCOS SEMPRE FRESCOS
Especialidade da casa
CALDEIRADA DE LAGOSTA À MARINHEIRA
COZINHA MINHOTA
R. PORTAS DE ST.º ANTÃO, 37 – TEL. 32 39 95

MARISQUEIRA DA BAIXA
Especialidade:
MARISCADA VARIADA
FEBRAS DE JAVALI NO CHURRASCO
RUA PORTAS DE ST.º ANTÃO, 41
TELEFONE 32 78 67

SOL Dourado
Especialidade:
ARROZ DE MARISCO
CABRITO À PADEIRO
RUA JARDIM DO REGEDOR, 19-25
TELEFONE 37 25 70

tem tem
Especialidade:
CHURRASCO NO CARVÃO
FONDUE
RUA D. ANTÃO DE ALMADA, 5-A
TELEFONE 36 59 44

Grande Prémio "JN"

Lousa atacou no "corridinho"

Carlos Santos, do Lousa, venceu ao «sprint» a 5.ª etapa do Grande Prémio JN em ciclismo disputada entre Pevidém e Viana do Castelo, na distância de 170 quilómetros.

Benjamim Carvalho, do Boavista, é o novo camisola amarela.

Carlos Santos, que vencem (ao «sprint») os seus companheiros de equipa Américo Silva e Fernando Carvalho, foi creditado com 4 horas, 39 minutos e 15 segundos.

Um grupo de 14 ciclistas, onde se incluem todos os corredores do Lousa, cortou a meta com o mesmo tempo do vencedor, e com 40 segundos de vantagem do pelotão principal.

O anterior camisola amarela, Marino Fonseca, da Garcia Joalheiros, chegou à meta 53 segundos depois do primeiro, e perdeu a posição de líder da classificação geral individual para Benjamim Carvalho, do Boavista, sendo agora segundo e Jorge Corvo, do Tavira terceiro.

Manuel Vilar, do Sangalhos, venceu já o prémio da montanha, com mais um ponto do que Fernando Carvalho, do Lousa, enquanto Carlos Marta, do Sangalhos, tem já assegurada a conquista do prémio das metas volantes.

Classificação da etapa:

1.º Carlos Santos, Lousa, 4.39.15 horas

2.º Américo Silva, Lousa, mesmo tempo; 3.º Fernando Carvalho, Lousa, mt; 4.º António Alves, Boavista, mt; 5.º Benjamim Carvalho, Boavista, mt; 6.º Eduardo Correia, Sporting, mt; 7.º Manuel Zeferino, Lousa, mt; 8.º Venceslau Fernandes, Ajacto, mt; 9.º Manuel Cunha, Lousa, mt e 10.º Jacinto Paulinho, Sporting, mt.

Classificação geral individual

1.º Benjamim Carvalho, Boavista. 23.29.38 horas; 2.º Marino Fonseca, Garcia-Joalheiro, 23.30.09; 3.º Jorge Corvo, Tavira, 23.30.51; 4.º Fernando Carvalho, Lousa, 23.31.12; 5.º Pedro Silva, Sangalhos, 23.34.24.

Por equipas:

1..º Boavista, 70.41.11 horas; 2.º Lousa, 70. 42. 02; 3.º Garcia-Joalheiro, 70.43.10 e 8.º Tavira, 71.36.19.

Hoje disputam-se duas etapas, De amanhã (e à hora do fecho desta edição ainda não conhecíamos os resultados) teve lugar a 6.ª tirada (contra-relógio individual em Viana do Castelo) e de tarde os ciclistas partem para o Porto onde termina este «GP» cerca das 18.30 horas na Praça Humberto Delgado.

Ténis: controlo é para todos

O Conselho Internacional dos Tenistas Profissionais anunciou que todos os jogadores e dirigentes do torneio de Wimbledon serão sujeitos a testes «antidoping». «O CITP vai orientar todos os testes a realizarem-se durante o torneio de Wimbledon, segundo o novo regulamento de testes aprovado pelos jogadores e membros da organização» — anunciou o presidente do conselho e director da Associação de Tenistas Profissionais, Michael Davies.

O novo regulamento obriga todos os jogadores de singulares ou pares a serem sujeitos a testes, assim como os directores e restante pessoal integrado no CITP, desde o início do torneio que hoje começa.

Os membros do comité organizador de Wimbledon, árbitros e juízes estão também incluídos.

NOTARIADO PORTUGUÊS

14.º Cartório Notarial de Lisboa a cargo do Notário

Lic. MANUEL GONÇALVES PEREIRA

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 3 de Junho do ano em curso, lavrada de folhas 17 a folhas 18 verso do livro de notas 74-E, deste Cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, a qual se regerá nos termos dos artigos constantes da respectiva fotocópia que se compõe de quatro folhas e vai conforme ao original na parte reproduzida, nada havendo na dita escritura que amplie, restrinja, ou condicione, quanto se reproduz ou narra.

ARTIGO PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação «FERREIRA & ARMINDO – MÁRMORES E CANTARIAS, LIMITADA», tem a sua sede em Negrais, Pero Pinheiro, freguesia de Almargem do Bispo, concelho de Sintra e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de hoje.

ARTIGO SEGUNDO

O objecto da sociedade é a transformação e exportação de mármores e granitos.

ARTIGO TERCEIRO

O capital social é de um milhão e quinhentos mil escudos, integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das seguintes quotas:

– uma de um milhão de escudos pertencente ao sócio Vítor João Pedroso Ferreira; e,

– uma de quinhentos mil escudos pertencente ao sócio Armindo Pedro Domingos.

ARTIGO QUARTO

A gerência da sociedade pertence aos dois sócios e a António Pedroso Ferreira, que não terão qualquer remuneração, a não ser que em assembleia geral votem nesse sentido, sendo necessárias as assinaturas de todos os gerentes para obrigar validamente a sociedade.

***Parágrafo primeiro* – Os gerentes poderão delegar entre si os poderes de gerência.**

***Parágrafo segundo* – Os gerentes não poderão obrigar a sociedade em letras de favor, fianças, abonações ou quaisquer outras garantias em benefício de terceiros.**

ARTIGO QUINTO

A sociedade poderá constituir mandatários, nos termos e para os efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

ARTIGO SEXTO

A cessão de quotas, com excepção da divisão e cessão da quota de Vítor João Pedroso Ferreira que poderá ser cedida total ou parcialmente a António Pedroso Ferreira, dependerá do consentimento da sociedade que tem em primeiro lugar direito de preferência sobre a quota a ceder ao qual é atribuído em segundo lugar os demais sócios na proporção das quotas que possuem.

ARTIGO SÉTIMO

A sociedade poderá amortizar qualquer quota, pelo valor nominal, caso sobre ela recaia qualquer encargo, como penhora e penhor.

ARTIGO OITAVO

Em caso de transmissão, por morte, de qualquer quota, assumirá a gerência a viúva do sócio falecido ou na inexistência desta o cabeça de casal da herança aberta por morte do sócio.

ARTIGO NONO

Quando a lei não exigir outros prazos e formalidades as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de dez dias.

Lisboa e referido 14.º Cartório Notarial aos nove de Junho de mil novecentos oitenta e seis.

A 3.ª AJUDANTE,

(Maria de Jesus Grilo)

Futebol

Sousa medita e Sporting espera

Depois das emoções, mais ou menos fortes, provacadas pela presença da selecção portuguesa de futebol no «Mundial-86», naturalmente que as atenções ainda estão viradas para os acontecimentos que, até domingo, irão decorrer em Guadalajara e na Cidade do México e obviamente que a questão da «rebelião» — como alguns erradamente consideram a atitude dos futebolistas em Saltillo — entra agora na fase de confrontos, de teses e talvez nem o relatório mandado elaborar pelos dirigentes federativos nem o inquérito já em curso, venha a revelar a verdade total, é de reconhecer que entra na «ordem de... todos os dias» a «affaire» das renovações, aquisições e dispensa de futebolistas sobretudo dos grandes clubes.

O Benfica deu o «pontapé de saída» com o acerto total tido com o bracarense Dito e o setubalense Edmundo, esperando-se outras aquisições prometidas pelo presidente da colectividade.

O FC Porto talvez não necessite muito de reforçar o luxuoso plantel de que dispõe, simplesmente, porque se admite a saída de Fernando Gomes, Pinto da Costa e seus pares parece terem bem encaminhadas as negociações com um ou dois artistas de gabarito internacional e ao que se consta não está totalmente arredada a hipótese de verem regressar às Antas futebolistas de alta bitola que oportunamente optaram por outra experiência.

Quanto ao Sporting, nada consta para além de Vital e Zinho que já se encontram firmes em Alvalade. As grandes questões, ou aquelas que mais estarão a preocupar João Rocha, relacionam-se com a desejada renovação dos contratos tidos até 31 de Julho próximo com Sousa e Jaime Pacheco que ora se encontram em gozo de férias e, segundo os dirigentes do grémio sportinguista, foi-lhes entregue uma proposta que visa o interesse na renovação. No que se refere a Sousa, estaria programado um encontro (ontem) com João Rocha mas o futebolista não terá comparecido e certamente que o fez por ainda não ter analisado convenientemente a proposta do clube. Obviamente que este será um motivo possível, entre outros. Em Alvalade, o «desencontro» não constituiu razão para alarme e no dia 9 Sousa, estará obrigatoriamente no «solar dos leões» porque nesse dia as férias têm o seu termo. Até lá poderá haver decisão ou alargarem-se as especulações.

Ademar no V. Setúbal

O futebolista Ademar, do Belenenses, vai ingressar no Vitória de Setúbal na próxima época, disse um dirigente do clube sadino, enquanto o médio Teixeira, por seu lado, deixará o Vitória para ingressar no Belenenses.

A mesma fonte informou que o guarda-redes Meszaros está certo nos sadinos, faltando apenas o cumprimento das formalidades com a federação húngara, pelo que no fim do mês um director do Vitória se deslocará a Budapeste para liquidar as taxas necessárias.

Além de Meszaros, o Vitória encontra-se em negociações com outro guarda-redes. Trata-se de Amaral, do FC Porto, e tudo indica que os contactos em curso cheguem a bom termo.

Como parte do contrato de transferência de Edmundo para o Benfica, deverão ingressar no Vitória de Setúbal Rui Lopes e o zairense Tueba, além de mais dois jogadores do clube da Luz ainda a designar.

Colectividades

Tirsense vai melhorar as suas instalações

O projecto do complexo desportivo do Futebol Clube Tirsense foi aprovado pela autarquia de Santo Tirso.

O plano, que aproveita as infra-estruturas existentes, prevê a ampliação da zona das bancadas e o arrelvamento do campo principal, alterando-se as condições de instalação do público.

O complexo, cuja construção está prevista em cinco fases, inclui sede social, balneários e campo de treinos com pista polivalente.

Mário Serafim: ele é campeão da Europa

Microscópio

Tiro: portugueses em Genebra

Uma representação portuguesa encabeçada pelo campeão europeu Mário Serafim disputa no próximo fim-de-semana os «Matches Latinos» de tiro em Genebra, onde vão estar presentes atiradores de 10 países.

Mário Serafim, que conquistou este mês o título europeu de juniores em tiro de precisão, é a principal figura da equipa portuguesa que disputará as diversas disciplinas do encontro.

Na sua agenda

Hóquei em patins: «play off» recomeça hoje

Com a realização dos encontros Sporting-Benfica e FC Porto-Sanjoanense recomeça esta noite (ambos os jogos terão início pelas 21,30 horas) o torneio «plau off». A avaliar pelas equipas em confronto é de supor que haverá emoção a rodos nas Antas e em Alvalade.

Distinções no "Dia Olímpico"

A medalha olímpica «Nobre Guedes», o mais alto galardão do Comité Olímpico Português, foi ontem entregue ao atirador de pistola livre e de ar comprimido Mário Alvarenga Rua, pela sua actividade na temporada de 1985.

A entrega teve lugar durante um jantar comemorativo do 92.º aniversário do olimpismo moderno — dia olímpico —, organizado pelo Comité Olímpico Português na Sala Ogival do Castelo de S. Jorge, e ao qual presidiu o ministro da Educação, João de Deus Pinheiro.

De salientar que a medalha olímpica do COP não pode ser atribuída duas vezes ao mesmo atleta e que na época de 1984 o agraciado foi o marchador José Pinto, um dos atletas amadores portugueses que mais se tem distinguido além-fronteiras.

Durante a reunião foram ainda entregues o «Prémio Juventude» do COP, à ginasta rítmica Patrícia Jorge, o «Troféu Francisco Lázaro», ao maratonista Telmo Fernandes, e o prémio «Fair Play», ao dirigente do próprio COP, Fernando Luís Pereira Machado, por proposta de várias federações.

Distinguidos do mesmo modo os bolseiros portugueses que em 1986 se deslocarão à academia olímpica, na Grécia, para um estágio de olimpismo e que são os professores Manuel Araújo da Silva Janeiro e ana Paula Teixeira e Sebra e o nadador Paulo de Azevedo.

Também participaram neste jantar no dia olímpico, entre outras individualidades, o director-geral dos Desportos, professor Mirandela da Costa, o membro do Comité Olímpico Internacional para Portugal, general Pereira de Castro e Fernando Antoniotti, membro do Comité Olímpico da República Popular de Moçambique, além dos presidentes de várias federações nacionais de diferentes modalidades desportivas.

Ténis: torneio de Wimbledon

Kevin Curren foi afastado

O alemão-federal Boris Becker, vencedor da edição de 1985 do torneio de ténis de Wimbledon, eliminou o argentino Eduardo Bengoeache com 6-4, 6-2 e 6-1, na primeira ronda da prova.

Mas a primeira nota de sensação do torneio foi dada pelo também alemão-federal Eric Jelen que eliminou o norte-americano Kevin Curren, finalista da edição do ano passado, com 6-4, 6-7, 2-6, 6-4 e 12-10.

Numa partida que foi interrompida durante cerca de duas horas devido à chuva, o sueco Mats Wilander, que na primeira ronda da edição do ano passado foi afastado pelo jugoslavo Slobodan Zivojinovic, venceu o norte-americano Scott Davis por 7-6, 6-4 e 6-4.

O checoslovaco Tomas Smid venceu o australiano Darren Cahill por 6-4, 6-3 e 7-5 e o polaco Wojtec Fibak afastou o indiano Vijay Amritraj com 6-1, 3-6, 6-4 e 6-3.

O norte-americano Tom Gullikson venceu o seu compatriota Schultz por 6-2, 4-6, 7-6 e 6-1.

Becker dá prémio à UNICEF

Boris Becker, actual campeão de Wimbledon, ofereceu o prémio da sua primeira vitória na prova deste ano à UNICEF.

Após a vitória frente ao argentino Eduardo Bengoechea, Becker dirigiu-se à tribuna real e ofereceu um cheque de 3080 libras à duquesa de Kent, dirigente da UNICEF na Grã-Bretanha. «Aproveito esta oportunidade para oferecer o prémio da minha vitória às crianças de todo o mundo. Todas as pessoas podem fazer o mesmo, sejam profissionais de ténis ou com outras profissões» — disse o jovem tenista.

Becker exerce há dois meses as funções de embaixador desportivo da UNICEF, cargo honorário com o fim de promover acções de beneficência de forma a conseguir fundos para milhões de crianças do Terceiro Mundo.

«Tubarões» e «Bulimundo» juntos, ao vivo, pela primeira vez em Portugal.

Independência de Cabo Verde faz anos

"Gala Africana" culmina Semana Cultural

Os 11 anos da independência de Cabo Verde vão ser comemorados em Portugal entre 30 de Junho e 5 de Julho, com uma rica e diversificada Semana Cultural, organizada pela Embaixada e pela Associação Caboverdeana, com a colaboração da Direcção-Geral da Comunicação Social e do Arquivo Histórico Ultramarino.

Uma exposição fotográfico-documental, a inaugurar no dia 30, no Palácio Foz, sobre a realidade histórica, cultural, económica e social do jovem Estado africano, abrirá a Semana de Cabo Verde.

No dia 4, igualmente no Palácio Foz, haverá uma palestra orientada pelo dr. Gabriel Mariano sobre o tema: «A identidade nacional caboverdiana-Factores sócio-culturais.»

Ainda durante a semana vários jornais diários publicarão, diariamente, um conto caboverdiano.

A culminar todas estas iniciativas (e sem esquecer o bar-restaurante da Associação Caboverdiana com os pratos típicos do país) haverá, dia 5, à noite, no pavilhão do Belenenses a tradicional **Gala Africana,** magnífico espectáculo de música africana.

A Gala terá este ano a particularidade de trazer a Lisboa os dois mais famosos conjuntos musicais de Cabo Verde: «**Os Tubarões**» e o «**Bulimundo**», sem esquecer outros conhecidos grupos radicados em Portugal.

Gala à Antiga Portuguesa quinta-feira em Lisboa

Luís Miguel da Veiga, Manuel Vidré (o n.º 1 de Espanha) e Joaquim Bastinhas, serão os cavaleiros em praça na noite da próxima quinta-feira dia 26, na Praça de Touros do Campo Pequeno, para a corrida de gala à antiga portuguesa, integrada nas Festas da Cidade. As pegas estarão a cargo dos Forcados Amadores «Os Lusitanos», capitaneados por Francisco Costa.

Serão lidados seis touros dos ganadeiros António Barbeiro, Cunha e Carmo, Paulo Caetano, Sociedade Agrícola de Santo Estevão, Sommer de Andrade e Simão Malta, num concurso de ganaderias em que serão disputados dois prémios oferecidos pela Câmara Municipal de Lisboa — que apoia esta corrida.

A praça, segundo a tradição, apresentar-se-á vistosamente decorada, evocando o século XVII, desfilando «neto» coches, timbaleiros, charameleiros e pagens.

"Ballet de Moscovo" dez dias em Portugal

O mais jovem colectivo balético da URSS, o Ballet de Moscovo, integrado por cerca de 20 bailarinos, estará em Portugal a partir do próximo dia 26 e até 7 de Julho para realizar uma série de espectáculos em diversas cidades.

Dirigido pelo solista do Bolchoi, Viatcheslav Gordaiev, que o público português teve oportunidade de ver dançar em 1984, juntamente com outras grandes figuras da dança representantes de vários Teatros de Ópera e Ballet soviéticos, o grupo apresentará um programa constituído por excertos de obras de autores clássicos e contemporâneos nomeadamente S. Puni, Donizetti, Johann Strauss, Richard Strauss, Sviridov e Petrov.

Conduzindo uma permanente pesquisa na arte do bailado contemporâneo mas não exluindo do seu repertório as criações dos mestres clássicos, o Ballet de Moscovo, apesar dos poucos anos de actividade, obteve reconhecimento internacional. A sua digressão pela França, em 1985, traduziu-se num enorme êxito.

Em Portugal, os bailarinos moscovitas promoverão os seguintes espectáculos: dia 27 de Junho — Évora, no Teatro Garcia de Resende; dia 28 — Barreiro, na Casa da Cultura dos Trabalhadores da Quimigal; 29 — Lisboa, no Teatro Municipal de S. Luiz; dia 30 — Coimbra, no Teatro Gil Vicente; dia 2 de Julho — Porto, no Teatro Rivoli; dia 3 — Aveiro, no Teatro Aveirense; dia 5 — Portimão, no Anfiteatro Municipal e dia 6 — Setúbal, no Teatro Luísa Tody.

Originalidade é essencial

Viatcheslav Gordaiev, de 38 anos, tem percorrido uma brilhante carreira. Medalha de ouro do 2.º Concurso Internacional de Moscovo (1973), desde muito cedo começou a representar o ballet soviético no estrangeiro, tendo adquirido reputação de um excelente intérprete tanto de obras clássicas como contemporâneas.

Há alguns anos que alia a actividade de coreógrafo e de bailarino, como acontece, aliás, com outros destacados solistas do Bolchoi, Vassili Lavrovski e Maia Plissetskaia.

Do mesmo modo que Gordaiev, essas figuras do ballet soviético enveredaram pela coreografia depois de se terem afirmado como bailarinos excepcionais. No entanto, o director do Ballet de Moscovo considera que para se ser coreógrafo não basta ser bom bailarino. «São necessárias qualidades particulares: não chega saber inventar e pensar de modo original. Nós, os artistas, sublinha, «temos às vezes dificuldades nesse campo.

Depois de sermos, durante muitos anos, intérpretes, tomamos como nosso o que foi criado pelos outros. Só uma personalidade forte e original pode tornar-se um bom coreógrafo».

Gordaiev não está ainda certo de vir a ser aquilo que ele considera «um verdadeiro coreógrafo». O tempo o dirá, quando apresentar proximamente um ballet completo.

Um duo brilhante

Casado com outra «estrela» do Bolchoi, Nadejda Pavlova, menina prodígio do ballet, medalha de ouro do Concurso Internacional de Ballet de Moscovo, com a qual constitui um dos pares baléticos famosos do Bolchoi, há dez anos que ambos partilham prémios e aplausos em palcos de todos os continentes.

«Penso que um duo permanente tem vantagens tanto para os próprios bailarinos como para a arte balética», diz Gordaiev.

«Quanto mais se conhece o parceiro, as suas possibilidades técnicas e qualidades humanas, tanto mais fácil é ultrapassar as dificuldades que surgem nos «pas de deux». As dificuldades puramente técnicas passam para segundo plano e os dois encarnam com mais segurança as personagens, têm maior concentração na expressão plástica». O par formado por Ekalrina Maximov e Vladimir Vassiliev é, segundo o bailarino, um exemplo magnífico, existindo desde que ambos iniciaram a sua actividade cénica.

Talento não basta

Aluno da Escola Coreográfica de Moscovo, Vialcheslav Gordaiev considera que foi a interpretação do repertório do Bolchoi que o formou: os ballets clássicos e as criações do grande coreógrafo Iuri Grigorovitch. Aprendeu também muito, frisa, com os colegas mais velhos, entre os quais Vassiliev.

O Ballet do Bolchoi distinguiu-se sempre pela sua pleiade de «estrelas». Mesmo a geração mais nova é representada por diversas figuras que afirmam a sua individualidade de artistas e têm reputação internacional.

Ao referir-se a esta questão observou Gordaiev: «Os bailarinos 'estrelas' nunca foram muito numerosos e não o serão nunca. Nem todos os intérpretes com talento conseguem chegar ao nível de «estrela». As qualidades profissionais desempenham um papel importante, mas um artista que não tenha vontade, perseverança, e amor à arte, nunca obterá nada.

«O artista, acrescenta, «deve saber sistematizar e fazer valer os seus dons naturais e os conhecimentos adquiridos na escola coreográfica. O talento não é senão uma pista de percurso e a aprendizagem junto a um bom professor é um bom trampolim, mas não é suficiente para o voo».

Acontece muitas vezes, faz notar o bailarino, que os professores ajudaram a revelar as qualidades dos seus alunos e eles brilharam nos concursos internacionais, obtiveram primeiros prémios, chamaram a atenção dos especialistas, da Imprensa, do público.

No etanto, não chegaram a fazer uma carreira com êxito. «Faltou-lhes vontade, perseverança e personalidade necessária para chegar ao cume...»

DL MÚSICA CRÍTICA

Do "Frei Luís de Sousa" ao "Rigoletto"

Mário Vieira de Carvalh

Neste final do **Frei Luís de Sousa,** com dramaturgia e encenação de Jorge Listopad, enquanto Frei Jorge Coutinho (Filipe Ferrer) recita o **De profundis** («diminuendo» e depois «pianíssimo»), Maria (Ana de Lencastre) arrasta-se, dilacerada, com frases entrecortadas. E um autêntico dueto de ópera em declamado. Sobreposições deste género ocorrem, de resto, com alguma frequência no decurso do espectáculo e, sobretudo, no final, que Listopad transforma num **Finale** «concertante», com todas as personagens em cena, incluindo Miranda (Baptista Fernandes) e o seu «ostinato» da limpeza dos cobres. Era assim nos finais das Oratórias (e Listopad compara o último acto do **Frei Luís de Sousa** a uma Oratória), mas era também assim nos finais da ópera italiana, e já António Arroio comparava a obra-prima de Garrett ao final da **Favorita** de Donizetti. Para Arroio, tratava-se de uma falha dramática de Garrett, do «senão» que ameaçava a coerência da obra. O reformador do teatro em Portugal, tão influenciado pelas ideias do iluminismo e, por isso mesmo, próxmo, quando não premonitório de algumas concepções de Wagner, faria aí — ainda segundo Arroio — uma concessão aos convencionalismos da ópera italiana, não seria, enfim, consequente como dramaturgo. E isto porque, desejoso de agradar ao «público selecto» do seu tempo —que era o da ópera italiana no S. Carlos, onde a **Favorita** acabara de estrear com estrodoso êxito —, Garrett teria preferido sacrificar a lógica dramática ao gosto circunstancial do público (Wagner, pelo contrário, apresentava-se como um crítico implacável da ópera italiana, da sua práxis e do seu público). Não importa discutir aqui a análise de Arroio. Importa apenas salientar que, num ciclo dedicado à Tragédia, o encenador do **Frei Luís de Sousa** sentiu necessidade de repensar inteiramente a obra, de a desmontar e de a remontar, problematizando-a. E que a sua leitura o conduziu a soluções que comportam um tipo de estruturação da acção dramática e dos processos cénicos que não é apenas teatral mas **músico-teatral.** Assim redescoberto, o **Finale concertante do Frei Luís de Sousa** ganhou uma nova dimensão trágica, subsumiu-se num discurso que o tornou lógico e necessário.

Os méritos do espectáculo, da sua concepção e dos seus intérpretes já aqui foram oportunamente discutidos pelo meu colega Carlos Porto (DL de 20/5-/86). E como não é meu propósito passá-los de novo em revista, aproveito tão-só a ocasião para prestar homenagem aos actores — além dos mencionados, Carmen Dolores, Carlos Wallenstein e Sinde Filipe — e ao trabalho de Jorge Lima Barreto (música) e Nuno Carinhas (cenografia), simples e funcional em ambos os casos. Retomando o fio da meada, volto ao «dueto» de Filipe Ferrer e Ana de Lencastre. Ferrer dir-se-ia um **tenor buffo,** se tivesse levado tão longe a sua crueldade sarcástica de frade dominicano quanto Penderecki o faz nas suas terríveis personagens buffas de **Os Diabos de Loudon.** O seu registo era o da frieza e do distanciamento fradescos, não isentos de ironia, repetindo, estático, no exercício burocrático das suas funções, as palavras do **De profundis.**

Ana de Lencastre movia-se, agonizante, balbuciando as palavras como se as procurasse algures à sua volta. Eram dois registos simultâneos, com configurações melódicas, rítmicas, dinâmicas, tímbricas, diferentes — como na ópera. Com o seu carácter entrecortado, o discurso de Ana de Lencastre era como um **hoquetus** na música vocal: os silêncios eram-lhe consubstanciais, faziam parte da estrutura «polifónica» em que esse discurso se integrava. A componente sonora e a visual eram, no «dueto», a contrapartida uma da outra.

Ocorreu-me a semelhança com o quarteto do **Rigoletto** de Verdi. Quatro personagens, cada uma no seu registo sonoro e dramático. E, sobretudo, o **hoquetus** de Gilda: **infelice cor tradito/ per angoscia non scoppiar...** isto é: a maneira **soluçada** como ela exprime o seu desgosto, ante a flagrante prova da infidelidade do Duque. Mas, se a encenação de Listopad no Centro de Arte Moderna vale como exemplo da teatralização inteligente de elementos músico-teatrais, a recente nova produção do **Rigoletto** no S. Carlos limita-se a reeditar todos os vícios tradicionais da ópera italiana, tal como eles já remontavam à época de Garrett. Se o **hoquetus** de Gilda está lá, era preciso encená-lo (o moderno encenador de ópera, digno desse nome, tem de encenar a partitura) e pôr Elvira Ferreira a fazer algo mais do que limitar-se a olhar para o maestro para debitar a tempo as notas que lhe competiam. A tarimba italiana de que o S. Carlos continua prisioneiro não compreende que encenar não é criar aparato cénico, por muito surpreendente que seja a sua perfeição técnica, não é dar pinceladas de cor local, nem fazer piruetas de virtuosismo para demonstrar que também um palco mal apetrechado pode oferecer rápidas mudanças de cena. Há uma evidente contradição entre a perícia técnica posta em relevo neste espectáculo (assinado por Gino Becchi e com cenografia de Ferruccio Villagrossi) e a concepção vazia que ela serve. Um novo **Rigoletto** tinha que ser um **Rigoletto** novo, analisado a partir do zero, reconstruído nas linhas-mestras da sua dramaturgia, teatralizado de uma forma rigorosa e consequente. Não podemos continuar a aceitar um S. Carlos onde os cenários se limitam à função de encher o olho dos espectadores enquanto as vozes de tal ou tal cantor lhes enchem o ouvido. Isso continuará a ser um S. Carlos para empaturrar maníacos de ópera quando aquilo de que precisamos é de um S. Carlos que alimente gente ávida de cultura. Como a muita gente jovem que estava no **Frei Luís de Sousa** do Centro de Arte Moderna. Muita dessa gente jovem, que também vai ao S. Carlos, está a ser defraudada, aqui, nas suas legítimas expectativas de experienciar **teatro musical** a sério. O S. Carlos não pode permanecer eternamente agarrado ao modelo que herdou da época de Garrett. Esperemos que a vontade de reforma, por quem tem autoridade para a encetar, não seja sempre de novo contrariada pela inércia secular que se apoderou da instituição.

É pena que o talento de tantos intérpretes, a começar pelo barítono brasileiro Fernando Teixeira, seja assim malbaratado em espectáculos onde a ópera — que, afinal é teatro e até pode contribuir para reforçar a eficácia de teatro «declamado» como o **Frei Luís de Sousa** no CAM — continua a funcionar como antiteatro!

DL ARTES PLÁSTICAS CRÍTICA

A Representação da Leveza

Porfírio Alves Pires

De entre tudo desta exposição, apetece-me falar duma mancha de tinta negra. Ela é, iconograficamente, o cabelo solto duma mulher semi-deitada e comprimida contra um encosto. Nada a comprime assim, a não ser esse cabelo solto que lhe pesa e a empurra para trás, a imobiliza num peso insustentável e a faz parecer negando-se e oferecendo-se.

Tapando o resto da figuração, anulando a representação do corpo esta mancha ainda é a medusa que se agarra e que se cola, que se impacienta, que se estende e se impertiga. Tirem-se as dimensões a esta mancha, coloque-se enorme sobre uma superfície grande. Ela ainda é peso, mas flexibilidade.

A história desta mancha é (opinião pessoal) a beleza dum impulso que outros gestos vieram prejudicar sem, no entanto, lhe anularem o ímpeto, lhe sossegarem a sofreguidão.

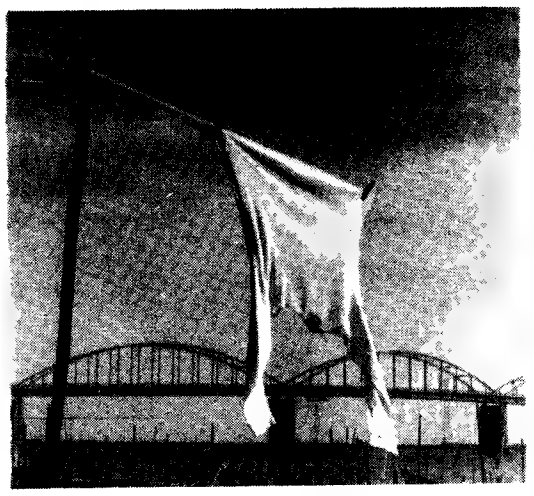
Nesta exposição, na Bertrand, a pintura de **Alice Jorge** conta quase sempre a mesma história: uma história de excesso quando se procura o expontâneo, que tem como limites sempre o imponderável. O gesto que flutua deve deixar a marca de um leve raspão, nem mais nem menos marcada; sempre tão leve como a fluidez do momento. E aí o expontâneo não tem limites nem campo: acontece para além de qualquer premeditação.

Quando **Alice Jorge** pinta com tons que são queimados estios, torrados, repassados por todos os calores, é só isso mais nada. Mas um excesso dá-lhe realidade e permite-lhe um rótulo: ESCOLA TAL.

Quando **Alice Jorge** desliza o lápis sobre o papel, marcando ritmos em desfazamento, permitindo ondulações e rigidez, o pulsar dum corpo está lá. A representação desse corpo é redundante.

Na difícil arte de representar a leveza, a arte de **Alice Jorge** tem feitura a mais e, no entanto, uma visão selectiva permite anotar momentos de alta qualidade nas suas obras.

TEMPO CULTURAL



Uma das fotografias integrada no tema «Tejo», patente no AR.CO.

Exposições

• De segunda a sexta, das 10 às 20 horas está patente nas instalações do AR.CO (R. de Santaigo, 18, em Lisboa) uma mostra colectiva de fotografias executadas por fotógrafos de duas das oficinas do sector de aprendizagem daquela escola. Estas mostras marcam um ponto alto no percurso normal da formação. Assim, estão expostos dois conjuntos de trabalhos sob os temas **«Tejo» «24 Horas de Lisboa — Apontamentos»**, que somando 320 fotografias representam um levantamento fotográfico colectivo, organizado, executado e montado pelos 22 elementos das Fases 1 do Curso de Fotografia do ano lectivo de 1985/86, que agora termina. Paralelamente e até ao dia 4 do próximo mês, serão projectados no salão, das 12.30 às 13.30 e das 17.30 às 18.30 horas, pequenos progrmas audiovisuais, com durações de 3 a 18 minutos, realizados no AR.CO ao longo dos 10 últimos anos de actividade.

• **«A Portugal com Amor»** é o título da exposição de pintura de **Joan Lemmo,** patente no Centro Cultural Americano (Av. das Forças Armadas, a Sete Rios) diariamente das 14 às 18 horas, excepto aos fins-de-semana e feriados. Joan Lemmo, artista, escritora, estilista e actriz de cinema, teatro e televisão tem já uma notável carreira artística. Estudou arte no **Pratt Institue** de Nova Iorque e no **Otis Art Institute** da Califórnia. Actuou em dezenas de importantes peças na Bradway e apareceu em programas de televisão na série «Bonanza» e no programa «The CBS Showcase», em filmes como «Karate Kid», «Rocky I», «Mad Bull», «Gable and Lombard» e «The Marigold Man».

• No Museu de Évora está patente ao público uma exposição da artista plástica **Cristina Maldonado.** A artista nasceu em Vieiros, no Alto Alentejo e estudou na Escola António Arrio e na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Em 1975 integrou o movimento de tapeçaria artística, fundando com mais dez artistas a «Cooperativa Portuguesa de Tapeçaria — ARA». Tem participado em diversas exposições colectivas e a partir de 1979 passou a realizar mostras individuais.

Teatro

• O Grupo «**Marionetas de Lisboa**» encontra-se esta noite, na Casa da Cultura das Caldas da Rainha, para efectuar duas representações do seu espectáculo «Romance da **Raposa**», de Aquilino Ribeiro: uma à tarde, integrada no «**Magistério 86**» e dedicada aos alunos, outra à noite, às 21.30 horas, para o público em geral. Estreado em Janeiro de 1986 na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, este espectáculo tem direcção e marionetas de Ildeberto Gama, cenário de Carlos Barros, e música de Fernando Gomes e José Neto.

Conferências

• Integrada na série «Terças-feiras da SLP», a dr.ª Dulce Matos realiza esta tarde, a partir das 18.30 horas, na Sociedade de Língua Portuguesa (R. de S. José, 41-2.º) uma conferência sobre o tema «**Literatura gaúcha contemporânea**». **A dr.ª Dulce Matos, embora professora efectiva do Instituto Superior de Línguas e Administração, tem marcado presença nos centros culturais e universitários do Rio Grande do Sul.**

Cinema

• «**Feliz Natal, mr. Lawrence**», do realizador Nagisa Oshima, é o filme projectado no City Cine, esta noite, na sessão das 23.45 horas.

x No Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra, o filme exibido hoje, pelas 21.30 horas, é «**O Factor Humano**», realizado por Otto Preminger.

DL CINEMAS

Uma cena do filme «Nova Iorque fora de Horas» do realizador Martin Scorsese. Grande Prémio da melhor realização/Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444.

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS
(maiores 12 anos)
13.30, 16.15, 18.45, 21.30 e 00.15 h

Alfa Club
T. 763319
O JUSTICEIRO DE NOVA YORK
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Apolo 70
OS SETE MAGNÍFICOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930
GANDHI
(maiores 12 anos)
14.45, 18.15 e 21.45 h

Avis
— T. 547163
A HISTÓRIA DE JOANA
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00 e 21.30 h
Contém cenas chocantes

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio
— T. 372358
OS SONHOS PROIBIDOS DE MONA Q
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
O CAÇA POLÍCIAS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
REGRESSO DA SELVA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
Não há sessões das 24 horas até ao final do México

Cine Camões
T. 324194
ACONTECEU NO OESTE
(não acons. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca
A TAVERNA DEFRONTE
21.30 h

Cine 222
— T. 579460
LAGOA AZUL
(não acons. menores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anushu
IMPACTO MORTAL
(maiores 12 anos)
16, 21.45

Estúdio Sheza
ENCERRADO PARA BENEFICIAÇÕES

City Cine
— T. 549999
ESPIÕES COMO NÓS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
FELIZ NATAL
(maiores 16 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
OS SETE MAGNÍFICOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134
1941 — ANO LOUCO EM HOLLYWOOD
(maiores 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
ENCONTRO COM O AMOR
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
OS GANSOS SELVAGENS CONTRA ATACAM
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
— T. 541037
MUNDIAL/86
Recordando Mundial 66
21.30 h

Gemini
— T. 734009
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
A ÚLTIMA REPORTAGEM
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00, 21.30, e 24 h

Império
— T. 555134
FIRE FOX
(interdito menores 13 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
A EXPERIÊNCIA DE FILADÉLFIA
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres
— T. 801313
A EXPERIÊNCIA EM FILADÉLFIA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. menores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362
ENCERRADO PARA FÉRIAS
Até 1 de Julho (inclusivé)

Odeon
— T. 326283
COELHINHAS NA CAMA
(int. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309
CUECAS HÚMIDAS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933
BANANA JOE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305
LOUCURAS AMERICANAS
(int. men. 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
O CASAMENTO DE MARIA BRAUN
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O RIO
(maiores 16 anos)
23.45 h

Sala 2
«PSICO»
(maiores 17 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A VIDA DE BRIAN
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O EXORCISTA I
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4
OS MARGINAIS
(maiores 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.30 h
ATALHOS
(maiores 16 anos)
23.30 h

N'Gola
— T. 573407
ENCERRADO PARA OBRAS

Restelo
T. 610375
ENCERRADO

Cinema Rex
— T. 864756
UM DIA INESQUECÍVEL
(não acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma
T. 889192
A FÚRIA DO HERÓI
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
ENIGMA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
VIVER E MORRER EM LOS ANGELES
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3
007 – OPERAÇÃO RELÂMPAGO
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715
O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
GENTE GIRA N.º 2
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
O FIO DA SUSPEITA
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
FLASHDANCE
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480
VAMPIROS EM FÚRIA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151
DESTINOS CRUZADOS
(filme indiano)
(maiores 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra
AMADORA — Cineteatro Lido — «Um americano em Berlim», às 21.30 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Cinestúdio – «África Minha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Comando», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos). «Jovens Sedutoras», às 24 horas (maiores 18 anos).
Babilónia, «Firefox», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (maiores 13 anos)
MEM MARTINS — Cineteatro Chaby — Descanso
Estúdio Dois Eme — «A Máscara», às 15.00, 18.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)
ESTÚDIO DOIS EME – «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 15.00, 18.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Linha de Cascais
Casino Estoril — «África Minha», às 18.15 e 21.15 (maiores 16 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «O Justiceiro de Nova York», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «A última reportagem», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «O Justiceiro de Nova York», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CASCAIS – Miramar/Sala 1 — «Três homens e um berço», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Experiência de Filadélfia», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CARCAVELOS – Atlântida Cine — «A Jóia do Nilo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Oxford — «África Minha», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (maiores 16 anos)

Arredores
ALMADA — Academia — «Vidas em jogo», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (não acons. men. 18 anos)
ALMADA — Incrível — «Noite de lua cheia», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
ALMADA — Cinestúdio Almada — «Terra sangrenta», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 6 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano – Sala 1 – «Juventude Inquieta», às 15.45 e 21.30 h (maiores de 12 anos)
Sala 2 – «Thor, O Conquistador», às 16 e 21.45 h (maiores 12 anos)
CRUZ DE PAU – Lord – «Os tarados do rio Louco», às 16.00, 18.30 e 21.00 h (maiores 12 anos)
BARREIRO – Cinestúdio Barreirense – «Punhos de Vingança», às 21.15 h (maiores 16 anos)
FORTE DA CASA – Focacine – Encerrado para férias
LINDA-A-VELHA – Cinetropical — «Chistine, o carro assassino», às 16.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)
MOSCAVIDE – Stop – Encerrado para férias
ODIVELAS – Cineodivel — «América violenta», às 16.00 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CINEOCEANO – «Três homens e um berço», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim — «A face do Poder», às 21.45 h (maiores 18 anos)

Farmácias

PERMANENTES

ALCANTARA: Probidade, Rua Alcântara 15 AB (Tel.638589); **AREEIRO-APEADEIRO: Nova Lisboa,** Rua Guilhermina Suggia 12 (Tel. 887721); **CHILE-ARCO CEGO: São Jorge,** Lg. Leão 3 AB (Tel. 534027); **ENC.RES-TELO-ESC.P.VICENTE: Belém,** Rua Tristão Vaz 10-A (Tel. 612248);**ESTRELA: Aurélio Rego,** Cç. da Estrela 139 (Tel. 661758); **GALINH. CHARNECA-LUMIAR: São Bartolomeu,** Vila Paulo Jorge 1 (Tel. 790969); **GRAÇA: Almeida Dias,** Lg. Graça 38-39 (Tel. 862209) **LG.CAMPO PEQUENO: Miranda,** Lg. Campo Pequeno 36 BC (Tel. 770776); **OLIVAIS VELHO: Olivais,** Rua Alves Gouveia 19 (Tel. 311237); **PALHAVÃ: Curie,** Av. Madame Curie 15 A (Tel. 723220); **RESTELO: Restelo,** Rua Duarte Pacheco Pereira 11-C (Tel. 610741); **SÃO JOSÉ-TIVOLI: Fernandes,** Rua S. José 187 (Tel. 326476); **COLINA DO SOL-BRANDOA-AMADORA: Vidal Reis,** Urb. Alfornelos-Célula G-Lote 35 (Tel. 996540); **PONTINHA: Cruz Correia,** Est. Santo Eloi 41 A (Tel. 942453); **Quinta do Mendes-Odivelas: Almeida,** Pct. A Rua Tomás da Anunciação 38 B.

REFORÇO

ALAMEDA-FONTE LUMINOSA: Ibéria, Rua Barão Sabrosa 235-235 A (Tel. 888277); **ALVAVADE: Alvalade,** Av. da Igreja 18 A (Tel. 892070); **AMOREIRAS-ESTAÇÃO CARRIS: Ivone,** Rua Silva Carvalho 232 C (Tel. 650760); **ANJOS-LISBOA GIN.CLUBE: São José** Rua Anjos 41 A (Tel. 570730); **BAIRRO ALTO: Veritas,** Rua Misericórdia 135 (Tel. 327564); **BEATO: Grijo,** Rua do Grilo 25 (Tel. 385264); **BENFICA-CHARQUINHO: Macedo,** Rua República da Bolívia 69 C (Tel. 713697); **CHELAS-JUNTO AV.DR.AUG.CASTRO-CARRIS: Sacramento,** Rua Actriz Palmira Bastos Lt. 42 (Tel. 850904); **ESTRELA-POSSIDÓNIO SILVA: Tagus,** Rua Possidónio da Silva 162 A (Tel. 669485); **SALDANHA: Cruz Nunes,** Pc. Duque Saldanha 14-15 (Tel. 521845); **SANTA APOLÓNIA-CAMINHOS FERRO: Pereira Suc.,** Rua Paraíso 98-Sta. Clara-Hosp. Marinha (Tel. 863224); **BURACA-AMADORA: Vaz Martins,** Rua António Ferro 6 A (Tel. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova,** Rua Açores 11 A (Tel. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos,** Tv. Prioras (Tel. 2519939).

LINHA DE SINTRA

AMADORA — Helénica — R. Elias Garcia, 372 (Tel. 4933613), até às 22 h; **Heleno** — R. 1, Lote C, Reboleira Sul, até às 22 h; **DAMAIA — Girassol** — R. Elias Garcia, 17-C (Tel. 974161), perm; **QUELUZ — Zeller** — R. República, 83 (Tel. 950045), até às 22 h; **CAMARATE — Nova da Charneca** — R. Cid. Lisboa, 9-A (Tel. 2571626), até às 19 h; **CACÉM — Araújo e Sá** — Est. Paço de Arcos, Lote 1-B (Tel. 9240781), perm; **MEM MARTINS — Química** — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 9210012), perm; **MERCÊS — Claro Russo** — R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275), até às 22 h; **RINCHOA — Araújo** — Calç. Rinchoa, 2 (Tel. 9260404), até às 22 h; **SINTRA — Misericórdia** — Pendoa, 17 (Tel. 9231070) perm; **COLARES — Abreja** — (Tel. 9290088).

OUTRAS FARMÁCIAS

MOSCAVIDE — Império — R. 1.º de Maio, 48-A (Tel. 2513234), até às 22 h; **SACAVÉM — Soares** — R. José L. Morais, 15-A (Tel. 2518025), perm; **LOURES — Saraiva** — Av. República, 86 (Tel. 9830027), perm.

OUTRA BANDA

ALMADA — Magalhães — R. Capitão Leitão, 8-B (Tel. 2750242), perm; **COVA DA PIEDADE — Louro** — R. Alexandre Herculano, 8-B (Tel. 2763517), perm; **MONTE DA CAPARICA — Guerreiro** — Lote 31 IJ —, Moinhos (Lelef. 2950727) Até ás 19h. Carlos — Av. Mar, 34-A (Tel. 2401060), até às 19 h; **FEIJÓ — Feijó** — R. Borges Rego, 7 (Tel. 2290911), até às 22 h; **SESIMBRA — Lopes** — R. Cândido Reis, 13 (Tel. 2233471), até às 19 h; **LAVRADIO — Parreira** — R. D. Silva Cristino, 15-A (Tel. 2043126), até às 19 h; **BARREIRO — Higiénica** — R. D. Manuel I, 178 (Tel. 2073017), perm; **BAIXA DA BANHEIRA — Teixeira** — B.º Moçambique, 84-B (Tel. 2040946), até às 19 h; **CORROIOS — Lino** — Alfarim-Sesimbra (Tel. 2232841), até às 19 h; **AMORA-CRUZ DE PAU — Duarte Ramos** — R. Bafatá, 11, loja 30, Centro Belsul (Tel. 2243143), até às 22 h; **SEIXAL — Godinho** — L. Igreja, 51 (Tel. 2213580), até às 22 h; **MONTIJO — S. Pedro** — Av. Camões, 16 (Tel. 2311133), até às 22 h; **MOITA — União Moitense** — Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025), até às 19 h; **ALHOS VEDROS — Portugal** — Av. Bela Rosa, 8 (Tel. 2040250), até às 19 h; **ALCOCHETE — Nunes** — L. Coronel Ramos Costa, 10 (Tel. 234137), até às 19 h; **SETÚBAL — Normal Sul** — P. Bocage, 137 (Tel. 22216), perm; **Saião** — Av. Portela,155 (Tel. 22709), perm; **Fuzeta** — Até às 22 h.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — Miramar — R. Ernesto Silva, 83 (Tel. 2112048), perm; **LINDA-A-VELHA — Pinto** — R. Antero Quental, 9 (Tel. 4190610), até às 22 h; **TIRES — Guimarães** — L. Duartes, Lote A, r/c (Tel. 2441616), até às 22 h; **ALCABIDECHE — Carvalho** — B.º Padre P. Correia, 4 (Tel. 2690363), até às 22 h; **PORTO SALVO — Ferreira Bastos** — R. D. Firmino Rebelo (Tel. 2421015), até às 22 h; **CARCAVELOS — Vilar** — Av. M.ª Conceição, Lote B (Tel. 2470777), perm; **S. DOMINGOS RANA — Godinho Silveira** — R. A. Albuquerque, Lote B, Lj. 2 (Tel. 2470361), até às 22 h; **MALVEIRA DA SERRA — Luz** — Est. Nacional (Tel. 2850635), até às 22 h; **PAÇO DE ARCOS — Godinho** — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039), perm; **OEIRAS — Central** — R. Conde Ferreira, 29 (Tel. 2430058), até às 22 h; **PAREDE — Mendes Junqueiro** — R. Luanda, Lote 5 (Tel. 2477838), perm; **MURTAL — Primavera** — R. das Parreiras, 2 (Tel. 2472278), até as 22 h;

TEATROS

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«A SONATA DOS ESPECTROS», de Strindberg. Pelo Teatro da Cornucópia
Encenação de Luís Miguel Cintra. Interpretação de Ruy Furtado, Diogo Dória, Francisco Çosta, Gilberto Gonçalves e Madalena Pinto Leite, entre outros.

Teatro do Século

5.ª, 6.ª e domingo às 18.30; sábados às 21.30

«VIAGEM PARA A FELICIDADE», de Franz Xaver Kroepv. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretado por Lucinda Loureiro.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 372246 Sala Garrett

De 3.ª a sáb. às 21.30; dom. às 16.00
«MAE CORAGEM E OS SEUS FILHOS», de Bertold Brecht. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Lemos. Encenação de João Lourenço. Interpretado por: Eunice Muñoz, Irene Cruz, Rui de Carvalho, Rogésio Paulo, Francisco Pestana, São José Lapa, Carlos Daniel, entre outros.

Rex

R. da Palma, 253 — Tel. 864756
2.ª a 6.feira às 21.45
Sábados e Domiongos às 21.45 e às 16.00

«A SEVERA» de Júlio Dantas. Interpretado por Cândida Vieira, Virgílio Castelo, Pedro Pinheiro, António Machado, Armindo Taveira, Rui Anjos, Ana de Sá, Reis Jorge, Rui Filipe, Henrique José e Edgar Sotto.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 (Tel. 686300)
De 3.ª a sáb., às 21.30. Sáb. dom. às 16.00

«CLAMITY JANE» uma mulher de armas ou o Monólogo da Vaqueira. Dramaturgia e encenação de Hélder Costa. Interpretada por Maria do Céu Guerra.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A Tel. 538586
(De terça a domingo, às 21.45; domingos, também às 16.00)
POUCO BARULHO!, de Michael Frayn. Enc.: Varela Silva. Int.: Henrique Santos, Isabel Mota, Jorge Nery, Manuela Maria, Morais e Castro, Natália de Sousa, Nicolau Breyner, Rosa do Canto e Vítor de Sousa.

Teatro Ibérico

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30 — Dom. às 17.00
«AVAREZA, LUXÚRIA E MORTE NA ARENA IBÉRICA», de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, entre outros.

Casa dos Tabuenses

R. Poiais de S. Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados e domingos, às 16.30

«A RUA DOS FANTASMAS», de Javier Villafañe. Pelo Maizum. Encenação de Adolfo Gulkvn. Intérpretes, Carlos P. Vasconcelos, Isabel Bezelga e Silvina Pereira.

Instituto Franco-portugues

Av. Luís Bivar, 91 (Telef. 544574)
De 3.ª a sáb., às 21.00. Sáb. e domg., às 16.30

«O HERDEIRO DA ALDEIA» de Marivaux, pelo Teatro da Rainha. Enc. de Fernando Mora Ramos. Interpretado por José Eduardo, Rosário Konzaga, Vítor Santos, Isabel Muñoz, entre outros.

Cooperativa da Caixa Economica Operária

R. Voz do Operário, 64-2.º — Tel. 87 56 10

5.ª, 6.ª e sábado, às 22.00

«O MEU CORPO TEM AS MESMAS IDEIAS QUE EU», de António Rodrigues. Encenação e interpretação pela Companhia do Teatro Amador da Caixa Económica Operária.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 16.00

«VOLPONE», de Ben Jonson. Pelo Novo Grupo. Direcção e encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Intérpretes: Adriano Luz, Alexandre Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular — Tel. 76 86 90
Teatro Estúdio de Lisboa
De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00
«CESARIO QUÊ?» Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Interpretes: Fernanda Montemor, Carlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigoso, Fernanda Coimbra, Jose Brás, Vitor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Pava

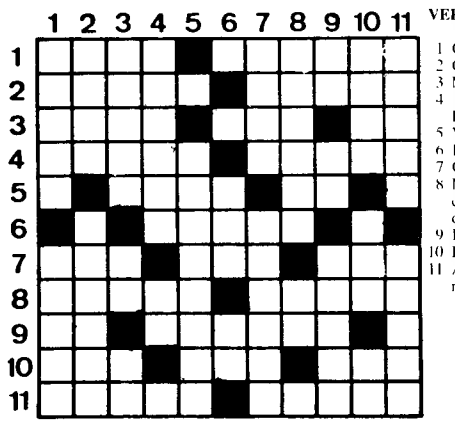
Teatro Oficina
R. S. Mamede (ao Caldas), 19
Sexta, sábado, doming. e seg., às 21.30
«COMANDO PARA A MORTE» de Alfonso Sastre, com prólogo de Fernando Dacost .. Encenação de João Barros.

Comuna

P. de Espanha —Tel. 726 08 18
De 3.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 17.00
«CALÍGULA», de Albert Camus. Encenação de João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 761



HORIZONTAIS:

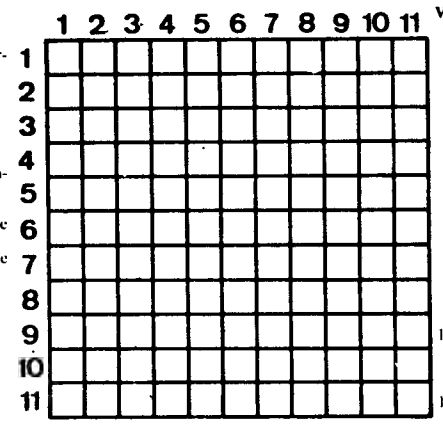
1 No lugar em que. Lastimam
2 Costumara. Inutiliza
3 Moeda de Dio. Título de uma das mais belas tragedias de Corneille. Ondas curtas (abrev.)
4 Leito de viagem. Gemera.
5 Freguesia do concelho de Barcelos. Nosso Senhor.
6 Rogava.
7 Vai para fora. Cidade da Alemanha. Recusa.
8 Paixão. Torna a atar.
9 Item. Minguas.
10 Oferecer. Camareira. Vai ao chão.
11 Restos mortais. Triturais.

VERTICAIS:

1 Cidade do Japão. Saliente.
2 Comentário. Retruques (pop)
3 Mete na cama. Idem. Reis
4 Tesouro público. Grande ribeira da Asia Russa
5 Vaguearias.
6 Ilha da Polinesia. Níquel (s.q.).
7 Cidade da Holanda. Humilham.
8 Nome de mulher. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontificios de interesse para Portugal.
9 Ruténio (s.q.). Carta de jogar. Aparece.
10 Impulso. Catalogo (abrev.). Nesse lugar.
11 Aborrecer. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 600



HORIZONTAIS:

1 Príncipe troiano, herói da Eneida, de Virgílio. Pedra de calcetar.
2 Indolente. Antes de Cristo.
3 Desviai. Rezara.
4 Rio da Polónia. Zomba.
5 Abreviadas.
6 Chefe etíope.
7 Interjeição que denota dúvida, impaciência, reticência. Terceiro. Igual.
8 Pasta comunal. Que tem calos.
9 Estado do N.E. da Venezuela. Sufixo que designa abundância.
10 Empregar. Freguesia do concelho de Arouca.
11 Penúria (pop.). Aves pernaltas.

VERTICAIS:

1 Cidade dos Países Baixos. Dedo grande do pé.
2 Embarcação grande. Um dos doze apóstolos, aquele que entregou Jesus em troca do dinheiro e enforcou-se levado pelo remorso.
3 Cidade da Palestina, ao sul do Tabor. Fortificas.
4 Tempo (pl.). Ilha do Pequeno Belt.
5 Primeiro signo do zodíaco.
6 Nota musical. Agricultor.
7 Preposição e artigo. Romance de Eça de Queirós
8 Malograis. Físico alemão que descobriu a decifração dos raios X pelos cristais.
9 Rio de Itália. Antiga unidade monetária da Alemanha.
10 Criminoso que foi apresentado aos judeus por Pôncio Pilatos para que escolhessem, entre ele e Jesus, o que deveria ser libertado por ocasião da Páscoa. Rádio (s.q.)
11 Escavais. Apelido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 760

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 A. CÉSAR. O	1 Avistar. QUE.
2 Val. Arei. Ce.	2 Ateu. Usa.
3 Ita. Brisas.	3 Clarinetes.
4 Ser. Oanes.	4 E. Monos.
5 Tui. Inanime	5 Sabóia It.
6 Ac	6 Arrancareis.
7 Riem. Açor.	7 Reina. Costa
8 Toiros. Fé.	8 Isentos. Al
8 Quentes. Cós.	9 Asi. Cl.
10 Usso. Itália.	10 Cs. Mu. Foia.
11 Ea. Sisal. Ar.	11 DE. Ge. CÉSAR.

Provérbio: A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 599

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Matadouro.	1 Matassa. Gui.
2 Averiguaras.	2 Aviso. Caas.
3 Timor. Sama.	3 Temi. Cortes.
4 Asilara. Ras.	4 Arolas. Ae.
5 Só. Ases.	5 Dirás. Antas.
6 Cs. Como.	6 Og. Redactor.
7 Aço. Âatá. Op.	7 Uu. Ás. Testa.
8 Arantes. Ti.	8 Rãs. Cãs. Um.
9 Catetos. Ion.	9 Orário. Iru.
10 Use. Artur.	10 Ama. Moto.
11 Sós. Amuas.	11 Asas. Opinas.

Rádio

ANTENA UM

16.00: «**A gaita dos sete foles**»; **17.00:** «Pequeno jornal»; **17.15** «**Musicomania**»; **19.00:** «**Informação e música**»; **20.00:** «**Música portuguesa**»; **20.15:** «**No estúdio e no estádio**», (Informação Desportiva — 2.ª Edição); **20.30:** «**A voz da solidariedade**», (Programa da embaixada de Cabo Verde); **21.00:** «**Movimento**»; **21.30:** «**Imaginário**»; **23.30:** Títulos do «Jornalda meia-noite», noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

16.00: Música do século XX, 3 pequenas liturgias da Presença Divina de Messiaen; **16.40:** Trechos de óperas por orquestras, — Danças dos escravos persas, da ópera «Khovântchina», de Mussorgsky; **17.00:** Integrais — as 32 sonatas de Beethoven para piano; **17.23:** Sinfonia n.º 1 em si bemol maior, Opus 38 «Primavera» de Schumann; **18.00:** Obras de Franz Liszt; **18.40:** Sinfonia n.º 3 em ré menor de Mahler.; **20.40:** Música orquestral, convite à Valsa op. 65 de Weber e poema sinfónico — Finlândia op. 26 de Sibelius; **21.00:** Música de câmara, Concerto n.º 2 em sol maior de Rameau,, sinfonia para instrumentos de sopro de Stravinsky, quinteto em sol maior op. 77 de Dvorak; **22.00:** Música portuguesa, missa «Tui sunt Coeli» de Frei Manuel Cardoso; **22.30:** Música sinfónica, sinfonia n.º 3 de Roussel; **23.00:** Festival de Salzburgo 1985, em gravações cedidas pela ORF, Radiodifusão Austríaca, Recital de piano por Rudolf Buchbinder, **01.00 Fecho. Noticiários de hora a hora.**

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283,290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **16.00:** A feira mágica; **19.15:** Musical; **20.00:** Conta corrente; **21.00:** Discos pedidos; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.30:** Tempo de desporto; **23.00:** Vigésima quarta hora; **02.00:** Guarda nocturno, Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; **17.00:** Rock em stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Em Órbita; **20.00:** Nova geração; **21.00:** Jazz; **22.00:** As mil e uma noites; **00.00:** Morrison Hotel; **02.00:** Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
ONDA MÉDIA

15.00: Ré maior; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Quiosque; **19.30:** Quando o telefone toca; **20.00:** Conversa de amigos; **21.00:** Encontro; **22.00:** Diário do desporto; **22.30:** Club dos coleccionadores; **23.30:** A vez e a voz; **23.55:** Meditando.

TELEVISÃO

RTP/1

18.00 — Sumário

18.07 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «O Jovem Ramsay» e «O Urso Teddy».

18.45 — País, País

19.15 — Jazz para todos

19.45 — Boletim Meteorológico para a Agricultura

19.50 — O Livro Grande de Petete

«O Aquecimento»

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo

(76.º episódio): Bia consegue trocar o envelope que continha o testamento de Alfredo, por outro. Depois tira uma fotocópia do testamento, que guarda.

Nadia queima o falso envelope pensando que está a queimar o verdadeiro.

Wanderley segue Nadia e fornece a Bia o endereço.

Bia chama Cláudio e pede-lhe que avalie a importância que o documento pode ter para Alfredo.

21.30 — Panorama

«O Sal»: a substituição do sal por ervas aromáticas na alimentação permite uma significante descida de tensão arterial.

Este resultado de uma experiência realizada por cientistas e técnicos de alimentação no concelho de Rio Maior.

22.20 — Estranhos Poderes por Arthur C. Clark.

(13.º e último episódio):

No último episódio da série, Arthur C. Clarke relata duas histórias inexplicáveis.

Arthur C. Clarke aproveita ainda este episódio para pronunciar um veredicto final sobre tudo o que fomos assistindo ao longo da série:

«Podemos provar que uma coisa acontece, mas nunca poderemos provar o contrário. Só Deus pode ter a certeza do que é falso».

Realização: Charles Flynn

22.50 — 24 Horas

23.20 — México/86

RTP 2

16.30 — Europa TV

Indicativo; o tempo

16.35 — Tempo dos Mais Pequeninos

A emissão de hoje é preenchida com os habituais Desenhos Animados.

16.50 — Count Down — Contagem Rock

17.30 — O Tempo

17.40 — Europa — México/86

18.15 — Série Juvenil

«Dick Turpin».

«As Ilhas Encantadas», com Amália Rodrigues

Arthur C. Clark apresenta esta noite o seu último programa

18.45 — O Mundo Amanhã

Eurorepórter; O Tempo

19.00 — A Ciência dos Nossos Dias

19.20 — Documentário

«Viagem pela Galiza».

20.00 — Notícias

20.05 — Vídeopolis

Programa musical com os «Roxy Music» que interpretarão «Angel Eyes», «More Than This» e «Jealous Guy». Apresentação de Álvaro Costa.

20.35 — Falar de Macau

«Museu Luís de Camões»

21.00 — Cinema Português em Retrospectiva

«As Ilhas Encantadas»:

A rúbrica «Cinema Português em Retrospectiva» desta noite apresenta o filme «As Ilhas Encantadas», cujo tema é o seguinte: «No século passado, Pierre, jovem marinheiro de um barco francês, encontra, numa ilha deserta do Atlântico, Hunila, jovem solitária e misteriosa, que vive sozinha desde o desaparecimento do marido e do irmão numa viagem de exploração.»

Única longa-metragem de Carlos Vilardebó, num ano de intensa actividade para o cinema português, 1964. É o ano de «Belarmino», «A Canção da Saudade», «Fado Corrido», «O Crime da Aldeia Velha»... Depois de anos de marasmo e regressão, o cinema português, certamente também influenciado pelo surto de frescura e juventude que os anos 60 começavam a provocar por toda a Europa, renascia. Sucediam-se projectos, iniciativas, abriam-se caminhos e hipóteses... O produtor Cunha Teles co-produz «O Triângulo Circular» dirigido por Pierre Kast, e convida Carlos Vilardebó, residente em Paris, a rodar «As Ilhas Encantadas». Autor de excelentes documentários e curtas-metragens, a série «A Aventura da Arte Moderna» que a RTP agora transmite é da sua autoria, Vilardebó, dispondo de um elenco luso-francês, encabeçado por Amália Rodrigues, consegue um filme sedutor e estranho, com fotografia admirável do consagrado Augusto Cabrita, que fica com a sua única incursão no domínio da longa-metragem.

Realizador: Carlos Vilardebó

Intérpretes: Amália Rodrigues, Pierre Clémenti, Pierre Vaneck, João Guedes, João de Sousa Costa

Duração: 98 minutos

Ano de estreia: 1964

Género: Dramático

Fotografia: cor

22.50 — Últimas Notícias

22.55 — Vereda Tropical

(32.º 33.º episódios)

AMANHÃ

RTP/1

11.00 — Sumário
11.07 — Memória dum Povo
11.30 — Espaço 11/13
12.30 — Vereda Tropical

(55.º episódio):

Da Paz acede a contar a Oliva tudo o que sabe sobre Vitor. Verónica fica possessa quando Dirce lhe telefona dizendo que Luca desistiu de ir vê-la, aconselhada por Marco. Muito excitado Alfredo conta a Bepe que vai trabalhar na Administração da empresa.

Quando Teo lhe diz que Verónica se vai atirar do alto de um prédio, Luca corre para tentar impedi-la.

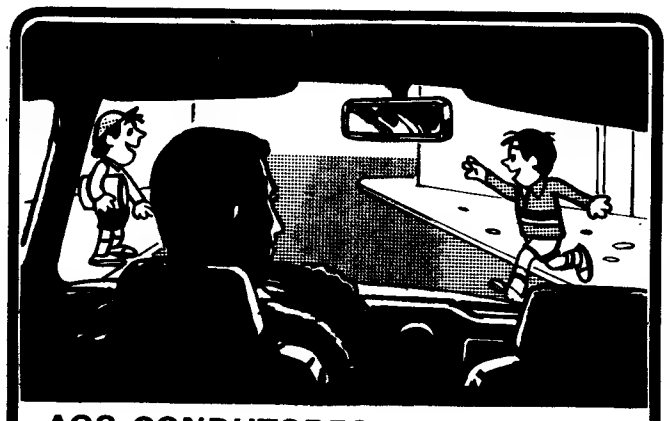
Pericles explica a Oliva que a foto que Da Paz lhe mostrou não prova que Silvana foi casada com Víctor.

Veronica consegue que Luca entre no seu carro e provoca um acidente.

13.15 — Jornal da Tarde
13.35 — Ciclo Preparatório TV
17.40 — Sumário
17.47 — Tempo dos Mais Novos
18.25 — País, País
18.55 — Campeonato do Mundo de Futebol
20.45 — México/86
21.00 — Telejornal
21.30 — Corpo a Corpo
22.20 — Telemundo
22.55 — Campeonato do Mundo de Futebol

RTP 2

16.30 — Europa TV
16.35 — Tempo dos Mais Pequeninos
16.50 — Count Down
17.30 — O Tempo
17.40 — Europa México/86
18.10 —Spectrum: as notícias em revista
18.50 — O Mundo Amanhã
19.00 — Documentário
20.00 — Notícias
20.05 — Conheça Melhor
20.30 — A Aventura da Arte Moderna
21.25 — Notícias
21.30 — Foi Êxito na TV
22.25 — Notícias
22.30 — Vereda Tropical



AOS CONDUTORES

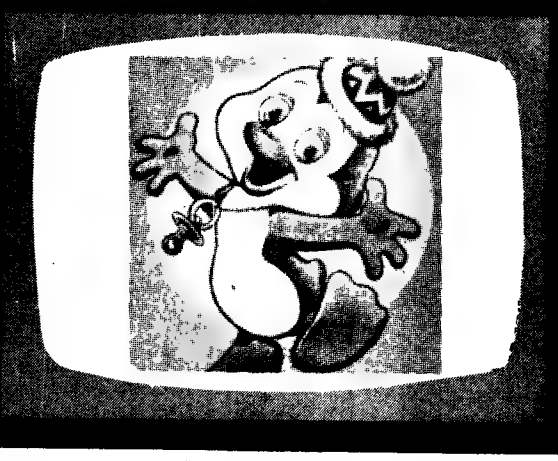
"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua distraidamente, para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1
21.30 — Panorama

RTP 2
21.00
— Cinema Português



GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef: 4197570

PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso
Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Piteira Santos
Propriedade, Composição e Impressão: NOVACRIA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 64 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 94 (6 linhas) — 32 02 71 / 2 / 3 Publicidade: 36 87 46
Serviço de noite (depois das 21): Portaria: 32 11 94 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico: DIÁRIO — Telex 12 393 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua de Xabregas, 1-A — 1900 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 01 84
Preço do "DL" na Madeira 0$50
DEPÓSITO LEGAL: 1429/82

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.38	3,9 m	10.07	0,9 m
16.55	4,2 m	22.45	0,8 m
Dia 25			
5.27	3,8 m	10.56	1,1 m
17.43	4,1 m	23.37	0,9 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

BRAGANÇA	8º
VIANA DO CASTELO	12º
VILA REAL	9º
PORTO	12º
COIMBRA	13º
CABO CARVOEIRO	14º
CASTELO BRANCO	—
PORTALEGRE	12º
LISBOA	15º
ÉVORA	13º
BEJA	12º
FARO	16º
SAGRES	14º
PONTA DELGADA	15º
FUNCHAL	17º

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco de noroeste.

No Telejornal, segundo a CGTP

Governo teve treze vezes o tempo dos trabalhadores

O Governo teve treze vezes e meia mais tempo que os trabalhadores no «Telejornal» das 20 horas durante o primeiro trimestre deste ano, segundo a CGTP/IN. Esta central sindical fala, obviamente, por si, baseando-se — diz — na conclusão de um estudo da organização a partir de dados da própria RTP.

Na óptica da CGTP/IN, é patente, na política de informação do «Telejornal» das 20 horas e da própria Televisão portuguesa, uma «profunda discriminação» a que o «principal órgão de informação estatizado vota as realidades sociais e laborais da vida nacional», segundo o comunicado da central sindical.

A Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses avança ainda números e diz que o governo teve ao seu dispor, no «tempo de antena» que o «Telejornal» das 20 horas lhe proporcionou entre 1 de Janeiro e 31 de Março deste ano, duas horas, 43 minutos e 36 segundos, ao passo que para a CGTP ficaram doze minutos e 25 segundos.

Aquela central sindical realça o facto de se tratar apenas o «Telejornal» das 20 horas, porque a média que a RTP concede ao Governo para «intoxicar» os portugueses é de 109 segundos por dia, enquanto à CGTP apenas dedicou oito segundos no primeiro trimestre deste ano.

A RTP não está assim, acusa a CGTP/IN, a cumprir a recomendação n.º 11/85 do Conselho de Comunicação Social («Diário da República» de 19 de Julho de 1985), que tem carácter vinculativo, mantendo e agravando, até, a «profunda discriminação» com que trata os representantes dos trabalhadores e o Governo.

A recomendação atrás referida obriga a RTP a uma «informação rigorosa e objectiva da realidade laboral e social e da actividade sindical que decorre no País, sem discriminações político-ideológicas».

Recorde-se, de resto, que já no final do ano findo o mesmo órgão da Assembleia da República insistia em que «deve a RTP produzir uma informação rigorosa e objectiva da realidade e actividades sindicais», numa outra (e segunda) recomendação.

Para a CGTP/IN, a ausência de cobertura da viagem dos vidreiros-ciclistas à OIT (amplamente noticiada pela Informação estrangeira), o «corte» de declarações de uma dirigente nacional da central sobre a CEE, no programa de Maria Elisa, a «informação» televisiva sobre a greve da Petroquímica (em que só falou da requisição civil) e outros «atropelos» são «exemplos desta escandalosa manipulação da 'informação' televisiva», acusa a Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses.

Quem o afirma é Mário Raposo

Só em 1987 teremos novo Código de Processo Penal

O novo Código de Processo Penal só entrará em vigor a partir de 1 de Janeiro de 1987, após ser aprovado na Assembleia da República, segundo anunciou ontem o Ministério da Justiça. Em comunicado, o departamento dirigido por Mário Raposo assinala que «para a sua plena entrada em vigor o Código de Processo Penal carece de um conjunto de meios institucionais e orgânicos, nomeadamente a nível de estrutura dos tribunais, dos Serviços do Ministério Público e da Polícia Judiciária».

«Tudo isto implica que o novo sistema processual penal não possa razoavelmente entrar em vigor antes de 1 de Janeiro do próximo ano, por não ser viável fazê-lo vigorar em 1 de Outubro de 1986 e ser desejável que o seu início de vigência se reporte a um período subsequente ao termo das férias judiciais», acrescenta o comunicado.

De referir que o novo Código de Processo Penal deverá ser discutido no Parlamento em Julho próximo, e, caso seja aprovado, o Governo tem 120 dias para fazer publicar o texto respectivo.

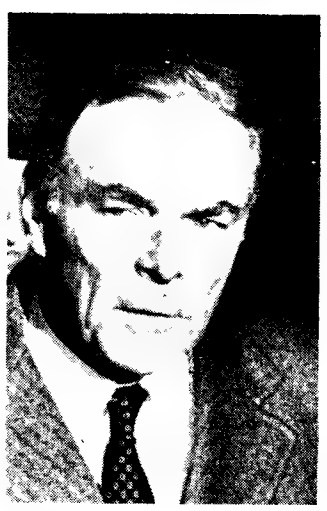
D/E/C/A/R/A/S/

MÁRIO SOARES preside hoje em Guimarães às comemorações oficiais da «Batalha de S. Mamede», que decorrerão no Palácio Nacional, Paço dos Duques de Bragança. Antes da cerimónia, o Presidente da República deporá uma coroa de flores na estátua de D. Afonso Henriques, assistindo depois a uma missa solene na Colegiada da Oliveira, presidida pelo arcebispo-primaz de Braga.

JORGE PALMA: a vida do cantor vai ser tema de uma média metragem intitulada «Onde Vais Tu Esta Noite?», que os produtores consideram uma «simbiose de documentário e ficção». O Gabinete de Artes Visuais, um dos produtores do filme, revelou, que a fita é dirigida por Américo Firmino e deverá estar acabada em Novembro, efectuando-se a antestria no Instituto Franco-Português.

MOTA AMARAL: mantém, a partir de hoje, em Washington, encontros com políticos norte-americanos destinados a resolver as dificuldades de colocação do queijo açoriano nas comunidades de emigrantes. A integração de Portugal na CEE levou à atribuição de quotas de exportação dos produtos portugueses para os Estados Unidos, o que teve como reflexo, nos Açores, a diminuição das exportações de queijo para as comunidades.

JORGE LUIS BORGES: «Abriu portas ao pensamento e à magia, onde não se pode chegar pelo simples uso das palavras», escreve o jornal norte-americano «The Washigton Post» sobre o escritor argentino recentemente falecido em Genebra. Lê-se noutro passo que Borges «influenciou muitos escritores, desde Italo Calvino a Gabriel Garcia Marquez» e que o facto de o Prémio Nobel da Literatura lhe não ter sido atribuído «não pareceu ter para o escritor qualquer importância».



JOÃO BERNARDO VIEIRA: chefe de Estado da Guiné-Bissau, enviou uma mensagem ao grão-duque do Luxemburgo, por ocasião da festa nacional daquele país, onde manifestou a sua convicção num continuado e cada vez maior estreitamento das relações de amizade que unem os dois povos.

ALEXANDRE HAIG: antigo secretário de Estado norte-americano, anunciou que «muito provavelmente se candidatará às eleições presidenciais de 1988. Haig considerou que a única forma de o Partido Republicano manter a presidência será «designando em 1988 um candidato com possibilidades de vencer».

Automobilista morreu esta manhã em Olivais

Um automobilista ainda não identificado pela PSP, até à hora do fecho do nosso jornal, morreu, cerca das 7 e 40 desta manhã, quando o veículo em que seguia sozinho se despistou na Avenida Cidade do Porto, nos Olivais, indo chocar num poste de electrificação e depois numa furgoneta.

Interpol alerta GNR contra "grupo palestiniano"

A possibilidade da presença de «um grupo de terroristas palestinianos» em território português mantém desde ontem, todas as unidades da GNR em «posição de alerta», segundo revelou esta manhã um porta-voz da Sala de Operações do Comando-Geral da força comandada pelo general Tomé Pinto.

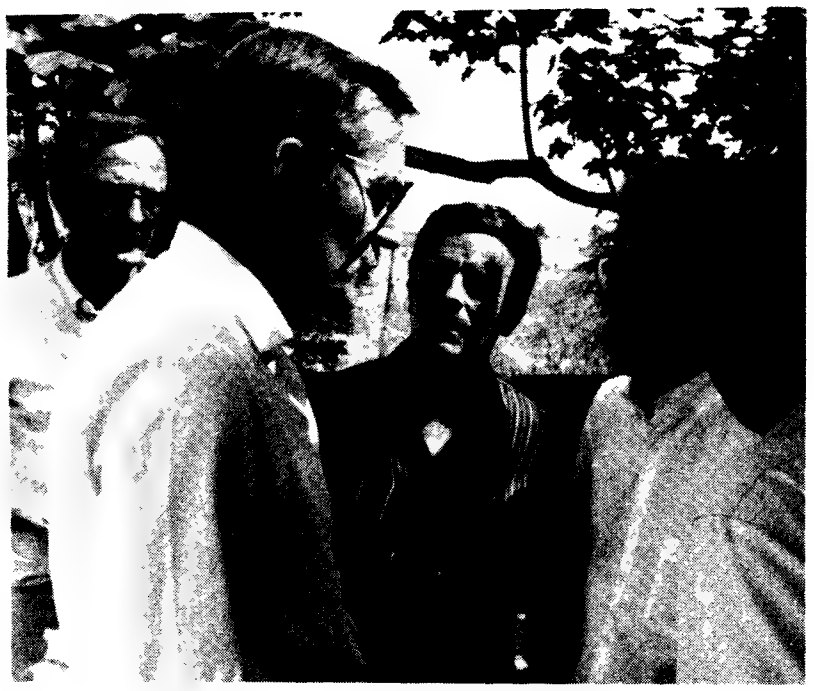
A mesma fonte referiu que a informação chegou à GNR através da Interpol, sendo no entanto provável que o alegado «grupo terrorista» não se encontre em Portugal, mas sim num país da Europa Central.

VISITE A URSS EM 1986
Com a colaboração de
АЭРОФЛОТ Soviet airlines
PARTIDAS DE JULHO
"ÁSIA CENTRAL E CAUCASO"
De 01 a 14 de Julho
"GRANDE CIRCUITO EUROPEU"
De 14 a 17 de Julho
"O BÁLTICO E A UCRANIA"
De 12 a 25 de Julho
"A UCRANIA"
De 18 a 28 de Julho
"AS CAPITAIS"
De 22 a 28 de Julho
Hotéis de 1ª Categoria
Descontos para mini-grupos
Informações e Inscrições no Departamento de Turismo da
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL URSS
Rua de S. Caetano/N. 30/1200 Lisboa
Tels. 60 11 99 - 60 10 99
MUNDIRAMA
MUNDIRAMA VIAGENS E TURISMO LDA
Operador Turist. alv.n. 12
R. Crucifixo, 33 1100 Lisboa
Estab. 1948 Telefs. 360302-328856

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

Sinais dos Tempos



Eanes conversando com jornalistas, na Quinta do Rosário

Eanes: silêncio até fim de Julho

A pretexto da celebração do primeiro aniversário do PRD, Herminio Martinho ofereceu no sábado 14, na sua Quinta do Rosário, um almoço a directores a responsáveis de redacção dos órgãos de Comunicação Social. Presentes igualmente o general Ramalho Eanes, José Carlos de Vasconcelos, Marques Júnior, António Feu, Carlos Lilaia e outros elementos do partido aniversariando. O convívio transformou-se numa ampla troca de impressões sobre o papel do PRD como «charneira» parlamentar e sobre as circunstâncias em que o governo minoritário de Cavaco Silva continua a sua acção. Durante informais trocas de impressões com jornalistas, o general Eanes não desmentiu a intenção de passar à liderança do partido após o fim do Verão. A eventual liderança do PRD por parte do antigo Presidente da República, bem como a vitória de Constâncio no interior do PS e o novo tipo de direcção política representado por Cavaco Silva no PSD deram, aliás, motivo a parte das conversas desenvolvidas: «no ar», a ideia de que esses três factos constituirão as grandes novidades políticas do ano, e uma outra: a de que o governo poderá, sem dificuldades de maior, manter-se até aos primeiros meses do próximo ano.

As consequências, para o PS, da vitória de Constâncio — «óptimo governador do Banco de Portugal», no entender de Eanes — estarão, para alguns dos presentes, ainda por apurar. Por exemplo, não é fácil, para o «herdeiro» de Soares, o controlo das diversas **esquerdas** existentes no seio do partido; conseguirá Constâncio sobrepor-se a todas elas, ou deverá «pendurar-se» na que lhe parecer hegemónica?

Entretanto, este fim-de-semana, José Carlos de Vasconcelos contrariava, num semanário, a ideia de que o PS e PSD voltarão a conseguir a bipolarização do País, sugerindo que só com o PRD um deles (o PS de Constâncio?) poderá, a médio prazo (mas porventura antes de próximas legislativas) alcançar uma maioria.

Deputado israelita encontra-se com Arafat

UM deputado árabe israelita, Mohamed Miari, revelou em Jerusalém ter-se encontrado, já em Junho, em Tunes com Yasser Arafat. Advogado em Haifa, Miari é um dos dois membros da Knesset eleitos em Julho de 1984 na «Lista Progressista para a Paz» (LPP), partido judeo-árabe favorável à autodeterminação do povo palestino. O outro deputado da LPP é o general na reserva Mati Peled.

Segundo Miari, as suas entrevistas com Arafat tiveram como tema essencial as actuais tentativas da Jordânia e de Israel com vista a isolar a OLP no terreno, e a curto-circuitá-la no mundo diplomático. Arafat terse-á declarado pronto para outros encontros com os israelitas para facilitar o relançamento do processo de paz. O chefe da OLP, precisou Miari, mostrou-se particularmente activo na preparação deste encontro de Tunes.

Miari já se tinha encontrado com Arafat há 18 meses e, como então, o anúncio da recente entrevista provocou as mais vivas reacções na Knesset. Diversos deputados da direita e do Partido Trabalhista pediram o levantamento da imunidade parlamentar do seu colega da LPP. Outros exigiram que ele seja julgado em tribunal. Miari não parece especialmente inquieto com essas ameaças: «Nada tenho a esconder – disse – e por isso mesmo decidi revelar eu próprio este encontro». O caso vai, no entanto, dar toda a actualidade a um projecto de lei «adormecido» desde há algum tempo, e que preconiza castigo severo para todo e qualquer israelita que estabeleça conscientemente qualquer contacto, no estrangeiro, com responsáveis da OLP.

Livro de Elena Bonner sai em Outubro

ANHES de regressar à URSS, Elena Bonner deixou, no Ocidente, o manuscrito de um livro que escreveu durante a sua estadia nos EUA. O livro conta a vida do casal no «exílio interno» de Gorki, revela pormenores sobre o seu isolamento, sobre a violação da sua vida privada e sobre a observação permanente a que estão sujeitos os Sakarov. A análise munuciosa dos filmes feitos a seu respeito é apenas um exemplo.

O livro, que está a ser traduzido, sejá publicado simultaneamente em Outubro próximo em vários países, conforme desejo de Elena Bonner: nas edições **Knopf,** nos EUA, **Piper,** na RFA, **Collins,** a Grã Bretanha, **Garzanti,** na Itália, **Du Seuil,** na França, e também, nos píses escandinavos. O manuscrito conclui com os seus últimos momentos no Ocidente: «Como imaginar que tudo isto acabe bem? Talvez pelo simples facto de Andrei e eu continuarmos juntos. E pelo facto de lá, para além das fronteiras que nos separam do mundo e de vós todos, cara família, nos restar a liberdade de sermos nós próprios».

Elena Bonner

Namibe: «sem comentários»

A África do Sul atacou no dia 5 de Junho o porto de Namibe (Moçâmedes na época portuguesa), no sudoeste de Angola, afirma-se de fonte oficial em Luanda. Em Pretória, um porta-voz militar limitou-se no mesmo dia a um lacónico «**sem comentários**», quando foi interrogado sobre estes acontecimentos.

Segundo os angolanos, um navio sul-africano equipado de mísseis Scorpion abriu fogo sobre três reservatórios de carburante: dois foram destruídos e o terceiro danificado. Ao mesmo tempo homens-rãs fizeram naufragar um barco da marinha mercante e causaram prejuízos noutros dois.

A agência angolana de imprensa Angop recorda, a propósito deste ataque, outros que visaram as instalações petrolíferas da Petrangol, em Luanda, em Novembro de 1981. Em Maio de 1985 um comando sul-africano foi interceptado junto das instalações petrolíferas de Malongo, na província de Cabinda. Dois oficiais sul-africanos foram então mortos e um terceiro, o capitão Winan Petrus du Toit, feito prisioneiro.

O ataque a Namibe parece ligado à ofensiva que as forças governamentias angolanas acabam de lançar, com o auxílio de tropas cubanas, contra a Unita, o movimento de guerrilha de Jonas Savimbi. Este reconhecera a perda da cidade de Cangumbe, situada na província oriental do Moxico.

De fonte militar sul-africana recusam-se a comentar as informações provenientes da Swazilandi sobre o assassínio por «assassinos profissionais» vindos do estrangeiro, de três membros do Congresso Nacional Africano (ANC). Os três homens foram mortos à bala an casa que ocupavam em Mbabane, capital da Swazilândia. Ligado a Pretória por um pacto de não agressão, o reino expulsou dezenas de militantes da ANC nos três últimos anos. É a primeira vez que membros da organização nacionalista são abatidos no seu território, poupado o mês passado pelas forças armadas sul-africanas, que interviram na Zambia, no Zimbabwe e no Botswana.

Mudança no topo do poder soviético

OS 1.500 deputados do Soviete Supremo da URSS reuniram-se já este mês na sua sesão ordinária de Verão tendo como principal ponto da ordem de trabalhos a adopção do XII plano quinquenal 1986-1990.

Diversas modificações na composição do **Presidium** foram anunciadas durante a sessão (o **Presidium** do Soviete Supremo é o organismo colectivo que assegura a função de Chefe de Estado, e é presidido por Gromiko). Vassili Kusnetzov, de 85 anos, que exercia desde 1977 as funções de primeiro vice-presidente deste organismo, reforma-se «por razões de saúde». No último congresso do partido, Kusnetzov perdera o seu posto de suplente do Politburo, mas fora reeleito membro do Comité Central, onde tem lugar desde 1952. É substituído nas funções de primeiro adjunto do Chefe de Estad por Petr Demitchev.

Químico de formação, com 68 anos, Petr Demitchev iniciou a sua carreira no tempo de Staline no aparelho da «agitprop» de Moscovo, e depois no Comité Central. Conheceu importantes promoções a partir do fim da década de 50, visto que foi sucessivamente primeiro-secretário da região, e depois da cidade de Moscovo (1960-1962) e secretário do Comité Central a partir de 1961. Em Novembro de 964, imediatamente após a queda de Krutchev, foi promovido, em acumulação, a membro suplente do Politburo. Reconduzido neste posto por todos os Congressos e de novo no último, em Março passado, tornou-se no mais antigo e incontestado membro deste organismo.

No entanto, a sua carreira estagnara desde há vinte anos. Em Novembro de 1974, deixava o secretariado do Partido para ocupar o posto de ministro da Cultura, onde se manteve até esta sessão do Soviete Supremo.

Kadhafi ausente do palco político

Uma delegação militar soviética de alto nível manteve, na semana passada, uma série de conversações de alto nível com os responsáveis da Defesa líbia, anunciou a agência Jana. A delegação — cuja composição não é revelada pela agência — encontrou-se, logo após a sua chegada ao país, com o chefe do Estado-Maior da Força Aérea Líbia.

O interesse que esta visita apresenta não é apenas de natureza militar. Os meios diplomáticos ocidentais interrogam-se sobre se a delegação soviética será, ou não, recebida pelo coronel Kadhafi. Desde o «raid» americano de 15 de Abril último, o «guia da revolução líbia» tem estado singularmente ausente da cena política. Estará doente? Ou retirado no deserto para uma dessas longas meditações solitárias que são, nele, habituais?

Estas especulações foram relançadas pela anulação da entrevista que o coronel Kadhafi devia conceder, no sábado 14, a uma delegação de quatro membros do Parlamento Europeu expressamente convidada por Tripoli para o efeito. Os deputados ficaram a saber, sem mais explicações, que «o coronel não recebe ninguém neste momento».

Os rumores tinham tomado corpo na semana anterior.

A Imprensa ocidental tinha sido convocada com uma pressa invulgar. O coronel deveria usar da palavra em Tripoli, na «Praça Verde», habitualmente reservada aos discursos das «grandes ocasiões». Tratar-se-ia do seu primeiro grande banho de multidão desde o «raid» americano. Ora, quarta-feira, 11 de Junho, o coronel não apareceu. Estupefactos, os diplomatas, jornalistas e cerca de dois mil manifestantes reunidos na «Praça Verde» contentaram-se com um discurso, sem dúvida gravado, difundido pela rádio e televisão nacionais. Segundo motivo de espanto para os jornalistas presentes: o coronel não mostra a sua **verve** habitual. O seu tom é triste, cansado, hesitante, e as suas frases são, por vezes, confusas. As imagens difundidas pela televisão revelam um homem fatigado, de rosto inchado, com pesadas olheiras, que lê penosamente o seu texto. Em suma, um espectáculo que ajuda a alimentar os rumores segundo os quais Kadhafi sofre de depressão desde o «raid» americano, encontrando-se sujeito a um tratamento que limita as suas actividades. A hipótese é retomada por «Newsweek», que se baseia num relatório da CIA. Há observadores que vão mais longe, assegurando que o «guia» terá sido afastado do poder pelos seus «companheiros históricos». Estes últimos desejariam que ele desempenhe doravante o papel de «figura da revolução».

Doença, retiro momentâneo, reorganização do poder em Tripoli?

Mundial 86
As palavras sobre

Evidentemente, o Campeonato do Mundo de Futebol é um espectáculo que toda a gente vê. Antigamente, quando o futebol era novinho (é curioso como visto à distância, parece velhinho), uns maduros iam ao campo da bola ver o jogo, e quando chegavam a casa, tinham que contar. Agora, como toda a gente viu, já não há nada para contar. Agora o futebol não se conta. Comenta-se.

É nesta tarefa de comentar o Mundial e o seu futebol que se têm produzido os mais variados discursos. Naturalmente secundarizados pela imagem que dá a «realidade», elaboram-se oblíquas estratégias discursivas que tentam sempre dar «o outro lado» ou «uma leitura diferente»: ou apenas uma «apreciação técnica», ou...O resultado é um espectacular falhanço, como se o futebol-jogo fosse uma realidade intangível e qualquer discurso estruturado patinasse fatalmente nas escorregadias margens de uma coisa tão simples como um jogo de bola. Que discursos são estes? Numa molhada de palavras, ao lado, vamos ver os mais caudalosos.

■■■

Um dos que tem mais sucesso é o discurso **nacionalista,** cuja afirmação básica é a seguinte «Estes rapazes que mandamos vão defender a honra da pátria». Com um considerável número de fontes, os costumes e as rivalidades, os sentimentos, é à História que se vai buscar a nata das referências. Quem não se lembra das saborosas calinadas que colocavam os «Infantes» a «vingar Alcácer Quibir» e os ingleses a agradecer a birra portuguesa com a justificação de serem velhos aliados?

A estratégia desta espécie de discurso visa fazer parecer o joguinho da bola uma batalha entre duas nações cheias de maus instintos. Só para aquecer, é claro. Ninguém escapa. É ver os dinamarqueses transformados, de repente, em Vikings de chuteiras, os Mexicanos em Zapatas de calções, os Italianos em Garibaldis de balneário. E podemos imaginar sem escândalos os jornais iraquianos incitando os seus bravos rapazes «Hoje contra a Bélgica, amanhã contra Khomeini».

E claro que tudo isto chegou ao seu ponto mais criativo quando a Inglaterra defrontou a Argentina. «A vingança das Malvinas» foi a mais pacífica forma de encarar este autêntico 2.º «round» da guerra do Atlântico Sul. Ninguém escapa a comparações, ora essa. Nem sequer os dignos parlamentares argentinos que quiseram boicotar o jogo. Como se vê, o futebol é um jogo que já entrou na história.

●●●

Depois há outro discurso. Sensível, atento, muito bem intencionado. O discurso socialmente **empenhado.** Produzido por pessoas politicamente conscientes, terceiro-mundistas, convictos, indispostos das multinacionais ou políticos indignados, baseia-se na revoltada constatação de que «é imoral este mundial milionário num país à beira da ruína e que nada tem a ganhar com ele a não ser alienação da sua realidade». Seguem-se tocantes descrições de estádios caríssimos no meio de bairros de lata cuidadosamente ocultados por «placards» turísticos, de crianças com fome, lado a lado, com ingleses, bêbados com cerveja de 1.ª, etc. Uma legítima lista de horrores.

É uma maneira piedosa de ver o Mundial. Bastante honesta, claro. Mas que, comcerteza, falha o alvo e cai ao lado. Falar de desperdício e imoralidade a propósito do Mundial de Futebol do México no meio do pântano de petróleo em que este país se afoga por dívida externa deve ser o mesmo que avaliar as consequências para a economia portuguesa de um jogo de vermelhinha nas Portas de Santo Antão. Mas enfim, cada qual saberá como lidar com os seus terramotos.

●●●

Depois temos aquelã engraçadíssima atitude das pessoas que estão agoniadas. Produzem um discurso que não é dominante mas que, em compensação, é muito respeitado. São sempre cidadãos acima de qualquer suspeita, que, em declarações a suplementos dominicais, dizem mais ou menos isto: «...não pode ser. Vivemos uma autêntica invasão da privacidade, não há escapatória. Veja bem, eu, como não gosto de futebol, sinto-me num «ghetto», se não falar de futebol com os meus amigos sinto-me anormal...» Tais pessoas, legitimamente indignadas, sentem-se imediatamente na obrigação de estabelecer publicamente um pedagógico programa de ataque ao Campeonato para que sirva de lição aos que pensam como eles. É ouvi-los: «Olhe, vou aproveitar para ler uns livros, fazer umas férias numa casa sem corrente elétrica e visitar uns familiares afastados de Trás-os-Montes»; ou a melhor de todas: «Vou aproveitar para analisar a neurose colectiva que me rodeia».

«Estes rapazes que mandamos vão defender a honra da pátria»

Não se discutirá aqui a legitimidade de semelhantes atitudes por parte destes «maquisards» do Mundial. Como também não será de bom tom perguntar se já foram assaltados muitas vezes pelo pesadelo conhecido por «the brother bigs watching you!».

●●●

Não menos divertidas são as posições de **compromisso.** O discurso do compromisso é, de todos, o mais engenhoso. Praticado preferencialmente por intelectuais preocupados com a cultura popular na sua vertente da festa, produz pérolas de grande calibre, do estilo...«Eu até nem gostava de futebol, mas agora que estou a acompanhar mais atentamente o fenómeno do Mundial, dou-me conta da riqueza lúdica e, porque não, plástica de um acontecimento como este. Talvez seja alienante, mas também pode ser congregador e gerador de civilização, não acha?», ou então aquela brilhante solução de compromisso: «Olhe, nós aqui no Teatro colocamos uns aparelhos para que as pessoas vejam o jogo e assistam à peça. Afinal temos que respeitar o desejo das pessoas. E, coisa engraçada, até espreitamos pelo rabo-do-olho, no intervalo da peça».

Elevado a fenómeno de cultura (não escrevem os poetas brasileiros lindíssimos poemas sobre o futebol? Não é Artur Jorge um poeta?) o futebol, ainda assim, joga-se.

●●●

Mas o mais divertido discurso que se faz sobre futebol, o mais mal produzido e, curiosamente, o mais ligado ao futebol, é o paleio dos **especialistas.** É uma coisa especial. Abundantemente gerado por utentes de tabernas e leitarias, não melhora nada quando chega à boca dos profissionais do comentário. É tudo do estilo: «Pois, mais uma vez aconteceu futebol, pois o futebol tem destas coisas, pois a bola é redonda tudo pode acontecer, e foi o que aconteceu». Sobre táctica dão lições: «a equipa carregou, carregou, somou muitas manobras ofensivas, carregou o piano, como se costuma dizer, mas contra 11 dentro da baliza contrária, é, de facto muito difícil. Além disso, é difícil jogar contra 12 e a estas horas muita gente se deve perguntar com quem almoçou o árbitro».

Está por fazer o estudo do que dizem estes «carregadores de pianos» da Comunicação Social. Mas que devia valer a pena, devia.

■■■

O futebol é dificilmente redutível a práticas discursivas, ideológicas, sociológicas, críticas, imbecis, etc. No enorme prazer de se ver parece esgotar-se, como se não fosse pano para muito mais.

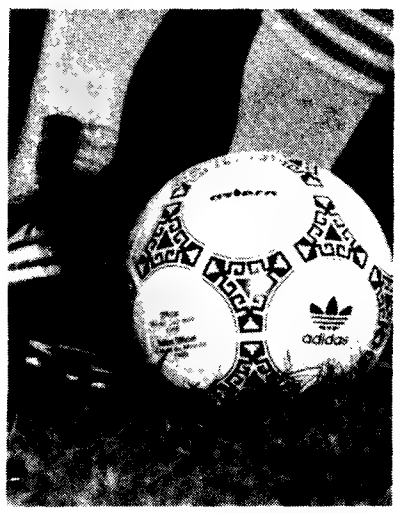
Mas o curioso é como perante este jogo de rapazes ao pontapé na bola, promovido a espectáculo universal, não há atitudes tranquilas, e muito menos lúdicas. E nunca seguras.

Como se, surpreendidas, as pessoas descobrissem que uma coisa tão afastada da vida de todos os dias as pudesse prender irresistivelmente e uma diversão, um circo artificial, fosse importante como um alimento. E como isso as assusta.

F. Manuel Margarido

(Entrevista que resulta em confissão espontânea, obtida pelo jornalista António Esperança, da secção de Desporto da Anop, junto de Adérito Gomes Ferreira, «tiffosi» lusitano de meia-idade — 44 anos —, que surpreendentemente se revela um notável memorizador).

México 86
O Mundial de que mais gostei



— ...?

(Fita-me entre interrogativo e sorridente, com os olhos azuis, receptivos, coloridos de inexplicável familiaridade)

— ... Então quer saber qual foi o Mundial de Futebol de que mais gostei?.... Isso é algum inquérito para os jornais, não?... Agora fazem inquéritos e sondagens a propósito de tudo e mais algumas coisa...

— ...

— Ah, mas eu respondo, eu respondo... Cá por mim tou sempre disposto a falar seja do que for. O campeonato do mundo de que mais gostei, hem?...

(Solta uma risadinha travessa, os olhos outra vez a dardejarem afecto)

— Sabe... tenho a impressão de que vou surpreendê-lo um bocado com a minha resposta. Aposto que você está à espera de que eu aponte o Mundial de 1966: os «Magriços», o Eusébio na máxima força, o 3-1 ao Brasil, o 5-3 à Coreia depois de estarmos a perder por 3-0... Já fez a mesma pergunta a outras pessoas?...

— ...

— A maioria delas respondeu o Mundial 66 na Inglaterra, não respondeu?...

— ...

— Vê como acertei?... É lógico, não é? Um terceiro lugar foi o nosso melhor de sempre e ainda por cima a Inglaterra viu-se à rasca para nos dar 2-1 nas meias-finais... E depois foi ela campeã...

(Instante de pausa)

— ... Mas não; não vão pra 1966 as minhas preferências. Pra mim, digam o que disserem, o mais giro de todos os mundiais de que me lembro foi o de 74 na Alemanha Federal...

— Sim, sim: eu sei que Portugal nem sequer participou. Fomos eliminados. A Irlanda do Norte e a Bulgária lixaram-nos e os búlgaros é que estiveram na Alemanha. Mas só conseguiram o décimo segundo lugar. Eu sei tudo isso. Até tenho recortes de jornais desse tempo... E uma mania minha. Corto as notícias que me interessam e colo-as em folhas de papel branco. De vez emquando releio-as e é como se voltasse atrás nos anos... Uma mania como outra qualquer... Mas não é bem por causa do futebol que gosto mais do Mundial de 74... É mais pela maneira como eu vivi cá em Lisboa, mês e meio depois do 25 de Abril, com a televisão a dar os principais jogos e a gente a ver em directo craques como o Jairzinho, o Beckenbauer, o Cruyff, o Mazzola...

(Nova pausa. E desta vez os olhos não se lhe retiram do tampo da mesa desta pequena pastelaria de bairro, onde nos encontramos. Retoma a palavra semos erguer para fitar os meus)

— Ah, para mim nunca houve um tempo como aquele... Sabe: sou empregado de balcão numa loja de ferragens, ali no Lumiar. Sportinguista de sempre, tá a ver? Sócio e dos antigos... Todo verde por dentro e por fora. Trabalho na mesma casa desde os meus 12 anos e já tenho 44. Mas fui completamente apanhado de surpresa pelo 25 de Abril... Não percebia nada de política e garanto-lhe que nunca ouvi a palavra 'fascismo' antes de 1974...

(Outra risada.)

— Mas depois foi cá uma fartura!... Eram fascistas e fascismo por tudo e por nada... E dos dirigentes políticos da oposição — eu nem sabia o que era a oposição — só tinha lido, num jornal qualquer coisa sobre o Mário Soares... Que desde já lhe digo, pra não haver confusões, foi um tipo com quem logo simpatizei, quando o vi na TV depois do 25 de Abril. E inscrevi-me no Partido Socialista ainda em 1974. A minha mulher também é do PS, mas os meus filhos — temos dois: um com 20 anos e outro com 18 —, ainda não percebi em que partido votam. Não ligam nenhuma à política e são ambos do Benfica, calcule!... Mas, enfim: cada um é como cada qual e eu cá sou democrata...

(Cala-se durante alguns instantes. Bebe um golo do café que já tinha diante de si quando o abordei.)

— ...Ah, mas foram tempos como nunca mais vão haver outros... Pelo menos pra mim... É que já tou a ficar geadas e um bocado farto de vender torneiras e alicates corta-arame...

(Faz uma ligeira pausa e desenha-se-lhe nos lábios um sorriso.)

— ...Um gajo nem sabia pra onde se virar... À hora dos jogos, era quase sempre uma sessão de esclarecimento, uma reunião sindical ou um comício e pra um doente da bola como eu, a escolha não era nada fácil... É que eu ia a todas, tá a ver?... Pra mim aquilo era uma festa. Às vezes ia nas manifestações de transistor no ouvido, pra saber os resultados... O primeiro jogo, ainda me lembro, foi o Brasil-Jugoslávia e a TV deu em directo. Foi às 5 da tarde e a gente levou uma televisão portátil lá pra loja. Íamos deitando uma olhadela, quando não havia fregueses. O resultado foi um empate 0-0 e o Brasil desiludiu que nem queira saber... Nessa altura eu lia «O Século», que depois acabou, e «A Capital». Quando comprava um não comprava o outro, de modo que tinha sempre um jornal da manhã ou um da tarde. Só custavam 25 tostões — agora este preço até me dá vontade de rir... —, mas não podia fazer muitas flores com o ordenado. Éramos quatro lá em casa e eu e a mulher ganhávamos, somado, menos de três contos e quinhentos... Tá-se mesmo a ver que também comprava «A Bola». E ainda compro, apesar dos 35 paus que hoje custa. Jornais diários é que só de vez em quando...

(Curto intervalo de silêncio. Os dedos da sua mão direita afloram a chavena e percorrem-lhe os contornos.)

— ...Até na «Bola» a gente percebia que os tempos eram outros... Apareciam caricaturas — não sei bem se àqueles bonecos se chama caricaturas... —, a lembrarem-nos que a Liberdade já existia em Portugal... Ainda me recordo que no dia do primeiro jogo do Mundial, os presos do Limoeiro começaram a manifestar-se. No telejornal da hora do almoço apareceram sentados nas janelas, com cartazes a pedir uma amnistia e a reforma do sistema prisional...

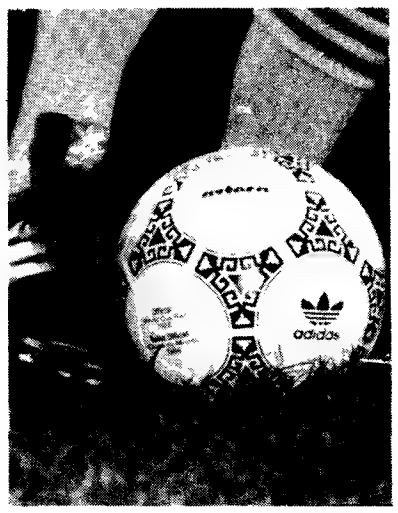
(Pausa pouco demorada.)

— ...Sabe: parece estúpido, mas é uma coisa de que nunca me esqueci. Foi uma imagem que ficou gravada cá dentro... Não sei bem porquê, mas ligo-a sempre à Liberdade e ao 25 de Abril: os presos sentados nas janelas do Limoeiro, uns a acenarem com os braços estendidos pelos buracos das grades, outros a olharem pra rua e a sorrirem... Ah, mas pode crer que naquele tempo os jornais tinham outro interesse. Eu, pelo menos, vejo a coisa assim... «O Século», no dia a seguir ao Brasil-Jugoslávia, trazia na primeira página uma fotografia do jogo, e logo ao lado dizia que o Mário Soares admitira na Argélia, onde estava a negociar com o PAIGC, a hipótese de um cessar-fogo na Guiné. Ora o meu irmão mais novo estava exactamente na Guiné e já fora ferido em combate por duas vezes...

(Limito-me a tirar breves apontamentos, enquanto o gravador, que parece não o inibir minimamente, tudo regista.)

Continua na pág. 4

O «furor» vitorioso da equipa da Bélgica



Um «tiffosi» português confessa-se...

Continuação da pág. 3

— ...E depois eram as reuniões constantes. Logo a seguir ao Brasil-Jugoslávia, em vez de ficar à porta da loja a comentar o jogo, quando fechámos, aí fui eu pra uma reunião na escola dos miúdos, onde havia professoras que tinham a mão leve e davam porrada nos putos por dá-cá-aquela-palha... E nesse mesmo dia à noite, veja bem, ainda dei uma saltada ao rinque do Futebol Benfica, para assistir a um comício do Partido Comunista. Nessa data ainda não tinha optado pelo PS. O recinto estava cheio e uma oradora — não me lembro do nome dela — disse que a ditdura fascista fora derrubada, mas que o poder económico continuava nas mãos dos grandes grupos monopolistas. Na altura ainda não sabia bem o que eram 'os grandes grupos monopolistas', mas aplaudi na mesma...

(É evidente que a narração já o arrasta. Sem o saber forneci-lhe o pretexto para um retorno sereno e tudo indica que o inquérito sem pretensões se vai transformar em qualquer outra coisa, porventura mais ambiciosa. Mas ele prossegue.)

—...Ah, mas volto a dizer-lhe que o Brasil foi uma banhada. Só o Jairzinho é que se safou. Teve até um golo nos pés, mas atirou ao lado... Mas no segundo jogo é que foi o diabo... Era o Alemanha Federal — Chile e a transmissão estava marcada prás sete e meia da tarde, a uma sexta-feira. Aí é que as coisas se complicaram cá pró rapaz... Você calcula lá a luta que travei comigo mesmo, pra não ficar em casa, diante do televisor?... Aquilo era o Beckenbauer e o Muller a puxarem-me para um lado e o comunicado do sindicato a empurrar-me pró outro, convidando-me a discutir «assuntos de interesse para a classe». Desse dia — e isto, sem dúvida, por causa do meu irmão — ainda me lembro da notícia de que as negociações na Argélia entre Portugal e o PAIGC tinham sido suspensas. O que não era nada bom pró fim da guerra... Pois olhe: foi com muita pena, mas escolhi o sindicato. E no dia seguinte li na «Bola» que a Alemanha tinha ganho ao Chile por 1-0, bastante à rasca... Antes do jogo até houve manifestações contra o Pinochet, dentro do estádio... Nesse número da «Bola» publicaram uma caricatura — eu recortei-a —, onde aparecia o Spínola a abraçar o Brejnev e, ao lado, o presidente do Sporting, o João Rocha, abraçava também o presidente do Benfica, o Borges Coutinho. É que os dois clubes tinham estado de relações cortadas uma porradaria de tempo...

(Nova pausa, esta sem dúvida para efeitos de memorização. Apesar de pouco intenso, o esforço é visível no brando crispar do rospo e nos olhos que, muito ligeiramente, se lhes semicerram.)

— O jogo a seguir foi o Uruguai-Holanda. Nesta altura os jornais começavam a falar de um movimento que defendia a independência dos Açores. Eu achei isso um exagero. Como é que os Açores podiam ser independentes, diga-me lá?... Mas o jogo foi a um sábado à tarde e como as lojas de ferragens já faziam semana inglesa, vi-o em casa, nas calmas... Ah, aí o Cruyff encheu-me as medidas. Que grande jogador! Qual Jairzinho, qual João... O Cruyff metia-os todos a um canto. E o Uruguai só levou dois secos, porque teve muita sorte. Os holandeses pouparam-se à brava... Dos jogos de que não havia transmissão em directo, a RTP dava resumos à uma e um quarto da tarde. Eu, tá-se mêmo a ver, não perdia nenhum. Ia sempre almoçar a casa e comia à frente da televisão...

(Intervalo para pedir uma segunda «bica». Peço outra para mim e ele continua de imediato.)

— A seguir foi o Brasil-Escócia. Em vésperas, se não estou em erro, do dia em que o Spínola e o Nixon se encontraram nos Açores. Nessa altura os Correios estavam em greve; uma greve que deu para aí um barulho que nem queira saber... Toda a gente falava nisso e eu, depois da transmissão do jogo, meti-me num autocarro e fui dar uma espreitadela à estação dos CTT do Terreiro do Paço. Havia lá um grande burburinho entre os que aderiam à greve e os que se opunham, por a considerarem antipopular. O PCP também começou por estes dias a alertar para as greves fomentadas por patrões. Dizia nos comunicados — eu tenho uma notícia recortada sobre isso — que os inimigos do 25 de Abril pretendiam criar «um clima de instabilidade, desunião e caos económico»... Mas quanto ao Brasil-Escócia, meu amigo, só lhe digo que o ataque dos nossos irmãos também fez greve de golos. Ganda barrete!... Mas no fim talvez a Escócia tivesse mais razões patra se sentir satisfeita com o 0-0...

(Solta uma ampla gargalhada, sem que nada o fizesse prever)

—... Já agora mais uma recordaçãozinha, que me deixa sempre bem disposto: o Movimento Nacional Pró-Divórcio revelou nesse mês de Junho de 74 que Portugal, segundo as estatísticas, era o quarto produtor mundial de filhos ilegítimos. Eu e a minha mulher fartámo-nos de rir com a notícia. Ela, no gozo, pedia-me pra jurar que nunca tinha aderido a essa batalha da produção...

—...?

— Não, a minha mulher não se opunha às minhas saídas políticas. Não vou dizer que ficasse satisfeita, quando eu chegava a casa à uma ou duas da matina... mas nunca discordou. E depois ela própria também começou a ir, de vez em quando, embora mais virada para reuniões sindicais, onde se discutisse melhorias de salários e assim, do que para comícios e coisas de partidos políticos. Ela era empregada de limpeza num liceu e em 74 ganhava 10 escudos à hora. Sem direito à reforma nem à Caixa. Calcule que havia colegas dela nesta situação há 40 anos.

(Pausa muito curta.)

— E por acaso, a primeira reunião em que a minha mulher participou foi exactamente nesta altura do mundial. É uma história muito gira... Todas as empregadas de limpeza das escolas secundárias de Lisboa reuniram-se um dia à tarde, no liceu Maria Amália Vaz de Carvalho. Ela disse-me logo que também queria ir. Era para exigirem a criação de um quadro de pessoal auxiliar de limpeza, com um ordenado mensal fixo, direito à reforma e ao décimo terceiro mês, assistência médica... tudo isso. Foi aí às 5 da tarde e ela só apareceu em casa às 10 da noite. E você nem queira saber: nunca mais se calava. Parecia que estava ligada à terra. Contou-me todas as intervenções, o barulho que se fazia na sala, a eleição da mesa, os protestos... sei lá! Eu olhava para ela, toda excitada, a dizer-me que lhe apetecera pedir a palavra mas que tinha tido medo de não ser capaz de se exprimir correctamente; a falar-me da atenção com que escutara a leitura final das propostas... E sobretudo a descrever-me a forma acanhada, mas muito séria, como votara pela primeira vez na vida, de braço no ar. Eu ouvia-a sem interromper. Deixei-a falar à vontade. A pensar cá por dentro que sentira a mesmíssima coisa um mês antes no meu sindicato.

(Outro silêncio. Espreito-lhe o rosto e leio nele uma serena satisfação)

— Ah, meu amigo, a Liberdade embebedou-me um bocado... Era uma bebida a que não estava habituado. Mas nesta história das empregadas de limpeza há um pormenor sensacional. A minha mulher é um bocado piegas e ainda hoje, quando conta isto a alguém, fica sempre de lágrima ao canto do olho. O que até se compreende...

(Uma pequena pausa, a aguçar-me a curiosidade.)

— Pois bem: calcule você que prás empregadas do liceu Maria Amália puderem participar na reunião, grupos de alunas ofereceram-se voluntariamente pra fazer o trablho delas e varreram e limparam o chão daquilo tudo, corredores, salas de aula... Olhe que isto não é galga, hem!... Palavra de honra qué pura verdade. Leia os jornais de Junho de 74. A minha mulher ainda conserva o «Seculo» desse dia como recordação... Depois disto diga-me lá: eram ou não eram outros tempos?... Parecia... Parecia que tudo tinha outro valor, percebe?... Eu não me sei explicar bem, mas... é mais ou menos isso o que sinto... Foi como se o 25 de Abril tivesse transformado as pessoas... obrigando-nos a dar o melhor que temos cá dentro. Não sei... As razões não as sei, porque não percebo nada dessas coisas, mas lá que o comportamento das pessoas era diferente do que é agora e do que era antes, isso garanto-lhe... Bem vejo o que se passa comigo e com os meus colegas de trabalho. Eu hoje não sou igual ao que fui antes do 25 de Abril, mas também sou diferente do que fui em 74 e 75... Muito diferente mesmo...

(Pausa prolongada. Tem os olhos baixos, fixos outra vez no tampo da mesa. E lá os mantém, quando retoma o discurso)

—...E se quer que lhe diga acho que pra pior...

(Pausa curta)

— Às vezes ponho-se a pensar e... não sei se estou certo, mas acho que hoje vivo mais pra mim e prá família... Naquele tempo pensava mais nos outros, como se eles fossem da família também... Tá a peceber?...

(Descubro alguma ansiedade na interrogação. Os olhos dele fitam agora os meus directamente, como se apenas neles pudesse comprovar a autenticidade da resposta que aguarda. Opta, porém, por precisar melhor.)

— Não é que não pensasse em mim e nos meus. Pelo contrário: pensava e até pensava muito. Melhorar a nossa situação era a minha preocupação constante. Mas naquele tempo eu não pensava na família à parte do resto... isoladamente. Ou então pensava muito menos do que hoje... O que era melhor pra todos, também era bom para nós, percebe?...

(Nova pausa, algo demorada)

—... Agora já não sou assim. Alinho muito no 'salve-se quem puder e o resto que se lixe'... Neste aspecto a minha mulher é menos individualista. Curioso, não é? Em 74 e 75 ela era menos militante; hoje vai mais a reuniões políticas e sindicais do que eu...

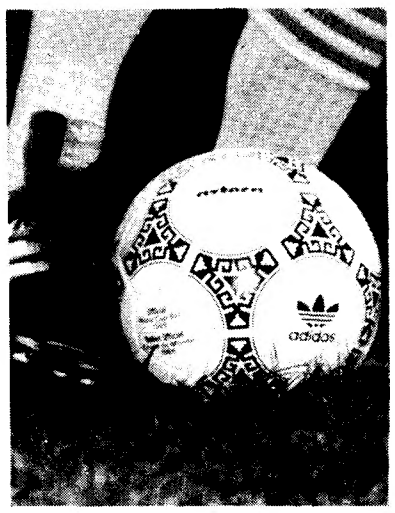
(Abandona a perspectiva sem aviso prévio.)

Bem: é preciso voltarmos ao Mundial, não acha?... Ora deixa cá ver, Adérito, Adérito...

(Franze a testa, num esforço de memória, um pouco teatral.)

— É isso... O quinto jogo transmitido pela TV foi o Argentina -Itália. Empataram 1-1, mas gostei mais do que dos anteriores. Houve mais futebol. O Yazalde, que era jogador do Sporting, alinhou pela Argentina e até fez umas coisas giras. A Itália esteve um bocado apagada, apesar do Rivera e do Riva, que mexiam na borracha como gente grande. Mas olhe que a Argentina merecia ganhar. Marcou primeiro e o golo da Itália foi um defesa argentino que meteu a bola na própria baliza... Eu não vi o jogo todo. Às oito e meia fui pró Pavilhão dos Desportos, assistir a uma reunião da Associação de Inquilinos. Nessa altura vivia numa parte de casa e o meu sonho era arrnajar uma casa em condições. Tinha lido na «Capital» que a reunião se ia efectuar e voltei mesmo as costas à televisão... Mas foi com algum sacrifício, porque estava a gostar do jogo...

Diego Maradona: conduzirá ele a Argentina à final?



...a propósito do «Mundial 86»

(A exactidão das suas recordações começa a preocupar-me. Automobilizo-me para a tarefa de confirmá-las, pelo menos na generalidade, através dos jornais da época que a Biblioteca Nacional tenha para consulta. Ele faz novo desvio.)

— Continuava-se a falar muito da greve dos Correios, que de facto não foi nada bem recebida pela malta. No Porto centenas de pessoas tentaram mesmo assaltar o edifício dos CTT. Acusavam os trabalhadores dos Correios de os impedirem de receber correspondência dos familiares e amigos que estavam na guerra, nas antigas colónias... Lembro-me que o PC e a Intersindical se manifestarem contra a greve, mas vários partidos da extrema-esquerda consideravam-na justa e diziam nos seus comunicados que o pessoal dos CTT recebia salários de miséria.

(Faz outra pausa e fita-me agora com alguma ansiedade.)

— Eu queria pedir-lhe uma coisa: não se importa que a nossa conversa continue amanhã?... Você não tem pressa, pois não? O Mundial é só em Junho e ainda faltam uma data de meses...

(Confesso-me surpreendido e ele evoca, de forma um tanto confusa, um compromisso inadiável com alguém das suas relações. Aceita que seja eu a pagar a despesa e assentamos na data e na hora de novo encontro. Através da montra ainda me acena, amigável, antes de o perder de vista.)

■■■

. . . . . .

(48 horas depois, no mesmo local.)

Você meteu-me cá nuns trabalhos...

(Sorri abertamente, enquanto passa uma das mãos pelo rosto.)

— ...Mas olhe que estou a gostar da conversa. A sério que estou. Recordar é viver, como diz o outro... Veja lá que nestas duas noites eu e a minha mulher — ela chama-se Matilde; já lhe tinha dito, não já?... — estivemos acordados até às tantas, a desbobinar o que vivemos naqueles meses e a lembrarmo-nos de coisas miudinhas, que julgávamos esquecidas... Quer ver uma gira?... A primeira vez que li a palavra «alienação» foi numa caricatura da «Bola» e tive de perguntar a três ou quatro pessoas conhecidas, até saber exactamente o que significava... Foi no dia do jogo entre as duas Alemanhas, que a RDA venceu por 1-0, contra todas as previsões. Surpresa geral. «A Bola» trazia um boneco onde se lia que os ex-futebolistas Chipenda, Diógenes, França e Eduardo Santos pertenciam aos movimentos de libertação das colónias. E uma das figuras aparecia a comentar: «E ainda dizem que o futebol é alienação...» Tá a ver: foi esta «alienação que me baralhou. Era areia de mais para a minha camioneta. Tive de pedir auxílio para digerir aquilo. Não percebia onde é que eles queriam chegar...

(Acende um cigarro e amachuca o maço, que ficou vazio, antes de o atirar para o chão.)

— De resto os jornais, pelo menos os que comprava habitualmente, mostravam bem que os tempos já não eram os mesmos. «A Capital», que antes do 25 de Abril eu comprava porque tinha sempre 4 ou 5 páginas de desporto e às vezes sete e oito, aparecia só com duas ou três, raramente mais do que isso. O espaço era pouco para a política. «A Bola» apresentava entrevistas e artigos de leitura difícil para mim. Olhe: estou a lembrar-me de uma série de artigos com o título «O Desporto Novo. Em Portugal», que eu não consegui ler até ao fim.

(Faz um gesto de saudação para um homem que entrou há instantes na pastelaria e agguarda de pé, junto ao balcão, a sua vez de ser atendido. E retoma a via do Mundial.)

— O jogo entre as duas Alemanhas foi a um sábado e no domingo logo a seguir a TV transmitiu o Itália-Polónia. Os polacos ganharam por 2-0. Uma vitória que não deixou dúvidas a ninguém. Desta vez fiquei em casa a ver o jogo, mas o curioso é que costumo lembrar-me melhor da crónica que o enviado especial da «Bola», o Vítor Santos, publicou na segunda-feira, do que daquilo que vi na televisão. A crónica — eu recortei-a e confesso que ontem lhe dei uma vista de olhos — intitulava-se «É só saúde o futebol polaco». O jornalista faziam grandes elogios è exibição da Polónia e descrevia os seus jogadores — e isto impressionou-me à brava — como «homens e proletários, despidos dos vedetismos dos grandes craques ocidentais, mas que nada ficam a dever a estes»...

(Uma pequena pausa, a funcionar como separador.)

— ...Depois foi o Brasil-RDA e este jogo também o vi todo. Aqui os nossos irmãos já fizeram umas coisas... Os alemães orientais ficaram muito longe da exibição contra a outra Alemanha. O Brasil ganhou por 1-0 e foi o Rivelino a marcar o golo, de livre directo, com um bruto petardo. Na segunda parte os brasileiros até jogaram bem...

(Percute ao de leve o tampo da mesa com os dedos da mão direita e chama o empregado para lhe pedir um novo maço de tabaco. E é outra vez o regresso aos dias diferentes.)

— Mas por aí tudo se agitava... Eram saneamentos nas universidades e nos liceus; eram os moradores dos bairros da lata a ocuparem casas vazias — de... devolutas, não é como se diz?... Outra palavra que aprendi com o 25 de Abril—; eram os operários nas fábricas a elegerem comissões de trabalhadores e a exigirem aumentos salariais; eram os trabalhadores das grandes empresas, como a Companhia das Águas, a pdeirem a nacionalização...

(Ligeira pausa)

Ele era a luta pelo direito de voto aos 18 anos... Eu sei lá... ÓH meu amigo: só lhe digo é que tudo mexia neste país... Num sentido ou noutro, toda a gente estava em movimento...

Platini em acção: chamam-lhe o «Midas» da selecção francesa

(Pequeno silêncio)

— ...Sim: num sentido ou noutro... Percebe o que eu quero dizer com este 'num sentido ou noutro'?...

(Pausa mais prolongada, durante a qual os seus olhos revelam que precisa da minha resposta. E mesmo que a agurarda com alguma expectativa. Dou-lha).

—...No mesmo dia do Brasil-RDA, satisfiz outra grande curiosidade: fui ao Instituto Superior Técnico assistir a um encontro organizado pela Associação de Amizade Portugal-URSS. Até ao 25 de Abril a Rússia era outro planeta. E você sabe como é:o fruto proibido é sempre o mais apetecido. Nesse encontro ouvi falar russo pela primeira vez na vida e até fiquei bastante bem impressionado com as descrições que lá se fizeram sobre a vida na URSS. Mais tarde, no PS, é que me abriram os olhos e eu percebi que aquilo pode ser tudo muito bom, mas não há Liberdade...

(Um súbito siléncio, algo demorado)

—... Mas também acho que a Liberdade tem de ser acompanhada de outras coisas...Empregos para todos, rendas de casa baratas, médicos de borla...Disto é que não vejo nada cá em Portugal... Mas nesse período do Mundial eu ainda me sentia inclinado pró PC e um dia à noite fui a um comício no Campo Pequeno, que me encheu as medidas... A praça estava à cunha, desde as galerias, lá em cima, até à arena. Não cabia mais ninguém: era malta por todos os lados. E ainda por cima chovia que se fartava. O vermelho das bandeiras e dos panos, com o negro dos guarda-chuvas, aos milhares, todos a escorrerem água, fazia um efeito que nem queira saber... Era mesmo bonito. Eu estava na bancada e tinha uma visão bestial daquilo tudo... O Cunhal fez um grande discurso e fartou-se de repetir que a unidade dos trabalhadores, uns com os outros e com o MFA, era fundamental. Que sem essa unidade abriam-se outra vez as portas à reacção e ao fascismo... Foi em grande. Melhor, cá p'ra mim, só o comício da Alameda, em 75, com o Mário Soares a estrilhar contra o Vasco Gonçalves e toda aquela gente a assobiar e a gritar «Rua!, Rua!»..... Tapavam por completo a relva e os passeios até à entrada do Instituto Superior Técnico...

(Observo-o amargamente. Sem que ele se aperceba da intensidade da observação. A frieza, porém, essa não a obtenho. Por mais que o tente. Comovo-me por ambos. Através dele também eu recuo até às fronteiras — dolorosas fronteiras — do meu país real).

—... Quer saber outro pormenor curioso? Até ao 25 de Abril eu praticamente só tinha lido dois ou três romances bons. A maior parte das vezes entretinha-me com cóboiadas. Mas uma vez veio-me parar às mãos 'A Selva', do Ferreira de Castro, e gramei muito. Mas não sabia quem era o escritor. Pois num destes dias do Mundial de 74 li na «Capital» que o homem tinha morrido num hospital do Porto. Era um escritor importante — você deve sabê-lo melhor do que eu — e os jornais e a televisão falaram muito dele. As imagens do funeral, as entrevistas e tudo isso motivaram-me um bocado e eu não descansei até conseguir comprar em segunda mão os livros dele. Li-os todos, o que me valeu algumas piadas dos colegas, que começaram a chamar-me intelectual...

(Acende um cigarro. Antes demora-se alguns momentos, no ritual da abertura do novo maço).

— ...Se não se importa vou falar outra vez do Mundial. A Televisão deu em directo o Brasil-Argentina e esse jogo também o vi todo. Já lhe digo que não foi grande coisa. O Brasil ganhou por 2-1, mas nos três golos houve culpas dos guarda-redes. Foram quase frangos...Os brasileiros fizeram 1-0, depois a Argentina empatou e o golo da vitória foi marcado pelo Jairzinho, com o guarda-redes argentino a deixar cruzar a bola, mesmo à sua frente O Brasil parecia enferrujado... Não tinha nada a ver com aquela máquina mais antiga, em que o Garrincha, o Pelé e o Didi entortavam os olhos aos defesas e marcavam cada golão...

(Pequena pausa)

— E as falhas da selecção brasileira ainda ficaram mais à vista no jogo das meias-finais, contra a Holanda. Aí é que não foi possível esconder nada. Aquilo faltava ali tudo; sem pernas, sem garra... uma autêntica miséria. Os holandeses quase deram baile. O Cruyff marcou um golaço, o segundo, e deu cá um show... Os brasileiros estavam completamente desorientados e começaram a dar porrada. Foi uma vergonha... Lá no Brasil a malta tentou atacar a casa do treinador, o Zagalo, e até lhe fizeram funerais a fingir em alguns bairros do Rio de Janeiro.

(Reparo no cigarro que se consome sozinho na margem do cinzeiro, esquecido no empenhamento do relato. E eis outra vez a Lisboa militante, de Junho e Julho de 74).

— Nesse mês do Mundial participei também numa manifestação de familiares de soldados que estavam em África. Toda a gente queria o fim da guerra colonial. Eu fiz a tropa em 61 e escapei por um triz de ir para Angola. Mas em 74, como já lhe disse, tinha um

Continua na pág. 7

A Amnistia Internacional e os seus dissidentes

«DESTA vez está decidido: deixamos a Amnes Ty Internacional.» «Eu já nem tenho a possibilidade de fazer isso: fui excluído.» Palavras que contrastam com o concerto de elogios e homenagens suscitados pelo vigésimo quinto aniversário da organização, mas que ilustram o mal-estar de um certo número de militantes perante aquilo que consideram a outra face do planeta Amnesty.

Estes desiludidos ou excluídos reconhecem espontaneamente que um tal comportamento é muito minoritário. Se lhes aconteceu obter um certo apoio eleitoral por altura de recentes escrutínios internos, não calculam em mais de algumas centenas os membros franceses da organização que estão dispostos a segui-los (e, no secretariado falava-se só de algumas dezenas). *«Num efectivo mundial de uns 250 000 membros,* sorri um dos dissidentes, *não há, em princípio, razões para fazer tremer o secretariado internacional. Mas porque é que tantos filiados abandonam todos os anos, em silêncio, a organização?»*

Não se trata, de facto, de uma dissidência homogénea e disposta a fundar um movimento diferente, e até concorrente, mas antes de duas atitudes distintas e que se mantêm bastante individuais. A primeira é a de Jean-François Lambert e de Teddy Follenfant. O primeiro foi presidente da secção francesa da Amnesty antes de pedir a demissão, em Setembro de 1982, mantendo-se, em todo o caso, no seio da organização. O segundo foi excluído dela depois de ter posto em causa numa entrevista concedida ao Quotidien de Paris, a responsabilidade da Amnesty Internacional no caso dos dois opositores iraquianos em Bagdad. Para ele a revelação precipitada dessa atitude francesa provocou, pelo menos indirectamente, o presumível assassínio de Michel Seurat. Tanto mais que, pelo menos um dos iraquianos foi dado como executado em seguida. Hipótese que se considera inverosímil no secretariado, embora se reconheça que o caso perturbou mais de um militante ou simpatizante.

Lambert e Follenfant sentem-se, de resto, próximos de uma concepção «liberal» dos direitos do homem. Eles encaram, por exemplo, com certa simpatia a criação de um secretariado de Estado encarregado destes problemas, e o perfil, político e pessoal do seu titular, Claude Malhuret.

Será necessário dizer que, pelo contrário, na segunda «dissidência» da Amnesty Internacional, há uma crítica «de esquerda» da organização? *«É possível»*, responde o seu principal animador, Jean-Yves Prengel que em tempos militou nos trotskistas e que não esconde pertencer hoje ao lado socialista. *«No governo actual seríamos mais sensíveis, se for necessário encontrar uma referência ministerial, mesmo* a contrário, *à presença de Pasqua do que à de Malhuret, no entanto discreta. Mas faríamos certamente mal se reduzíssemos o problema posto pela nossa decepção de militantes da Amnesty, a um simples sobrelanço, uma mais à direita, outra mais à esquerda.»*

«Falar com uma parede»

Prengel tentou, durante mais de um ano, organizar dentro do movimento uma corrente chamada luz, na esperança de obter um certo número de melhorias no seu funcionamento e uma tomada de consciência daquilo que considera as carências graves do sistema. *«Mas estamos fartos de falar com uma parede. Vamo-nos embora.»*

As queixas formuladas pelos desiludidos da Amnesty são de vária ordem, para além do caso dos dois iraquianos, que lhes parece ilustrar uma real compreensão dos mecanismos do terrorismo e dos problemas específicos do mundo islâmico.

A primeira censura, sem dúvida mais viva à direita do que à esquerda, mas que nunca está ausente, diz respeito a essa preocupação de equilíbrio na crítica, para não dizer de simetria, que a organização parece professar. *«Ter o ar de pôr no mesmo plano a sorte dos objectores de consciência suíços e o genocídio no Cambodja, ou a existência do goulag e dos regimes nos quais o horror e a repressão feroz são consubstanciais, não é sério nem útil aos direitos do homem , muito pelo contrário,* explica Follenfant. *Dá-se crédito à ideia de que, no fundo, já que ninguém é perfeito, tudo é importante e a liberdade não é deste mundo. Ainda sou indulgente falando do Cambodja: durante vários anos não quisemos falar verdadeiramente dele na Amnesty, porque os únicos testemunhos importantes de que então dispunhamos vinham de gente da oposição que tinha fugido do país!»* Prengel é mais discreto: *«Em todo o caso é bom que também se fale dos atentados às liberdades, mesmo menores, nas democracias. É uma homengem que temos que lhes prestar.»*

Mas as duas tendências encontram-se para achar que a acção concreta da Amnesty é, de qualquer modo, muito menos eficaz do que se julga, em todo o caso sem comparação com os meios utilizados, inclusive financeiros. *«Mesmo esse famoso relatório anual de que se diz tanto bem, quem é que, na realidade, o lê? Que ditadura é que ele já impediu de cometer as suas perversidades, desde que sejam discretas?*

Segundo estes contestatários, essa paralizia explicar-se-ia não só pela preocupação de manter um equilíbrio enganador, mas também pelo centralismo da organização (o aparelho do secretariado internacional absorve um terço do orçamento) e pela recusa de criar uma verdadeira democracia interna. O que se contesta ao secretariado francês mostrando que o sistema de designação dos responsáveis é de natureza electiva.

Censura-se assim à associação só produzir, na verdade, instrumentos para o seu próprio funcionamento, para a sua própria continuação, mesmo que esse conforto mental seja acompanhado por uma linguagem de esfolados vivos sobre os direitos do homem: *«Algumas pessoas dizem que há na Amnesty toupeiras que bloqueiam a verdadeira acção. Não é necessário. Por meu lado vi principalmente marmotas...»*

Os dissidentes de Lumière, tal como Lambert e Follenfant e os seus amigos, asseguram lamentar, e não apreciar, o carácter inevitavelmente iconoclasta da sua *démarche*, num universo intelectual onde há muita simpatia pela acção da Amnesty: *«A organização incarna o bem, a virtude, a defesa da liberdade, e, para muitas pessoas sinceras, combatê-la é combater esses valores fundamentais.»* Irão tentar fundar, em conjunto, outro movimento? *«De modo algum. Isso seria cair numa paralisante procura de unanimidade fictícia».* Mas não põe de parte a ideia de tentar algumas operações em conjunto. À espera de obter resultados concretos, senão...

Bernard Brigouleix

Acordo e desacordo ortográfico

Regresso ao futuro?

«Anna foi fechar a porta, ageitou a roupa do berço em volta da creança, chegou um pouco à janella, os olhos marejanos de lagrimas, acordada do seu desprendimento por aquella exploração que lhe arrancava aos poucos o dinheiro dos remedios — esse pouco dinheiro que Manoel lhe mandava talvez com sacrificio.»

Carlos Malheiro-Dias, **Filho das Hervas,** Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso e Irmão, 1900.

INESPERADAMENTE polémico, o acordo ortográfico estabelecido no Rio de Janeiro entre alguns dos principais linguistas dos países de língua portuguesa está a dividir muitos daqueles que no nosso país se preocupam com a defesa da língua.

A oposição ao acordo, liderada por intelectuais dos mais diversos sectores, tem encontrado eco entre uma parte significativa da população não totalmente refeita do trauma da descolonização e que vislumbra no texto aprovado uma abdicação dos direitos de Portugal sobre a sua própria língua e uma cedência escandalosa às pretensões hegemónicas dos brasileiros que acusam de pretender uniformizar a ortografia (e indirectamente a língua) portuguesa à sua maneira. Esta preocupação brasileira pela uniformidade (depois da ruptura linguística unilateral de 1943 e da não ratificação do acordo ortográfico de 1945) dever-se-ia, segundo alguns, à constatação que, para penetrar culturalmente em África, o Brasil necessitava da prévia unificação ortográfica, visto a norma seguida pelos países africanos de língua portuguesa ser a de Lisboa.

Como primeiro comentário aos argumentos usados por muitos dos que têm publicamente manifestado o seu repúdio pelo acordo, parece-me pertinente referir que não deixa de ser curioso verificar como, depois de durante tantos anos nos vangloriarmos dos milhões e milhões de seres que falam a nossa língua, começamos a pôr em dúvida se, de facto, a falam. Daí que todos os argumentos do tipo «unificação pelos crioulos» tenham um certo sabor a ridículo. A norma-padrão do português do Brasil nada tem de crioula e é tão legítima e tão apta para a comunicação como a norma portuguesa. Não é com preconceitos neocoloniais que defendemos a nossa língua. Não será também com acordos ortográficos, convenhamos, mas o presente acordo impunha-se como uma necessidade inadiável, tantos eram os inconvenientes da dupla grafia de muitas das palavras portuguesas. Mais ainda: não é verdade que sejam os brasileiros os únicos responsáveis pela existência das duas normas ortográficas. Foram os portugueses os primeiros a legislar unilateralmente sobre a ortografia da língua em 1911, provocando uma primeira ruptura.

Um dos principais aliados dos contestatários do acordo tem sido a ignorância da opinião pública portuguesa em relação ao verdadeiro alcance da reforma, assim como das divergências actualmente existentes entre as duas ortografias. Há mesmo quem acredite (incluindo professores de Português) que se vai passar a adoptar a norma brasileira quando, afinal, o caminho seguido foi o da unificação pela simplificação que acaba por envolver igualmente as duas normas.

O problema é cultural e político, sem dúvida, mas é também, e é sobretudo, um problema técnico. A ortografia não é a língua e se é possível unificar a ortografia já não é possível, nem sequer desejável, unificar totalmente as duas principais normas cultas do português. Muitos dos factores de diversidade linguística são de ordem sintática e não ortográfica e ficaram, por isso, fora do âmbito do acordo. Refiro-me, por exemplo, aos casos de diferente regência preposicional e às diferenças na utilização e colocação de pronómes pessoais. Para o bem e para o mal a norma-padrão do português brasileiro vai continuar a ser diferente da do português de Portugal, distinção maior do que aquela que separa as várias normas cultas do castelhano ou do inglês. Não há assim razão para temer que a Assembleia da República um destes dias aprove uma lei que nos obrigue a falar e a escrever qualquer exótico crioulo português da Malásia ou da América Latina. Tanto mais que, rezam as gramáticas, os crioulos não são português uma vez que se afastaram tanto da língua-mãe que deixaram de poder ser considerados variedades desta. Haja Deus!

Tem-se falado bastante na escolha que há a fazer entre uma língua falada por, dentro em breve, 200 milhões de pessoas, de que seremos co-proprietários ou uma língua de 10 milhões de que seremos os proprietários exclusivos. Essa escolha tem realmente de ser feita, mas nem me parece a questão essencial. Se a língua falada nos dois lados do Atlântico, e noutros espaços ditos lusófonos espalhados pelo Mundo, é a mesma, escrevê-la com sinais gráficos idênticos não é apenas uma forma de facilitar a vida às instituições internacionais que, quando têm de redigir textos em português, deparam com a existência de duas normas ortográficas (e optam naturalmente pela brasileira); não é só uma maneira de permitir a cooperação luso-brasileira na defesa e expansão da língua comum e acabar de vez com a paranóia, surgida de tempos a tempos no Brasil, da existência de uma «língua brasileira»; é principalmente um acto de inteligência.

As alterações na ortografia da nossa língua, caso seja aprovado o acordo pelo poder legislativo dos vários países interessados, são notórias embora não susceptíveis de abanar os sólidos alicerces da língua portuguesa. As mais significativas (as únicas verdadeiramente significativas) são o desaparecimento das consoantes mudas e a abolição da maioria dos acentos e casos de emprego do hífen. A conservação das consoantes mudas tem sido justificada em nome da etimologia e da sua função de indicadoras da abertura da vogal anterior: se a razão do seu uso é etimológica não se compreende porque se escreve atitude e não atitude e quanto à sua função de abertura da vogal anterior o mínimo que se pode dizer é que é condição suficiente mas não necessária pois o timbre da vogal central é exactamente o mesmo em palavras como acto, rato, facto ou fato. Coisa semelhante se pode dizer em relação à acentuação gráfica: é discutível a sua necessidade quando línguas tão importantes como o inglês ou o latim vivem e viveram sem acentos gráficos. Não são os acentos que nos ensinam a pronunciar correctamente as palavras pois a aprendizagem oral da língua precede a aprendizagem da escrita (a maioria das palavras portuguesas não são acentuadas graficamente e isso não nos impede de as pronunciarmos com correcção). Isto para não referir a principal enfermidade do complexo sistema de acentuação da língua portuguesa: é tão complexo que a maioria dos utentes da língua não usa os acentos. Quanto à composição e prefixação o critério que presidiu às alterações introduzidas foi o da racionalidade: passam a grafar-se aglutinadamente todos os compostos que não apresentam concordância interna. O hífen mantém-se apenas «quando se trate dos prefixos sem, ex (no sentido de cessamento do estado anterior), vice, vizo, alem, recem, aquem ou prefixos que têm acento gráfico próprio (como pós, pré, pró)». Quanto à queda do h interior nos casos de aglutinação, já era prática corrente: vai escrever-se superomem como já se escrevia lobisomem ou desumano.

Visto isto, não me parece que alguém possa considerar um crime contra a língua portuguesa as modificações propostas. Elas apontam para o futuro mesmo quando, como no caso da acentuação gráfica, sejam um regresso à tradição. Não será mais desleal, quando mesmo na Galiza se luta pela inserção do galego no espaço linguístico afrolusobrasileiro, regressarmos à política do «orgulhosamente sós»?

António Apolinário Lourenço

Professor de Português no Ensino Preparatório, Licenciado em História

Janelas indiscretas XXXI

Movimentos imperceptíveis no quadro da reflexão

UMA vez seguro do corte definitivo com a natureza (animal e vegetal) e da penetração no mundo da reflexão, o sedutor empreende o pôr em circulação exacto dos objectos nos lugares. Qualquer objecto circulante tem um valor, promete um interesse, adquire um estatuto monetário pela sua própria circulação. É o movimento do objecto, a sua difusão, que lhe confere o seu valor. Assim, as palavras lançadas pelo sedutor, as conversas conduzidas, à queima-roupa, com a tia da jovem sobre assuntos — aparentemente — aborrecidos e desprovidos de sedução, tais como os preços agrícolas, revelam-se de facto um capital precioso que provoca no momento previsto, a curto ou a longo termo, o desejado efeito de sedução. É, aliás, importante sublinhar que estas conversas insípidas se referem a temas económicos. Do mesmo modo que a discussão dos preços agrícolas ou do custo da vida servem para camuflar o progresso do discurso sedutor — (de resto, o próprio Johannes sublinha a importância da pontuação e de todos os signos «menores»: «como é belo, quantomais o parêntesis aligeira o seu conteúdo, mais pesa o sentido deste» (1) — também a presença primeira do sedutor que se resume na de um ser-ali, de um **Desein,** de um corpo evidente e com o seu peso, grave no sentido físico mas também no sentido da fisionomia, mascarará a presença incómoda, porque invisível, de um corpo aéreo, do aparecimento do **Sein** ao olho do espírito. Cordélia descreve o sedutor como um incorporal: «quando eu o envolvia então com o meu braço, tudo mudava de súbito e eu não estreitava senão uma nuvem» (1, pág. 290).

Desde o início da sua encenação, o sedutor aposta no poder do insignificante, na força do minúsculo; se ele começa por escolher o papel de um jovem insípido, é para melhor caçar a sua presa e penetrar, já, o mundo incorporal da reflexão tornando-se insignificante, quer dizer, invisível. Ao olhar oblíquo corresponde um movimento oblíquo; o sedutor recusa-se a encontrar Cordélia cedo de mais, prefere desperdiçar ocasiões e o gasto puro da sua energia de caçador; ele sabe que, no fundo, esse desperdício faz parte do rendimento do capital. Portanto, Johannes não avança em linha recta para se cruzar com Cordélia, encará-la. Anda-lhe em volta, passa tangente: «Afloro a sua existência, sem lhe tocar» (1).

O imperceptível movimento do invisível corresponde ao investimento do capital que dá lugar ao gozo erótico: «não lamento o tempo que Cordélia me custa, apesar dela me tomar muito... sou quase invisível quando estou materialmente ao seu lado... sou eu que, presente ao olhar, sou invisível, e que, ausente para o olhar, sou no entanto visível... Sou flexível, maleável, impessoal, quase reduzido ao estado de vaga percepção» (1). Para penetrar sub-repticiamente o pensamento de Cordélia, produzir nele certos efeitos, o sedutor utiliza, além do mais, a circulação do livro através de um terceiro, o pseudopretendente Eduardo.

Johannes escolhe os livros, dá-os a Eduardo que por seu turno os entrega a Cordélia. Mas é Johannes que os lê em voz alta, fechando assim o círculo e capturando nele o espírito da rapariga graças às impressões deixadas pela leitura.

Como o movimento se efectua no **lugar,** o sedutor dedica-se especialmente ao exame minucioso da deslocação. O movimento em si, ou o lugar em si não contam, o que importa é a relação entre o movimento e o lugar e o efeito que dela decorre. No momento em que Johannes decide mudar de ritmo na realização do seu plano, modifica ao mesmo tempo a sua posição na sala deslocando a sua cadeira: «os meus trabalhos de aproximação progridem pouco a pouco; passo a ataques mais directos. Para indicar essa mudança no mapa das minhas operações nesta família Wahl, direito que agora coloco a minha cadeira de modo a ficar de flanco para Cordélia» (1). Num segundo tempo, o do noivado, Johannes coloca a cadeira em função da sua nova relação com a rapariga: «Ela está sentada no sofá diante da chávena de chá, e eu tomei uma cadeira a seu lado... O modo de nos colocarmos tem sempre uma grande importância, sob condição, evidentemente, de ter consciência disso» (1).

Como qualquer arranjo espacial produz necessariamente um efeito, o mais anódino e supérfluo dos elementos decorativos mostra ser, de facto, essencial. Trata-se, portanto, de criar a instalação do cenário, a todos os níveis, incluindo o da linguagem, que engendra efeitos de sentido mais profundos pela utilização de certo tom em vez de outro, ou pela significação das palavras empregues: «mesmo que me recordasse de cada uma das nossas palavras, não conseguiria reproduzir a atmosfera que dá às frases o seu tom mordente, as exclamações de surpresa, a tónica apaixonada que é o nervo da conversa» (1). Efeitos acústicos acompanham os efeitos óptimos; o sedutor joga com a perspectiva, transformando o quarto em barco graças a uma distanciação calculada em relação à janela: «como estamos longe da janela, o nosso olhar perde-se depressa na imensidade do céu e do horizonte, e assim aumenta a nossa ilusão» (1). A realidade torna-se numa série de quadros, numa galeria onde se impõe a escolha judiciosa de um ponto de vista, onde cada imagem desperta recordações enterradas, e onde cada quadro pintado pelo sedutor, ou ainda cada fragmento de cenário situado num instante preciso da longa perseguição da obra-prima, deve produzir, na rapariga, a inquietante estranheza do **já-visto:** «O enquadramento tem sempre a maior importância, sobretudo para recordar» (1, pág. 363).

Chaké Matossian

Nota:
(1)**Journal du Séducteur, Ed. De L'Orante,** Paris.

O Mundial de que mais gostei

Continuação da pág. 5

irmão na Guiné. Eramos pra aí umas mil pessoas na manif. Foi a um sábado. Concentrámo-nos no Marquês de Pombal, às 4 da tarde, e lá fomos a penantes até ao Palácio de Belém. Era gente de muita parte e alguns de longe de Lisboa. Ao meu lado ia uma mulher da Ericeira, que tinha um filho em Moçambique. Durante o caminho fartou-se de me falar num sobrinho, qu morrera na Guiné, na explosão de uma mina...

(Um intervalo de silêncio. E de novo o pretérito, desta feita com os seus olhos a procurarem os meus).)

— Quase a terminar o Mundial, aconteceu uma coisa que foi fundamental para a minha opção partidária... Calcula o que foi).?...

(Faz uma curtíssima pausa e fita-me mais insistentemente. Mas é óbvio que não espera qualquer resposta).

— ...Foi o comício do Partido Socialista em Lisboa, com o Mitterrand, que agora é presidente da França. Até ali só tinha assistido a coisas do PC... É giro, mas ao CDS e ao PSD nunca me deu para ir... E também são partidos democráticos não é verdade?... Mas em relação ao PC e ao PS, pensei que devia ouvir os dois, pra escolher mais em consciência. E fiz bem, não acha?... O Pavilhão dos Desportos estava completamente cheio. Não cabia mais ninguém... Nunca mais me esquece. O Mário Soares em camisaé de colarinho desabotoado e o Mitterrand ao l ado, de casaco e gravata muito bem posta... Quando se cantou a Internacional e o Hino Nacional foi um coro formidável. Eu não sabia a letra da Internacional, embora já a tivesse ouvido nos comícios do PC. Mas acompanhei o melhor que pude... Guardou-se um minuto de silêncio em memória do Salvador Allende e gritou-se uma data de vezes «Abaixo Pinochet». Depois falaram vários oradores e um deles foi o Salgado Zenha, que defendeu o programa do Movimento das Forças Armadas e acusou os reaccionários de tentarem desorganizar a economia do País.

(Afaga a palma de uma das mãos com os dedos da outra e silência uns instantes.)

— ... A seguir falou o Mário Soares e digo-lhe que o discurso dele teve sobre mim um efeito extraordinário... Foi como se o homem estivesse a falar só comigo, percebe?... Ele ria, ele gozava com o Salazar, ele dizia coisas muito sérias... sei lá... O Soares não discursava: conversava com todos nós ao mesmo tempo. E eu sentia-o tão próximo de mim, que você nem calcula... Era como se estivesse a meu lado, a falar comigo numa roda de amigos... Sabe: é muito difícil de explicar... Só lhe digo que passados poucos dias fui inscrever-me no PS...

(Pausa)

— O Soares disse que o Partido Socialista estava aberto a todas as forças democráticas para fazer um programa de unidade até às eleições e para além delas... Mas o Mitterrand, com uma pessoa a traduzir, disse uma coisa que me impressionou. Foi mais ou menos isto: «Tudo é dinheiro. E pelo poder do dinheiro esmaga-se a vontade popular. É por isso que vos digo: conservai-vos unidos. O caminho será difícil.» ... É curioso, não acha?... Parece que o gajo advinhava o que veio a seguir, com cada um a puxar pra seu lado...

(Regressa ao tema «futebol», sem introdução prévia.)

— Mas à transmissão dos dois últimos jogos do «Mundial» é que faltei. Esses é que não trocava por nenhum comício... Para o terceiro e quarto lugares houve o Polónia-Brasil e os polacos ganharam por 1-o. E certo que o Brasil podia ter marcado um ou dois golos, mas nunca foi superior à Polónia. Também é verdade que os p olacos, talvez por cansaço, não estiveram tão bem como contra a Itália... Ah, mas a final é que foi uma coisa muito séria... Qualquer dos dois, a Alemanha Federal e a Holanda, merecia ganhar... Os holandeses jogaram muito bem, mas os alemães foram mais espertos: secaram o Cruyff e depois foi uma questão de aproveitar duas ocasiões de golo... Logo a abrir, mesmo, mesmo no primeiro minuto, «penalty» contra os alemães e a Holanda a ganhar por 1-0. Mais ou menos à meia hora, outro penalty», este contra os holandeses, e 1-1. Mas foram «penaltys» sem golpada, hem? O árbitro não as cortou... Houve jornalistas que consideraram um bocado forçada a segunda grande penalidade. Eu acho que não. Faltava um minuto para acabar a primeira parte e o Muller aproveitou uma distracção dos defesas holandeses pra fazer o 2-1, que foi o resultado final. Mas só lhe digo que todos deram o litro... Faço ideia quanto não seria o pilim da vitória... Aí a meio do primeiro tempo aquilo aqueceu um bocado, mas não houve cacetada, como o Brasil-Holanda. Ah, mas foi cá uma jogada...

(Pausa rápida e uma risadinha)

— ... Se calhar estou pra aqui a falar de mais e não lhe interessa a maior parte das coisas que lhe contei... Você vai escrever isso tudo?...

(Aponta para o bloco de notas e faz um gesto na direcção do pequeno gravador, face ao qual continua a manifestar o maior à vontade.)

— .....

— Bem: sendo assim ainda me lembro de mais coisas. E de algumas delas lembro-me tão bem, que às vezes pergunto a mim próprio se passou mesmo uma dúzia de anos...

(Nova pausa, logo interrompida por uma gargalhada.)

— ...E as sessões de canto livre?... Todos os dias eram duas e três e só tínhamos de escolher quais os artistas que desejávamos curtir ao vivo, como diz agora a malta nova.

(Pausa curta)

— Ah!...

(Uma gargalhadinha.)

— ...A proósito de cantigas: nesta altura do Mundial, quase já no fim, a TV deu imagens de uma manifestação de artistas de variedades, a favor do seu sindicato. Apareceram no ecrã a Amália Rodrigues de braço dado com a Maria Dulce, e a Simone de Oliveira e o Fernando Farinha, todos a subirem o Chiado juntamente com muitos outros artistas. Depois deram um espectáculo ao ar livre no Largo Camões, com milhares de pessoas a assitirem... Foi giro à brava.

(Mais uma pausa. Talvez a última. Engole o que resta do café, há muito esquecido na chávena, e os seus olhos imobilizam-se outra vez, algures para além de mim. Extingue-se aos poucos o quase sortilégio. Agora o silêncio já nos incomoda a ambos e importa cindir esta cumplicidade de algumas horas, que nos afectou, aos dois e que, estou em cré-lo, por razões não coincidentes, em absoluto, tanto eu como ele não gostaríamos de prolongar. Procura, sem dúvida, o pretexto; a forma mais ou menos hábil de quebrar a intimidade circunstancial, que entre nós se acabou por estabelecer.

— ...Mas tudo isto já lá vai, não é? E a gente não vive de recordações. As recordações não dão de comer e o que passou, passou... Mas foi bonito. Palavra que foi. Pelo menos cá no meu ver... Às vezes ponho-me a olhar para os chavalos novos, aí de 16 e 17 anos, e penso que apesar deles já terem a democracia, a CEE e tudo isso, eu não trocava a vida deles pela minha. Vivi um tempo fabuloso. Para mim esses meses a seguir ao 25 de Abril valeram por uma vida inteira... Há quem não tenha gostado, claro, mas a vida é assim mesmo: quando uns ganham e por isso se alegram, outros perdem e ficam tristes... É como na bola. Mas cá por mim contínuo a gostar do futebol e do 25 de Abril... Olhe: há dois anos, até comprei uma camisola, um cachecol e um gorro, tudo nas cores do clube, e vou assim, todo de verde-lagarto, quando há jogos em Alvalade. Também tenho uma dessas gaitas compridas, de plástico, e toco nela que me farto durante os jogos. Vou sempre pró pé da Juventude Leonina — a Juv Leo — e, apesar dos 44 que já cá cantam, a rapaziada aceita-me sem respingar. E sou dos mais barulhentos, pode crer. Sopro na gaita até ficar sem fôlego, assobio o ábitro, chamo-lhe gatuno uma data de vezes, e saio do estádio quase sempre bem disposto...

(Pausa supreendentemente extensa.)

—... Mas às vezes, deixe-me que lhe diga, acontece-me pensar no Mundial de 74, no meio daquele chinfrim todo. Ou por outra: pensar naquele tempo, vivido como lhe contei, aqui em Lisboa. Nesses momentos, não sei bem porquê, sinto cá dentro qualquer coisa bera... Nem sei explicar bem o que é... Oh, pá, sinto-me... assim meio desgostado, tá a ver?... Aquilo dá-me forte, mas passa depressa, como se costuma dizer. Toco a gaita e volta logo a boa disposição...

(Pausa muito, muito curta.)

—...Você é capaz de me explicar por que é que sinto isto, de vez em quando?

António Esperança
Exclusivo ANOP

Um relatório esmagador sobre o desastre do Challenger

Não foi a fatalidade, concluiram os treze membros da comissão constituída pelo presidente Reagan para inquirir sobre a explosão em voo do Challenger, no dia 28 de Janeiro passado. Essa catástrofe, transmitida em directo pela televisão e que deixou a América estupefacta, tinha causas e essas causas são esmagadoras para a NASA.

No relatório apresentado no dia 9 de Junho, a comissão estabeleceu que, tecnicamente falando, a destruição do Challenger foi provocada pela combustão de junturas de impermeabilidade no foguetão da direita do cargueiro do espaço. Foi, com efeito, a falta dessas junturas do booster direito que provocou uma fuga de gáses incandescentes que fizeram explodir o enorme reservatório suplementar de todo o vaivém, e os seus passageiros, exactamente setenta e três segundos depois de um lançamento em céu azul e por entre hurras.

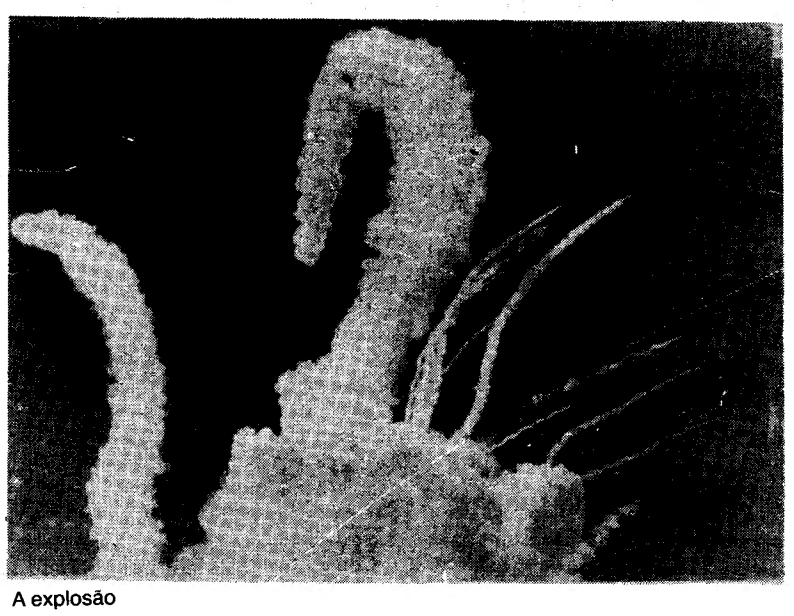
Ora essas junturas apresentaram defeito de concepção para os quais fora fortemente chamada a atenção por engenheiros da NASA já em Setembro de 1977, portanto nove anos antes do drama. Depois disso, tinham sido assinalados por várias vezes problemas e marcas de erosão, particularmente depois do lançamento de 24 de Janeiro de 1985, que fora realizado com tempo frio. Estava-se a um ano da catástrofe e os estudos e testes suplementares efectuados nos meses seguintes fizeram com que fosse recomendado que se evitasse um lançamento a temperturas inferiores a 11ºC.

O de 28 de Janeiro passado teve, no entanto, lugar quando o termómetro não indicava mais de 2.ºC em Cap Canaveral. Nestas condições, achou a comissão de inquérto presidida pelo antigo secretário de Estado William Rogers, a decisão de lançar o Challenger era um erro. Os que tomaram essa decisão não estavam ao corrente da recente série de problemas ligados às junturas nem da primeira recomendação escrita do empreiteiro Thiokol (o fabricante do booster), desaconselhando um lançamento a temperaturas situadas abaixo de 53 graus Fahrenheit.

«Roleta Russa»

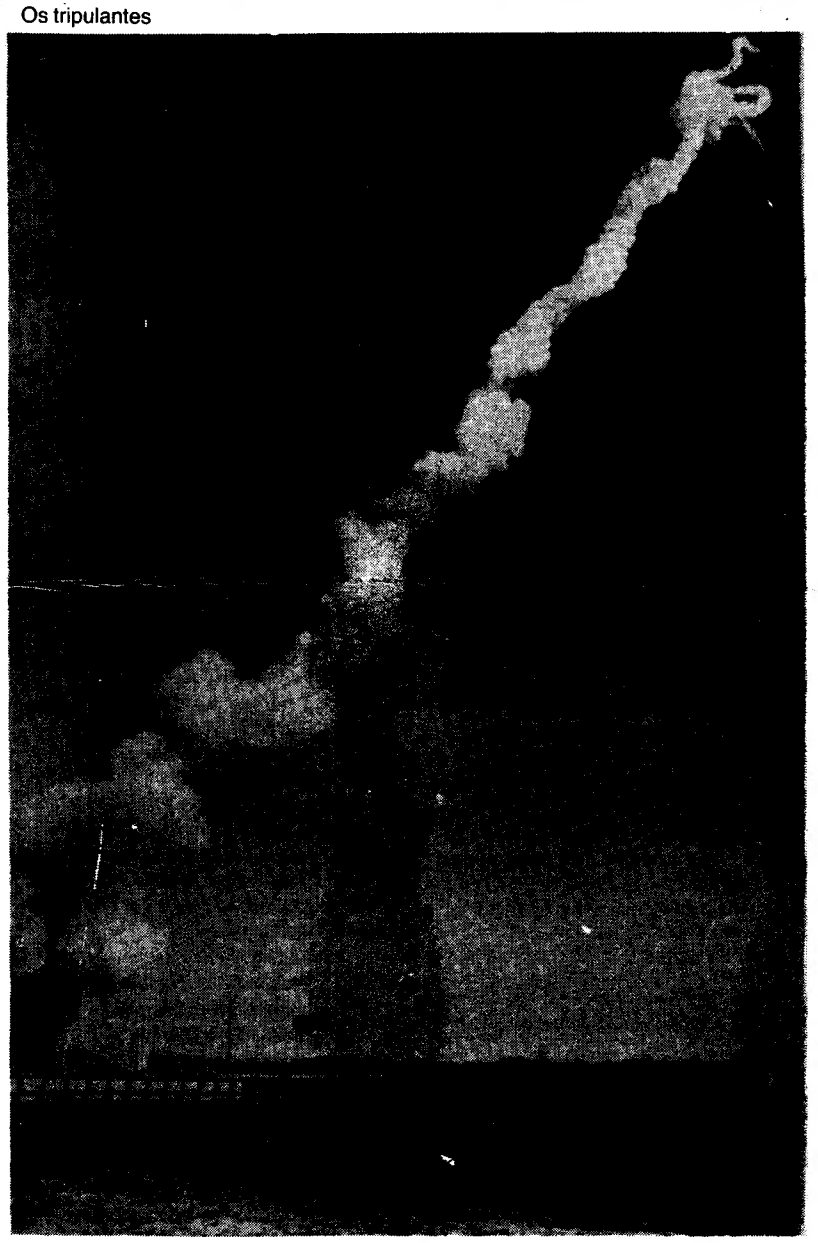
O título do capítulo seguinte — *Um acidente de raízes históricas — é uma acusação por si só e nele se lê: O problema do foguetão do vaivém espacial começou com a má concepção das suas junturas e desenvolveu-se quanto tanto os responsáveis da NASA como os do empreiteiro se abstiveram de lhe dar uma solução e a trataram por fim como a um risco aceitável (...).*

Enquanto aumentavam tanto o número como a gravidade dos prolemas ligados à juntura a NASA minimizava-os (e) a posição afirmada por Thiokol era que se a situação não era desejável, era, pelo menos, aceitável, prosseguem os treze membros da comissão antes de acrescentar que chegaram à conclusão de que *nem Thiokol nem a NASA responderam de modo adequado às chamadas de atenção internas.* Tanto o primeiro como a segunda jogaram de facto a *uma espécie de roleta russa* aceitando sempre o risco porque das outras vezes as coisas tiinham corrido bem.



A explosão

Os tripulantes



A principal razão encontrada pela comissão para essa recusa em veer está ligada às *pressões* suscitadas pela vontade de se conformar a um programa *super ambicioso* de vinte e quatro voos por ano a realizar até 1990. Estas **pressões sobre o sistema** foram exercidas em detrimento das regras de segurança com tanto mais facilidade dá a entender o relatório, *quanto à atitude da NASA reflectiu historicamente a ideia de que podemos fazer tudo — um optimismo que , para ter fundamento deve ser temperado pela compreensão de que a NASA não pode fazer tudo.*

Depois de ter ouvido cento e sessenta testemunhas durante trinta e cinco sessões — e cuja transcrição ocupa doze mil páginas — os treze *recomendam* uma modificação completa das junturas incriminadas, com a supervisão não da NASA mas do Conselho Nacional para a investigação (NRC). Os testes exigidos pela comissão deverão em segundo lugar, ser efectuados em condições *tão próximas quanto possível das de um lançamento real* — o que exigir investimentos pesados e processos complexos.

As estruturas de direcção de programa dos vaivéns deverão em terceiro lugar ser profundamente modificadas, de modo a associar-lhes muito mais estreitamente os astronautas que, de um modo geral, a comissão deseja que tenham um maior papel do seio da Nasa.

Quarto ponto: a Agência deveria estabelecer um ritmo de voo *correspondente aos seus recursos* de modo a nunca mais negligenciar os processos estabelecidos. Por fim, os Estados Unidos não deveriam mais repousar simplesmente nos vaivém para a exploração espacial e o lançamento de satélites — conselho este antecipado pelo Pentágono, que já encomendou uns dez lançadores tradicionais para as suas próprias necessidades que se arriscam, pensa-se a ter prioridade quando os voos do vaivém recomeçarem (1).

Em princípio isso deveria acontecer daqui por treze meses, mas este prazo, embora reafirmado no dia 9 pelo director da Nasa, James Fletcher, é cada vez considerado mais irrealista. É todo o programa espacial americano que hoje está em suspenso até à definição de uma nova política de conjunto.

A empresa será complicada pelas suas profundas implicações militares e pela amplidação dos sacrifícios financeiros que exigirá num período de austeridade orçamental — pela importância, numa palavra, das escolhas estratégicas que exige. Por outro lado, a América vê-se confrontada com um desafio e já provou cem vezes que só há outra situação em que sabe mobilizar-se ainda com maior eficácia: a defesa dos seus mitos.

De todos os mitos americanos, a NASA era decerto um dos mais queridos.

NOTA:

(1) os Estados Unidos dispõem actualmente de três vai-vem (Columbia, Discovery e Atlantis), e uma das primeiras decisões que Reagan vai ter que tomar, é ordenar ou não a construção de um quarto, que custaria à volta de três mil milhões de dólares.

Mensagens Pessoais

Cento e dez discos

Vendo Antologia da Música Europeia, oito cofres com 110 discos novos, preço 20 000$00. Tel. 675002

Filmar e projectar

Vende-se máquina filmar super 8 sonora Bell & Howell MS30 nova e máquina projectar Bell 8 Howell Mamiya co model 335T nova bom preço. Trata Tel. 2340339

Zenit 11

Vendo Zenit 11 Ë objectiva 135 mm F: 2,8 + objectiva 200 mm F: 4 tudo por 45 000$00. Contactar: Pedro Nobre Tel. 2766891.

Fotógrafo

Fotógrafo com experiência-/equipamento oferece-se para colaborar com casas fotografia área Lisboa para cobertura casamentos/baptizados/outros acontecimentos. Pormenores a combinar. António Fialho — Telefone (dias úteis partir 18 horas) 2294378 — Almada.

Albufeira

Junto à Praia da Galé alugo vivenda a estrear com condições para dois casais amigos, com 3 quartos, sala comum, cozinha e 2 casas banho, meses Junho a Setembro. Trata Tel: 2202674 Almada

Sintra — Penedo

Alto da Serra, terreno vendo 1720 metros quadrados; Dupla vista de Mar e Serra; Autorização legal de construção; Confina com estrada; Tel. e electricidade próximos; 3 500 contos Tel. 766298

Tavira-Algarve

Alugo casa bem equipada na 1.ª quinzena de Julho e 2.ª de Setembro. Tel. 362608

Electricistas

Estabilizador automático de tensão, estado novo, marca APOLLO, 250 V.A., estabilização 1,5 V x ± 20%, vendo por 3000$00. Tel. 801782 (noite, dias úteis)

Roulotte

Vende-se roulotte ano 1981 em bom estado, marca Flecha. Tel. 820794

S. Pedro de Moel

S. Pedro de Moel apartamento Junho, Julho, Agosto, Setembro T. 044/52652

Pedras d'El Rey

Alugo apartamento nas Pedras d'El Rei-Tavira TO, nos meses de Julho a Set.º. Quinzenas ou meses completos. Situa-se em aldeiamento com piscina e todas as infra-estruturas.

Informa condições através do tel. 084-/22352

Portimão

Aluga-se apartamento 2 km. Praia da Rocha. 3 quartos, amplo terreaço. Telefone 2420013

Terreno Fonte da Telha

Lote de terreno com vivenda em fase de acabamento, em zona de praias, junto à Marisol cruzamento Fonte da Telha, Praia do Rei. Costa da Caparica. Exactamente pelo preço de custo de há dois anos.

Telefonar para — Máximo — 2764996 ou 044/53604 Leiria

Móveis quarto

Um roupeiro-cama em tola, muita arrumação, (pode tirar-se a cama).

Um guarda-fato casal, cómoda, e mesa de cabeceira pouquíssimo uso. Duas camas iguais, pessoa só, em castanho, bom estado. Dois candeeiros de pé sem estilo. vulgares

Olival Vidigueira

Vendo terreno com 7 hectares, com olival casa de habitação nova, água própria canalizada, luz trifsica da rede. Exploração do olival em 1985 — 20 toneladas de azeitona. Pode servir para novas culturas e até plantação de vinha, zona demarcada da Vidigueira, Localização Estrada de Vera Cruz a menos de 2 Kilómetros da Vidigueira Informa telefone 084/22352